



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO - CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Lara Lima Felisberto

Espaço Público, Forma e Apropriação: Uma leitura da Praça Santos Dumont em
Florianópolis (SC).

Florianópolis
2024

Lara Lima Felisberto

Espaço Público, Forma e Apropriação: Uma leitura da Praça Santos Dumont em Florianópolis (SC).

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof. Almir Francisco Reis, Dr.

Florianópolis

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Felisberto, Lara Lima

Espaço Público, Forma e Apropriação : Uma Leitura da Praça Santos Dumont em Florianópolis (SC) / Lara Lima Felisberto ; orientador, Almir Francisco Reis, 2024.

133 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Espaço Público. 3. Praças. 4. Configuração Urbana. 5. Apropriação. I. Reis, Almir Francisco. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Lara Lima Felisberto

ESPAÇO PÚBLICO, FORMA E APROPRIAÇÃO: Uma leitura da Praça Santos Dumont em Florianópolis (SC)

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 05 de fevereiro de 2024 pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof Maíra Longhinotti Felipe, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Eduardo Nogueira Giovanni, Dr.
Universidade Estadual de Santa Catarina
Membro externo

Prof. Renata Franceschett Goettems, Dra.
Universidade Federal da Fronteira Sul
Membro externo

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof. Almir Francisco Reis, Dr.
Orientador(a)

Florianópolis, 2024

AGRADECIMENTOS

Ao meu Divino Espírito Santo, por cada momento em que fechei os olhos, pedi por iluminação e fui atendida. Obrigada por sempre saber o que é melhor para mim e por guiar meu caminho de forma sublime.

Aos meus pais, Carine e Jorge, obrigada por todo o incentivo à leitura e ao ensino. Obrigada por serem os maiores apoiadores dos meus sonhos e por me cobrirem de amor incondicional por toda a minha vida. Essa conquista também é de vocês.

Ao meu querido irmão Mu, agradeço por trazer alegria, conversas e música para a nossa casa. Você é o meu presente mais precioso e a minha pessoa favorita.

Às mulheres da minha família, que representam uma força incrível, vocês são grandes inspirações na minha vida.

Rita, minha companheira de lar em Floripa, agradeço por cada risada, colo e ombro amigo. Você é a irmã que escolhi.

Bia e Kássia, amigas especiais que a jornada acadêmica me presenteou, espero que nossa conexão perdure para além dos corredores acadêmicos.

Simone, minha pilota favorita, agradeço por cada viagem até a UFSC repleta de conversas agradáveis e risadas.

Maria, Lara e Cris, obrigada por serem as minhas melhores amigas da vida!

Bruna e Gustavo, obrigada por serem a família que a arquitetura me deu de presente.

Às minhas “amigas virtuais”, que sempre foram muito mais do que isso: Ana Carolina e Heloisa.

Ao Prof. Almir Reis, agradeço por cada orientação compartilhada entre cafés e bolos. Seus ensinamentos continuarão a guiar minha jornada acadêmica.

À Prof^a. Juliana Biasi, minha querida amiga e mentora, expresso minha gratidão por abrir as portas do mundo acadêmico para mim. Você será sempre minha inspiração.

Agradeço imensamente aos membros da banca de qualificação, Prof^a. Maíra Longhinotti Felipe e Prof. Ayrton Bueno, cujas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento contínuo deste trabalho.

Expresso minha gratidão aos membros da banca final por aceitarem o convite e por enriquecerem esta etapa com seus valiosos conhecimentos: Prof^a. Renata Goettems e Prof. Eduardo Nogueira.

À CAPES, expresso meu agradecimento pelo auxílio e financiamento destinados a esta pesquisa.

Agradeço a cada pessoa que cruzou meu caminho ao longo desta trajetória, contribuindo de alguma forma para a construção deste trabalho. Cada ensinamento será levado por mim para sempre.

RESUMO

Os espaços públicos desempenham um papel fundamental ao proporcionar interações entre diversos agentes sociais. No âmbito dessa importância, surge a necessidade de avaliar a apropriação desses espaços e compreender as diversas formas que geram diversidade, explorando a relação entre a configuração urbana e a utilização desses locais. A Praça Santos Dumont, objeto empírico desta pesquisa, é uma centralidade no bairro Trindade, em Florianópolis (SC), caracterizando-se pela diversidade de usos em seu entorno, abrangendo equipamentos da Universidade Federal de Santa Catarina, edificações históricas e religiosas do bairro, bem como dois importantes centros comerciais. O objetivo deste estudo é realizar uma análise da relação entre a apropriação e a forma urbana da Praça Santos Dumont, identificando como os elementos configuracionais influenciam a utilização do espaço pelos diferentes públicos. É importante destacar que o trabalho não busca estabelecer um determinismo espacial, mas sim explorar potencialidades e estabelecer relações. A análise da forma inclui mapeamentos da inserção urbana, tipologias do entorno, identificação de ilhas espaciais, medições e análises realizadas no local, juntamente com uma avaliação dos elementos projetuais do espaço. A investigação da apropriação envolve entrevistas e questionários aplicados de forma presencial e online, contagem e mapeamento de pedestres no local, bem como a coleta de mapas comportamentais. Os resultados revelam que a Praça Santos Dumont desempenha o papel de uma esquina do bairro, atuando como ponto de interface entre os usos residenciais, comerciais e universitários. Além disso, ela representa a transição entre duas configurações morfológicas distintas: o traçado da cidade tradicional e da cidade modernista. Quanto ao processo de apropriação, destaca-se uma intensificação dos usos durante eventos específicos, como a feira de hortifrutigranjeiros, trotes universitários e festas temáticas. Entretanto, as atividades também ocorrem em outros períodos, sendo mais prevalentes nas ruas adjacentes à praça, com uma diminuição do fluxo interno e das atividades de permanência, principalmente nos finais de semana e fora dos horários comerciais. Portanto, é evidente que a configuração urbana local está intrinsecamente ligada ao modo como as pessoas interagem com esse ambiente, conforme evidenciado pelas conclusões desta pesquisa. Destacam-se a importância dos usos mistos integrados e dos aspectos projetuais, como uma distribuição mais eficiente das atividades dentro do espaço da praça, apesar de suas consideráveis variações de nível. Essas descobertas fornecem subsídios para aprimorar o ensino de arquitetura e urbanismo, além de capacitar os profissionais da área a conceber espaços públicos mais humanizados.

Palavras-chave: Urbanidade. Copresença. Vitalidade. Configuração Urbana.

ABSTRACT

Public spaces play a fundamental role in facilitating interactions among various social agents. Within this context, there arises the need to assess the appropriation of these spaces and understand the diverse forms that generate diversity, exploring the relationship between urban configuration and the use of these locations. The Santos Dumont Square, the empirical object of this research, is a focal point in the Trindade neighborhood of Florianópolis (SC), characterized by a diversity of uses in its surroundings, including facilities of the Federal University of Santa Catarina, historical and religious buildings in the neighborhood, as well as two important commercial centers. The objective of this study is to conduct an analysis of the relationship between appropriation and urban form of Santos Dumont Square, identifying how configurational elements influence the use of space by different audiences. It is important to emphasize that the work does not seek to establish spatial determinism but rather to explore potentials and establish relationships. The analysis of form includes mappings of urban insertion, typologies of the surroundings, identification of spatial islands, measurements and on-site analyzes, along with an evaluation of the design elements of the space. The investigation of appropriation involves interviews and questionnaires applied in person and online, pedestrian counting and mapping on-site, as well as the collection of behavioral maps. The results reveal that Santos Dumont Square plays the role of a neighborhood corner, acting as a point of interface between residential, commercial, and university uses. Furthermore, it represents the transition between two distinct morphological configurations: the layout of the traditional city and the modernist city. Regarding the appropriation process, there is an intensification of uses during specific events, such as the fruit and vegetable market, university initiations, and themed parties. However, activities also occur at other times, being more prevalent on the streets adjacent to the square, with a decrease in internal flow and permanence activities, especially on weekends and outside of business hours. Therefore, it is evident that the local urban configuration is intrinsically linked to how people interact with this environment, as evidenced by the conclusions of this research. The importance of integrated mixed uses and design aspects, such as a more efficient distribution of activities within the square space, despite its considerable level variations, is highlighted. These findings provide insights to enhance the teaching of architecture and urbanism, as well as to empower professionals in the field to design more humanized public spaces.

Keywords: Urbanity. Co-presence. Vitality. Urban Configuration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do objeto de estudo.....	17
Figura 2 – Fórum romano.....	21
Figura 3 - Modelo progressista de cidade desenhado por Charles Fourier em 1845	23
Figura 4 - Traçado urbano da cidade-jardim	24
Figura 5 - Brasília e o desenho das superquadras.....	26
Figura 6 - As transformações do espaço público segundo Holston.....	27
Figura 7 - Mapa de espaços positivos e negativos. à esquerda o espaço negativo e à direita o espaço positivo.....	30
Figura 8 - Mapa axial da cidade de Londres	31
Figura 9 - Mapa dos espaços públicos da cidade de Londres.....	31
Figura 10 – Classificação das atividades no espaço público	37
Figura 11 - Estrutura metodológica	40
Figura 12 - Direções das ruas adjacentes da Praça Santos Dumont.....	52
Figura 13 - Bairros do entorno da Praça Santos Dumont.....	53
Figura 14 – Evolução histórica da Praça Santos Dumont	54
Figura 15 - A praça antes do projeto de revitalização de 2021	55
Figura 16 - Praça Santos Dumont e entorno	56
Figura 17 - Bairro Trindade no contexto da cidade de Florianópolis e bairros do entorno	58
Figura 18 - Praça Santos Dumont no contexto do Bairro Trindade	59
Figura 19 – Mapa de ilhas espaciais	61
Figura 20 - Distinções morfológicas no entorno da Praça Santos Dumont	63
Figura 21 - Dimensões do espaço.....	64
Figura 22 – Uso do solo: Praça Santos Dumont e entorno	65
Figura 23 – Portas e janelas no entorno Praça Santos Dumont.....	67
Figura 24 - Fachada da Av. Desembargador Vitor Lima	69
Figura 25 - Fachada da Tv São Lourenço de Brindes.....	69
Figura 26 - Fachadas da Rua Lauro Linhares	70
Figura 27 - Corte esquemático	73
Figura 28 - Acessos da praça.....	74
Figura 29 - Caminhos da Praça Santos Dumont.....	75
Figura 30 - Atividades dos lugares criados	77

Figura 31 - Arborização da Praça.....	78
Figura 32 - Planta baixa da Praça Santos Dumont e seus equipamentos	80
Figura 33 - Equipamentos da praça	81
Figura 34 - Localidades dos usuários.....	85
Figura 35 - Perfil dos usuários.....	87
Figura 36 - Leitura dos fluxos em dia de semana.....	91
Figura 37 - Leitura de fluxos em final de semana.....	93
Figura 38 - Mapas comportamentais coletados durante um dia de semana	96
Figura 39 - Mapas comportamentais coletados no final de semana	98
Figura 40 - Mapa comportamental coletado em horário de feira	99
Figura 41 - Apropriação cotidiana diurna da Praça Santos Dumont.....	101
Figura 42 - Apropriação cotidiana noturna na Praça Santos Dumont	102
Figura 43 - Apropriações registradas durante eventos.....	103
Figura 44 - Quantidade de passagem e permanência	105
Figura 45 - Aspectos positivos conforme os usuários	107
Figura 46 - Aspectos negativos conforme os usuários.....	108
Figura 47 - Atividades praticadas pelos entrevistados	109
Figura 48 - Mudanças na praça sugeridas pelos entrevistados	111
Figura 49 - Avaliação das categorias respectivas ao mobiliário.....	112
Figura 50 - Avaliação das categorias segurança e exercícios	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese dos conceitos dos autores abordados.....	33
Quadro 2 – Síntese de objetivos e métodos aplicados pelos autores estudados	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de espaço livre público	61
Tabela 2 - Quantidade de espaços livres públicos por recorte morfológico	63
Tabela 3 - Número de portas por comprimento de rua.....	68
Tabela 4 - Quantidade de janelas e portas de cada fachada	68
Tabela 5 - Contagem de pedestres	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

IPIUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

NBR – Norma Brasileira

NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	OBJETIVO GERAL	18
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
1.3	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	18
2	REFERÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS	19
2.1	ESPAÇO PÚBLICO E A FORMA URBANA.....	20
2.1.1	A retomada do espaço público e da configuração urbana: estudos teóricos a partir dos anos 60	28
2.2	ESPAÇO PÚBLICO E APROPRIAÇÃO	34
2.2.1	A apropriação em estudos sobre a vida urbana	35
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
3.1	ANÁLISE DA FORMA.....	41
3.1.1	Inserção urbana	41
3.1.2	Atributos locais	42
3.1.2.1	Quantidade de espaço livre público	42
3.1.2.2	Dimensões do espaço.....	43
3.1.2.3	Uso do solo	43
3.1.2.4	Quantidade de portas e janelas	43
3.1.3	Arquitetura da praça	44
3.1.3.1	Características topográficas.....	44
3.1.3.2	Acessos	44
3.1.3.3	Caminhos.....	45
3.1.3.4	Lugares criados.....	45
3.1.3.5	Arborização	45
3.1.3.6	Equipamentos	46
3.2	ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO.....	47
3.2.1	Perfil do Usuário	47
3.2.2	Leitura de fluxos	47
3.2.3	Atividades e comportamentos	48
3.2.4	Perspectiva dos usuários	49
4	CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	50
5	A FORMA DA PRAÇA	57

5.1	INSERÇÃO URBANA	57
5.2	ATRIBUTOS LOCAIS	60
5.2.1	Quantidade de espaço livre público.....	61
5.2.2	Dimensões do Espaço.....	64
5.2.3	Uso do Solo	65
5.2.4	Quantidade de Portas e Janelas	66
5.3	ARQUITETURA DA PRAÇA	72
5.3.1	Características topográficas	73
5.3.2	Acessos	74
5.3.3	Caminhos.....	75
5.3.4	Lugares criados	76
5.3.5	Arborização	78
5.3.6	Equipamentos	79
5.4	CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO	82
6	A APROPRIAÇÃO DA PRAÇA.....	84
6.1	PERFIL DOS USUÁRIOS	84
6.2	LEITURA DOS FLUXOS.....	88
6.3	ATIVIDADES E COMPORTAMENTOS	94
6.4	PERSPECTIVA DOS USUÁRIOS.....	103
6.4.1	Avaliação de categorias	111
6.5	CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO	114
7	FORMA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
	REFERÊNCIAS.....	122
	APÊNDICE A – ENTREVISTA – APROPRIAÇÃO DA PRAÇA SANTOS DUMONT	126
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS REALIZADOS COM OS USUÁRIOS DA PRAÇA SANTOS DUMONT – QUESTIONÁRIO ABERTO	127

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na apresentação da dissertação de mestrado que abrange a relação entre a configuração física e a apropriação social dos espaços públicos, sendo esta observação realizada na Praça Santos Dumont, situada no bairro Trindade na cidade de Florianópolis.

Os espaços públicos são importantes palcos de relações sociais, possibilitando interfaces entre grupos distintos em idade, gênero e classe social. Constituintes fundamentais do tecido urbano, revelam na apropriação cotidiana uma das dimensões mais importantes das cidades. Neste contexto, diversidade social é uma palavra-chave, e entendê-la pressupõe estudar o espaço público através da sua configuração e suas formas de apropriação, identificando comportamentos e usuários. Aprofundar estas questões aumenta o conhecimento da vida urbana e contribui para a qualificação do profissional arquiteto e urbanista responsável por planejar e projetar espaços que atendam às necessidades dos habitantes da cidade, em especial seus frequentadores no cotidiano.

Jane Jacobs (1916-2006), renomada ativista, jornalista e urbanista, aborda a questão da diversidade social nas ruas em seu livro “Morte e Vida de Grandes Cidades” originalmente publicado em 1961. Nesta obra, Jacobs sustenta que os espaços urbanos de alta qualidade são aqueles capazes de atrair uma ampla variedade de pessoas, refletida na presença de residentes locais e visitantes, usuários de diferentes estratos sociais, gêneros e faixas etárias. A autora ainda ressalta que a rua deve estar “bem preparada para lidar com estranhos” e para isso deve apresentar “uma demarcação boa e eficaz de áreas privadas e públicas e um suprimento básico de atividades e olhos, quanto mais estranhos houver, mais divertida ela (a rua) será” (Jacobs, 2011, p. 41). Jacobs é uma das pioneiras na avaliação da configuração urbana atrelada aos processos de apropriação social e está na base da maioria dos trabalhos que se inserem nesta área.

Tenório (2012) também trata da questão da diversidade social no espaço público. A autora enfatiza a importância das manifestações de diferenças sociais nestes lugares, pois permitem que a essência do ser humano seja validada, ao mesmo tempo que proporcionam oportunidades de crescimento e reconhecimento dos diferentes atores da cena social. Para a autora, também é importante a presença simultânea de moradores locais e daqueles em passagem, provenientes de diferentes

lugares da cidade. Não é necessário que haja interação direta entre os diferentes usuários do espaço público para que essa interface aconteça, bastando condições de conforto e segurança em lugares em que todos podem (ou precisam) frequentar.

Além de abordarem a diversidade no espaço público, os dois trabalhos citados destacam a interrelação entre aspectos formais e a apropriação dos espaços públicos, enfatizando que a forma urbana, em sua dimensão local (ruas, praças, edificações, etc) ou no modo em que o tecido urbano se organiza como um todo (traçado urbano) podem influenciar na utilização desses espaços, ainda que não determinem o comportamento dos usuários.

Pesquisadores brasileiros têm conduzido estudos de caso em praças e parques urbanos, observando como elementos da forma urbana interagem com a apropriação desses espaços (Reis, 1993; Holanda, 2002; Narciso, 2008; Saboya *et al.*, 2014; Cabral; Rossetto; Saboya, 2016; Bueno; Reis; Saboya, 2017; Oliveira; Menezes, 2018; Carvalho; Pacheco, 2019; Lettieri; Santos, 2019; Carvalho; Ataíde, 2019; Machado; Reis, 2020; Batista; Bortolo, 2022; Santos; Botechia, 2023). Suas conclusões apontam para a existência de uma relação entre os dois aspectos. No entanto, alguns desses focalizaram principalmente nas transformações morfológicas, análise de uso do solo e atividades do entorno, sem dedicar a mesma atenção a outros elementos configuracionais do ambiente, como a presença ou ausência de fachadas ativas, a inserção do espaço no tecido urbano e aspectos projetuais como desníveis, mobiliário e vegetação, que também desempenham um papel significativo neste processo.

A Praça Santos Dumont (Figura 1), objeto empírico de estudo desta dissertação, encontra-se num entroncamento de vários caminhos que organizam o bairro da Trindade, na cidade de Florianópolis, apresentando usos variados: residenciais, comerciais, a universidade e equipamentos históricos do bairro. Verticalização, mudança de usos e tipologias construtivas caracterizam um bairro que denota intensa transformação urbanística.

O espaço da praça é resultado de uma recente revitalização realizada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis. Esta praça foi escolhida para o estudo em função das peculiaridades de inserção urbana, das características locais, dos inúmeros desníveis do terreno e dos elementos projetuais inseridos após o processo de revitalização ocorrido. Essas nuances foram pouco destacadas ou ausentes em estudos anteriores verificados.



Fonte: Adaptado pela autora de *GoogleEarth* e Base de dados *Qgis*, 2023.

Além dos aspectos metodológicos, a relevância do estudo reside nas reflexões a respeito do papel do arquiteto e urbanista no planejamento e no projeto de espaços públicos. Compreender a influência das características físicas, da distribuição do uso do solo e das características topográficas, permite que os profissionais projetem de forma mais eficaz, melhorando condições de apropriação social dos espaços e promovendo uma melhor qualidade de vida urbana.

Um espaço como a Praça Santos Dumont, reunindo cotidianamente fluxos de passagem e atividades de permanência, moradores locais e transeuntes, diferentes

estratos sociais e diferentes faixas etárias, tem um papel muito importante na vida urbana. Acima de tudo, oferece condições para que se desenvolva aquilo que a cidade tem de mais importante: a possibilidade de reunir diferenças sociais em um mesmo espaço, possibilitando interfaces que resgatam modos de sociabilidade em permanente transformação. Ressalta-se que o trabalho, apesar de ser direcionado a um estudo de caso específico, apresenta método de trabalho que pode ser replicável em outras situações urbanas similares.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do trabalho é analisar as dinâmicas de apropriação social da Praça Santos Dumont, situada em Florianópolis (SC), estabelecendo relações com os atributos de sua forma física.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos da seguinte pesquisa são:

- a. Analisar a inserção da praça no contexto urbano de Florianópolis e no entorno do bairro Trindade;
- b. Identificar aspectos da forma local da praça, verificando o modo em que os espaços abertos se inter-relacionam com as edificações do entorno imediato;
- c. Analisar a arquitetura da praça (caminhos, desníveis, equipamentos e vegetação), destacando elementos projetuais introduzidos nos últimos tempos;
- d. Identificar os padrões de fluxos predominantes, atividades realizadas e os comportamentos presentes na praça;
- e. Realizar um perfil dos usuários que frequentam o espaço, identificando o grau de diversidade social existente em seus espaços públicos;
- f. Compreender a perspectiva dos usuários em relação ao espaço da praça e às atividades praticadas neste local.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A apresentação da temática da pesquisa, assim como justificativa e objetivos são expostos na **Introdução do trabalho**. Em continuidade, no **capítulo 2** são

apresentadas as referências bibliográficas e teóricas acerca do tema, abordando conceitos bases para a contextualização histórica do tema estudado e investigações de diversos autores que analisaram o espaço público, sua configuração e suas implicações no cotidiano da vida urbana. No **capítulo 3** estão expostos os procedimentos metodológicos que serão adotados na pesquisa, divididos em duas etapas principais: análise da forma urbana e a análise do processo de apropriação. O **capítulo 4** expõe uma contextualização do objeto de estudo, elucidando os processos históricos da Praça Santos Dumont e do bairro Trindade, bem como ela se apresenta nos dias atuais. No **capítulo 5** são descritos os resultados acerca da análise da forma urbana, divididos em três partes: a inserção urbana, os atributos locais e a arquitetura da praça. E, por fim, no **capítulo 6** apresenta-se a leitura do processo de apropriação social, também dividida em quatro partes: perfil dos usuários, leitura dos fluxos, atividades e comportamentos e perspectivas dos usuários.

2 REFERÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS

Este capítulo tem como finalidade gerar contextualização e embasamento para a pesquisa com base em fontes alinhadas com tema do espaço público, da forma e do significado das diferentes formas de apropriação destes lugares pelas pessoas. Ademais, pretende-se identificar fundamentos metodológicos utilizados por autores da vida urbana para, posteriormente, aplicá-los nas análises empíricas a serem realizadas.

O primeiro conjunto de conceitos visa explorar a forma urbana e o espaço público. Para isso, apresenta-se uma contextualização das transformações ocorridas no traçado urbano e fatores provocativos das mesmas. Em seguida, expõe-se as concepções de autores que estudam a configuração urbana, bem como as categorias que podem ser utilizadas para sua avaliação.

O segundo conjunto de conceitos introduz noções relativas à apropriação e destaca algumas abordagens metodológicas de autores do espaço urbano que se voltam às relações sociais e à apropriação dos espaços públicos.

2.1 ESPAÇO PÚBLICO E A FORMA URBANA

Os espaços públicos se caracterizam por serem locais de interação entre os atores da vida pública, podendo este encontro acontecer de forma espontânea ou não. Desde a antiguidade, esses lugares já eram utilizados para suprirem os serviços que não se adequavam ao espaço da residência: trocas comerciais, celebrações, discussões ou decisões relacionadas à vida, na maioria das vezes sem assumir um desenho formal explícito, apenas adequando-se de maneira orgânica de acordo com as práticas da comunidade. Mais formalizados, podem assumir diversas configurações físicas: formas pontuais e centrais de encontro (praças e largos), formas lineares e criadoras de conexão (ruas) ou em zonas verdes destinadas ao lazer e à recreação (parques). Esses espaços podem surgir através de projetos ou ser formados de maneira espontânea e estruturada ao tecido urbano (Goettems, 2017).

A morfologia urbana estuda a forma urbana (ou configuração urbana), que é moldada ao longo do tempo por influência das interações entre a sociedade e o meio. Essas transformações se manifestam por meio de processos como o parcelamento do solo, tendo consequências diretas no desenho de vias, de praças e subdivisões de quarteirões e lotes. Esses elementos contribuem no conjunto da forma urbana e estão intrinsecamente ligados à história do local, apresentando-se na formação de percursos, caminhos, largos e praças (Lamas, 2010; Costa e Netto, 2015).

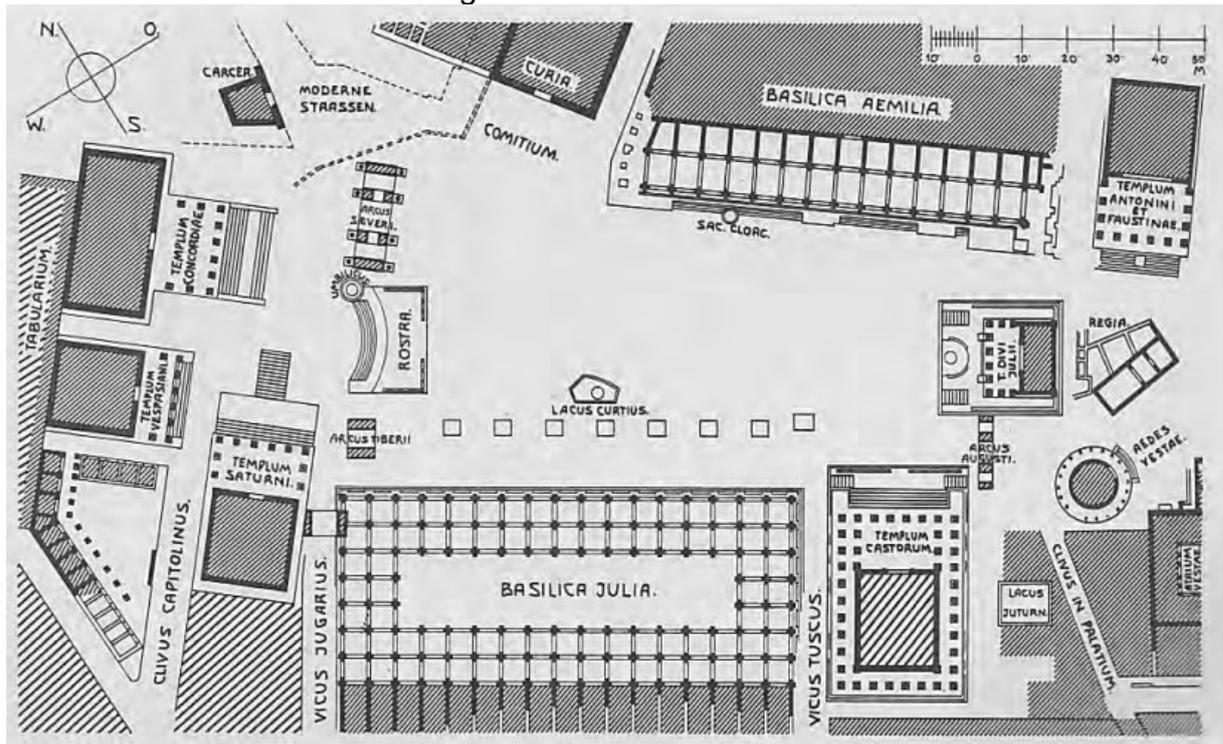
Durante os distintos períodos históricos, diversas foram as transformações formais ocorridas nos espaços públicos, resultado das transformações sociais e do advento das novas tecnologias (Benevolo, 2007; Lamas, 2010). Essas transformações serão exploradas nas seguintes seções do capítulo, apresentando o espaço público em diferentes momentos: a cidade antiga e a visão de Camillo Sitte; a cidade industrial através das perspectivas dos pré-urbanistas categorizados por Françoise Choay; a cidade-jardim de Ebenezer Howard; o modelo modernista de Le Corbusier e, por fim, as perspectivas da cidade contemporânea com a visão de James Holston.

A ágora era o espaço de interação social da Grécia antiga. Caracterizada por ser um “mercado aberto” no centro da cidade, a ágora abrigava os estabelecimentos comerciais das cidades gregas e servia aos cidadãos como um espaço aberto para trocas sociais, comerciais, eventos, festivais religiosos e local das grandes decisões políticas da urbe (Cole, 2011). Assim como a ágora, o exemplo do fórum romano (Figura 2) ilustra a composição formal da cidade antiga, com as edificações

delimitando o espaço público que serve à cidade como palco principal para o desenvolvimento da vida cotidiana e dos rituais cívicos e religiosos (Sitte, 1992).

Ao estabelecer uma comparação entre a ágora grega, o fórum romano e uma sala de estar ao ar livre, Camillo Sitte¹ expõe a praça urbana como o principal espaço de encontros na cidade antiga, o palco onde o “espetáculo” social acontecia. Camilo Sitte explicita o contraste com as cidades “modernas” (como ele chama as alterações ocorridas nas cidades e no urbanismo do século XIX), onde as interações passam a acontecer em sua maioria em lugares fechados, tornando a praça urbana apenas um espaço de circulação, abandonando o significado original de ser um ponto de encontro e práticas sociais. Além disso, o autor defende a definição do limite do espaço público pelas massas edificadas do seu entorno, tornando-o o verdadeiro palco de relações sociais, o que acontecia em todos os espaços estudados pelo autor.

Figura 2 – Fórum romano



Fonte: Sitte, 1992.

Ao examinar o desenho da cidade antiga, mesmo durante o período em que as mudanças modernistas já estavam em curso, Camillo Sitte, advoga por uma

¹ Em seu livro “Construção das Cidades Segundo Seus Princípios Artísticos”, que teve a sua primeira edição publicada na Alemanha em 1889, Sitte discorre criticamente acerca da estética, da monumentalidade das cidades antigas e das modificações introduzidas pelo urbanismo do século XIX. A obra é considerada um “marco nas teorias urbanísticas da segunda metade do século XIX”.

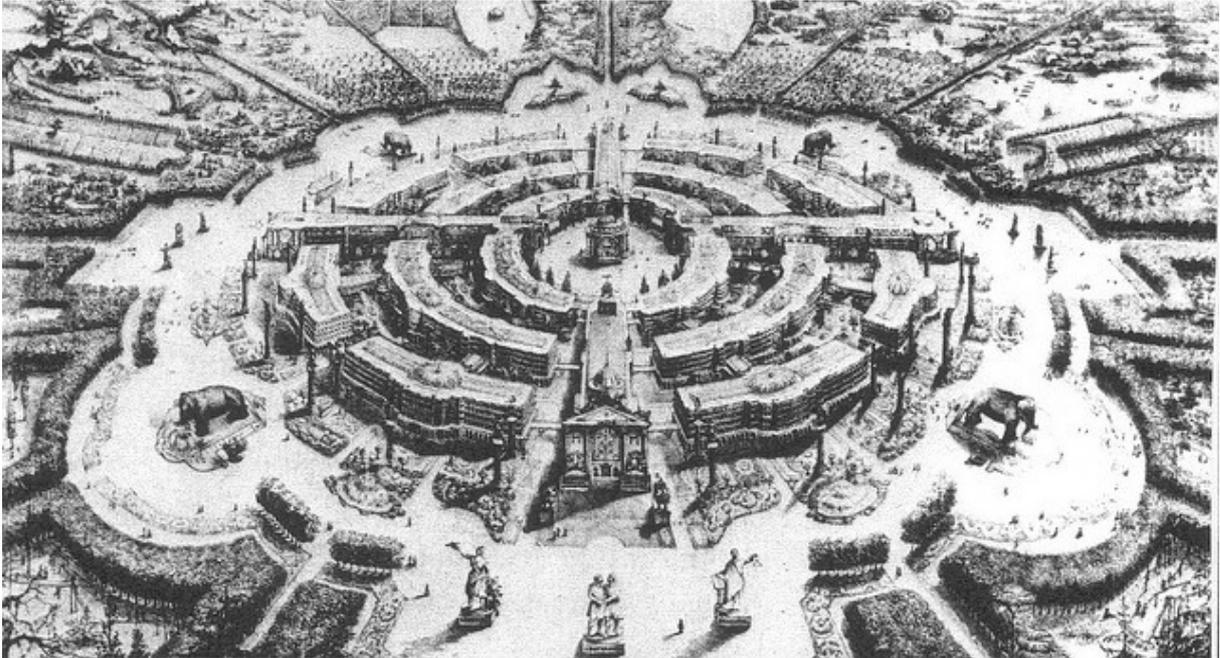
revalorização da monumentalidade e do traçado das cidades antigas, sustentando que estas privilegiavam as interações sociais e conferiam significado à vida urbana. No entanto, é notável que a análise de Sitte concentra-se principalmente no desenho urbano local, sem dedicar tanta atenção ao traçado urbano em uma escala mais ampla.

Na era pré-industrial a cidade era caracterizada por abrigar tanto as atividades necessárias (trocas econômicas, discussões políticas) quanto opcionais (lazer, atividades culturais), com o espaço público desempenhando o papel estruturador do traçado urbano. Apesar de manter esse contexto, a cidade da revolução industrial é frequentemente descrita na literatura como um ambiente urbano marcado pela superpopulação e condições sanitárias precárias (Goitia, 1996; Caldeira, 2007; Benevolo, 2007; Mumford, 2008). Diante desse panorama, iniciaram-se estudos e propostas visando resolver tais desafios.

No livro “O Urbanismo: Utopias e realidades”, originalmente publicado em 1965, Françoise Choay caracteriza o urbanismo como um estudo consolidado a partir do século XX. Dessa forma, os urbanistas da revolução industrial são enquadrados pela autora na categoria “pré-urbanistas”, subdividindo-os em duas vertentes: os progressistas (Robert Owen, Charles Fourier, Etienne Cabet, entre outros) e os culturalistas (Augustus Pugin, John Ruskin e William Morris). De maneira geral, as propostas dos pré-urbanistas progressistas incluíam a criação de espaços abertos com amplos vazios e áreas verdes, um ambiente urbano dotado de clara separação de funções e edifícios-modelo de protótipos de habitação coletiva.

Em certos casos, a ordem específica da cidade progressista é expressa com uma precisão de detalhes e uma rigidez que eliminam a possibilidade de variantes e adaptações a partir do mesmo modelo. Tal é, por exemplo, o caso dos desenhos nos quais Fourier representa a cidade ideal com seus quatro anéis concêntricos [...] suas vias de circulação minuciosamente calibradas, suas casas, cujo alinhamento, gabarito e até tipo de muro estão de uma vez por todas calculados (Choay, 2005, p. 9).

Figura 3 - Modelo progressista de cidade desenhado por Charles Fourier em 1845



Fonte: Teoria do espaço urbano, *on-line*.

O modelo da vertente culturalista procura renunciar aos novos padrões apresentados pela revolução industrial e adotados pelo movimento progressista. Os urbanistas culturalistas defendem uma volta à cidade antiga, onde não existe uma abordagem padronizada para as edificações, nem a existência de protótipos ou conjuntos habitacionais idênticos. Essa cidade é “circunscrita no interior de limites precisos [...] as dimensões das cidades são modestas, inspiradas em cidades medievais como Oxford, Rouen, Beuvais, Veneza [...]” (Choay, 2005, p. 13). Dentre os urbanistas desta corrente, destaca-se Camillo Sitte e a defesa de que o espaço público da cidade antiga abrigava devidamente as relações sociais e a vida urbana. O autor argumentava que o modelo industrial transformava o espaço público em um mero vazio destinado à circulação de ar e luz. Dessa forma, a abordagem culturalista defende uma distribuição populacional centralizada e dispersa, com a abolição do traçado geométrico. A partir desse modelo, deriva-se a ideia de cidade-jardim, proposta por Ebenezer Howard em 1898.

Em sua obra “Cidades-jardim de amanhã” originalmente publicada no ano de 1902, Ebenezer Howard argumenta que o principal desafio das cidades industriais é o influxo excessivo de populações migrantes. Ele propõe uma “solução” para esse problema: esvaziar as cidades e incentivar o desejo da população para a volta ao campo: “há no campo belas paisagens, parques soberbos, bosques perfumados por

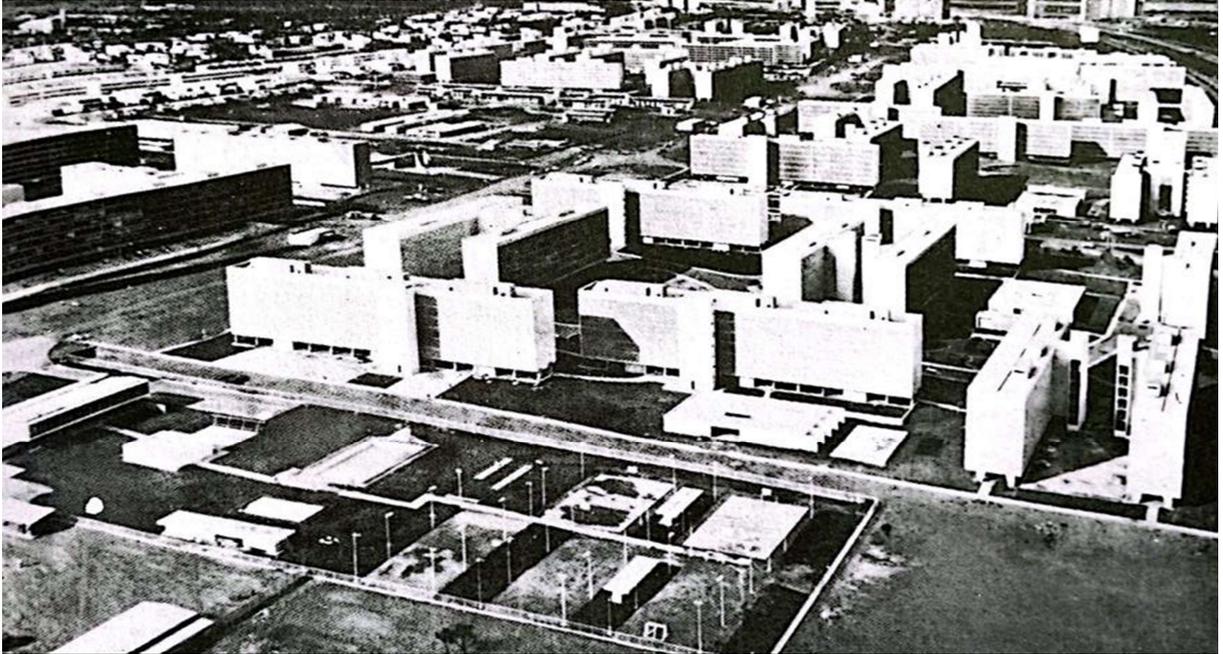
necessidade de deslocamento, levando à desocupação de certas áreas em determinados momentos do dia. Consequentemente, a rua torna-se um local de passagem ao invés de ser o destino (Tenório, 2012).

Na cidade-jardim, os espaços públicos tornam-se elementos estruturadores do espaço, delineados por edifícios e uma distinção clara entre o espaço público e privado. O posicionamento de edifícios públicos e disposição da calçada são elaborados de forma a facilitar a locomoção a pé e consequentemente proporcionar a maior circulação de pessoas nas ruas (Tenório, 2012).

Além disso, a padronização da habitação gera baixa variedade de tipologias habitacionais e desconsidera a diversidade da vida pública. A cidade-jardim ilustra um modelo urbanístico que procura atender a uma população específica, sem considerar a diversidade e as aspirações diferentes das pessoas. “é temerário que seja considerado um modelo para uma cidade, pois isso significaria impor um modo de vida considerado [...] desejável a pessoas que podem ter [...] outros planos para si mesmas (Tenório, 2012, p. 49).

Desde o modelo da cidade pré-industrial, é perceptível uma evolução no desenho urbano com o intuito de promover o progresso tecnológico. Desenvolve-se assim a cidade monumental com eixos grandes e avenidas extensas, o modelo da rua tradicional é substituído pelo fluxo contínuo e os espaços públicos de lazer ganham o papel de passagem e composição do sistema viário. Para o espaço público, essas modificações consolidam o fenômeno do esvaziamento já observado nos anos anteriores (Sennett, 1998). O modelo de cidade-jardim é apenas um exemplo entre vários modelos urbanísticos que priorizaram os padrões espaciais em detrimento das necessidades e preferências dos habitantes, favorecendo a criação de avenidas e eixos extensos no traçado urbano. É neste contexto que surge a proposta da cidade modernista. Exemplos como Brasília (Figura 5) e Los Angeles ilustram essa nova configuração do sistema viário com viadutos e eixos adentrando no desenho da cidade (Goitia, 1996; Caldeira, 2007; Mumford, 2008).

Figura 5 - Brasília e o desenho das superquadras



Fonte: Benevolo, 2007.

Le Corbusier, em sua obra “Por uma arquitetura”, originalmente publicada em 1923, citou as mesmas qualidades descritas por Camillo Sitte como um problema para as cidades. Defensor das cidades modernistas, Le Corbusier apoiava a construção da cidade com traçado regular circundada por edifícios altos, linhas retas, grandes áreas verdes e vias expressas extensas. Segundo o autor “O traçado regulador é uma garantia contra o arbitrário [...] dá a agradável sensação de ordem” (Corbusier, 1994, p. 47). Diversas ideias do autor foram integradas na Carta de Atenas e debatidas no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) de 1928 (Gehl; Svarre, 2018).

Em outra obra do autor Le Corbusier, “Urbanismo”, são delineados princípios que, segundo ele, formam a base da cidade modernista. Estes princípios dizem respeito ao aumento da densidade nos centros urbanos, a diversificação dos meios de circulação e a expansão de áreas verdes, consideradas por ele essenciais para garantir a tranquilidade e higienização da cidade (Corbusier, 2000). Dessa forma, o traçado da cidade modernista apresenta uma malha estruturada mais integrada, onde o espaço público não desempenha mais a função estruturadora. Esse traçado implica em uma clara separação de funções, o que por consequência aumenta a necessidade de deslocamentos. Além disso, os espaços públicos de lazer começam a ser planejados com propósitos específicos. Corbusier (2000) argumenta que a estrutura

da cidade modernista é definida pelos vazios do espaço público e não pela ocupação dos edifícios.

Em sua obra “A Cidade Modernista”, Holston (1993) lança uma crítica aos impactos da visão urbanística modernista exposta por Le Corbusier aplicada a cidade de Brasília. O autor ressalta que a configuração urbana da capital brasileira tende a suprimir os espaços públicos de uso coletivo, promovendo uma crescente separação entre o âmbito público e privado, principalmente devido à predominância de zonas de transição entre as edificações. Nesse contexto, Holston expõe a relação entre a estrutura urbana modernista e o esvaziamento dos espaços públicos, resultado do modelo regulatório moderno que restringe a existência de ruas e esquinas. A Figura 6 ilustra as transformações mencionadas pelo autor por meio de mapas de cheios e vazios. Na cidade antiga, como o exemplo de Parma (Figura 6, à esquerda), o espaço público se apresenta como um vazio escavado na massa edificada e as ruas e praças são definidas pelas fachadas das edificações. Já na cidade modernista, exemplificada pelo plano urbanístico de Brasília (Figura 6, à direita) a quantidade de vazios se amplia exponencialmente. O espaço público não tem mais a definição estabelecida pelas edificações (Reis, 1993).

Figura 6 - As transformações do espaço público segundo Holston



Fonte: Holston, 1993 *apud* Reis, 1993

Diante das modificações propostas pelos movimentos anteriores, o papel do espaço público parecia estar definitivamente restrito à função de grande vazio. Entretanto, políticas de intervenção urbana contemporâneas voltaram a direcionar o foco para a questão do espaço público, tratando-o como espaço coletivo de interações, com a realização de projetos de intervenções em áreas centrais e reabilitação de espaços abandonados (Caldeira, 2007).

A reação contemporânea parece ser uma “síntese entre Sitte e Le Corbusier, na qual a escala monumental da cidade ainda prevalece, porém, associada à “policentralidade” e ao reconhecimento da diversidade dos espaços locais (Caldeira, 2007, p. 35). Desta forma, o espaço público contemporâneo se estabelece entre um meio termo entre a Antiguidade e a Modernidade e volta a afirmar a sua predisposição de espaço coletivo primordial no tecido urbano. Assim, surgem os estudos sobre a configuração urbana, nos quais autores, apresentados a seguir, buscam analisar as transformações ocorridas e desenvolver entendimentos e soluções para os desafios apresentados pelos desenhos urbanos anteriores.

Diante das reações e críticas direcionadas ao movimento modernista, os planejadores urbanos passaram a direcionar a atenção para os efeitos provocados por esse modelo na vida social do espaço público. Em resposta, emergiram esforços de reformulação com o intuito de mitigar os efeitos do modernismo e reestabelecer a função primordial do espaço urbano como promotor de interações sociais (Tenório, 2012).

2.1.1 A retomada do espaço público e da configuração urbana: estudos teóricos a partir dos anos 60

Jane Jacobs, escritora e ativista americana, foi uma das pioneiras nas críticas quanto ao traçado urbano resultante do movimento modernista. Em seu livro, *Morte e Vida de Grandes Cidades*, originalmente publicado em 1961, a autora realiza uma crítica ao modelo de cidade resultante do modernismo. Para ela, protótipos como a cidade-jardim de Howard e a *Ville Radieuse* de Le Corbusier são significativamente prejudiciais à vitalidade urbana.

Ao analisar o funcionamento de grandes cidades americanas, utilizando as calçadas como principal objeto de observação, a autora cita características formais e funcionais específicas que, segundo ela, favoreceriam o estabelecimento das relações sociais nos espaços públicos das metrópoles, ressaltando a diversidade de usuários e usos do solo como uma de suas mais importantes características. Entre essas intervenções, destaca-se a implementação dos usos variados que operem em diferentes momentos dos dias, incentivando a frequência das pessoas nos espaços. Além disso, propõe-se a clara separação entre o espaço público e o privado, a

presença de fachadas ativas e a existência de quadras curtas, propiciando distintas opções de deslocamento.

O trabalho de Jacobs é fundamental para os estudos posteriores que propuseram conceitos de intervenção e desenho para as cidades contemporâneas. Suas ideias sobre a importância da diversidade e dos espaços públicos na vida urbana são essenciais. Os pressupostos formais que estão por trás de suas propostas foram desenvolvidos posteriormente por outros pesquisadores.

Christopher Alexander e outros autores publicam no ano de 1977 o livro “Uma Linguagem de Padrões: cidades, edifícios e construções”. Nesta obra, os autores compartilharam suas vastas experiências no campo do planejamento urbano, desenvolvendo uma linguagem que propunha soluções para os desafios encontrados no espaço urbano.

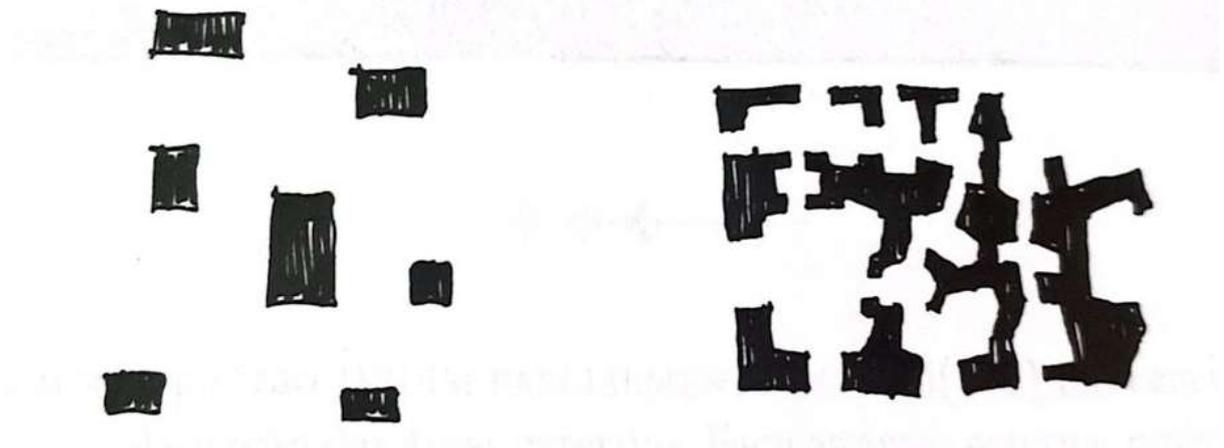
Inicialmente, os padrões expostos tratam de um recorte maior, grandes regiões e cidades, em seguida abordam vizinhanças e bairros e, por fim, apresentam padrões específicos para as construções. Os autores afirmam que o ambiente da cidade deve ser concebido para atender às necessidades emocionais e psicológicas dos seres humanos, porém, é importante notar que seu discurso, algumas vezes, acaba por reproduzir o determinismo espacial já apresentado por autores do movimento modernista. Isso acontece ao enfatizarem que o desenho urbano é um influenciador direto no comportamento das pessoas no espaço (Alexander *et. al.*, 2012; Tenório, 2012).

Os autores destacam a importância de uma boa distribuição de setores e atividades urbanas, evitando a criação de zoneamentos e agrupamentos hegemônicos. Enfatizam a necessidade de planejar tipologias habitacionais que atendam a todas as fases da vida humana, distribuídas tanto em áreas movimentadas quanto em locais mais restritos (Alexander *et. al.*, 2012; Tenório, 2012).

No que diz respeito à configuração do espaço, introduz o conceito de “espaço exterior positivo”, indicando que áreas vazias entre os edifícios podem ter baixa utilização. Os autores apresentam a existência de dois tipos de arranjos decorrentes do desenho urbano, gerando espaços negativos e positivos, que podem ser visualizados por meio de mapas de figura-fundo. O mapa que revela as massas edificadas dispersas no tecido urbano, resultando em uma abundância de espaços vazios, é classificado como representativo de espaços negativos. Já o mapa em que

as massas edificadas delineiam e configuram o espaço público, exibe os espaços positivos (Figura 7).

Figura 7 - Mapa de espaços positivos e negativos. à esquerda o espaço negativo e à direita o espaço positivo



Fonte: Alexander *et. al.*, 2012, p. 518.

Anderson (1981) concentra a sua atenção na rua como ponto central da análise do espaço urbano. Ele introduz o conceito de “entorno potencial”, que explora como os limites das construções ao longo de uma rua conferem significado ao “entorno influente”, representado pelas pessoas que se apropriam desse espaço. Paralelamente, a “diferença entre as possibilidades colocadas pelo meio e a efetiva apropriação” (Reis, 1993, p. 18) denomina-se “entorno latente”. Para o autor, é esse último elemento que justifica as variações nos usos de uma mesma forma urbana em contextos diversos, como observado nos centros históricos (Anderson, 1981a; Reis, 1993).

A teoria da sintaxe espacial formulada por Hillier e Hanson (1984) aborda a interrelação entre os elementos físicos e sociais de um tecido urbano, observando-os por meio dos conceitos de espaços convexos e linhas axiais (Figura 8). O fundamento da teoria é a de que há uma lógica social no espaço assim como há uma lógica espacial na sociedade. A análise de convexidade, como mostrado na Figura 9, identifica os espaços que constituem os sistemas urbanos, subdividindo-os em tantas unidades quanto for possível. Por sua vez, o mapa axial representa a interseção das vias no ambiente urbano estudado, indicando a integração dos espaços por meio de uma escala de cores. Esta é uma análise morfológica que oferece uma visão abrangente do tecido urbano e suas conexões.

Figura 8 - Mapa axial da cidade de Londres



Fonte: Hillier, 2007.

Figura 9 - Mapa dos espaços públicos da cidade de Londres



Fonte: Hillier, 2007.

Em 1996, Bill Hillier publica o livro *“Space is The Machine: A Configurational Theory of Architecture”* (O Espaço é a Máquina: A teoria configuracional da arquitetura – sem tradução para o português). Nessa obra, o autor define que a configuração urbana se refere à organização espacial das cidades, compreendendo o conjunto de barreiras e passagens que compõem a estrutura física do ambiente. A disposição desses elementos interfere na acessibilidade e na execução de atividades pelos habitantes, podendo simbolizar tanto obstáculos à mobilidade quanto oportunidades de deslocamento em "sistemas abertos" dentro do espaço urbano (Hillier; Hanson,

1984; Hillier, 2007). Nesse contexto, Hillier (2007) traz o conceito de “copresença”, que diz respeito a uma quantidade significativa de pessoas ocupando o mesmo espaço, podendo estas interagirem ou não. A copresença está diretamente ligada a teoria da sintaxe espacial.

Segundo Peponis (1989) os estudos caracterizados anteriormente, essencialmente o de Jacobs (1961) e Alexander *et. al* (2012) salientam questões relacionadas à distribuição de usos em detrimento de problemas morfológicos. Para o autor, a crítica modernista desses autores se restringiu aos zoneamentos ao invés de direcionar suas atenções ao desenho urbano em si.

Para Peponis (1989), o espaço urbano atual assume duas funções: a primeira é integração das categorias estabelecidas pela estrutura social (classe, raça e ocupação), um exemplo desse fenômeno é descrito por Reis (1993):

O fim das ruas pode ser identificado como uma estratégia de dominação, dado que elas são eliminadas justamente para as categorias que se utilizam do espaço para a geração de seus contatos sociais: as classes de mais baixa renda, que, enclausuradas, ficam isoladas do movimento de estranhos, com a destruição do seu potencial de encontros e integração social (Reis, 1993, p. 28).

A segunda função descrita por Peponis (1989) aborda a presença da diversidade cultural nas ruas, assim como a manifestação de ideias e discursos distintos. Contrapondo esse conceito, existe a tendência de isolar determinados espaços que abrigam ideias e princípios em comum, tais como asilos, prisões e hospitais (Reis, 1993). Nesse contexto, Peponis (1989) percebe o espaço urbano como um facilitador para o reconhecimento entre grupos diversos, mesmo que não haja interação direta. Há uma ênfase na busca do que foge ao convencional, no entendimento de outras formas de vida, mesmo que não participemos ativamente destes

É possível prescrever certas propriedades globais do espaço urbano [...] para “[...] promover uma moral democrática pela qual conteúdos e resultados possam ser coletivamente criados, reconhecidos, comparados e assimilados (Peponis, 1989, p. 02).

No Brasil, Frederico de Holanda, pesquisador e professor titular da Universidade de Brasília, desempenhou um papel fundamental ao introduzir e adaptar o método da sintaxe espacial ao contexto das cidades brasileiras. Ele desenvolveu métodos de análises específicos e adequados à complexidade do cenário brasileiro. Na obra "O Espaço de Exceção", publicada em 2002, o autor explora vários estudos de casos que envolvem locais isolados fisicamente, os quais incorporam dimensões

superestruturais de ordem social. Nessa perspectiva, ele identifica uma semelhança estrutural entre Brasília e outros exemplos de espaços excepcionais. Com base na análise desses espaços e fundamentado na teoria da sintaxe espacial, Holanda consegue estabelecer suas próprias categorias de análise do espaço, fornecendo conclusões que serviram como base para pesquisas subsequentes no Brasil que também exploraram a teoria da sintaxe.

Gabriela Tenório, em sua tese de doutorado denominada “Ao Desocupado em Cima da ponte: Brasília, arquitetura e vida pública”, aprofunda o trabalho de Holanda e define critérios de avaliação do espaço público. Estes critérios dividem-se em categorias de análise relativas à forma e à apropriação, posteriormente relacionando-as. Dentre os critérios de análise formal, destaca-se a avaliação de: integração global, atividades em curso, presença de habitação e suas tipologias, mobilidade, limites e dimensões, acessibilidade, tipologia arquitetônica, orientação, elementos afetivos e simbologia. Para a autora, uma avaliação positiva desses fatores indica uma forma urbana que está relacionada com encontros sociais e a presença ativa de gente no espaço público.

No Quadro 1, é apresentada uma síntese dos conceitos apresentados nos estudos de forma urbana abordados neste último item.

Quadro 1 - Síntese dos conceitos dos autores abordados

AUTOR	CONCEITO
Jane Jacobs	Fatores morfológicos estão diretamente relacionados com a presença de usuários no espaço público. Ressalta os seguintes atributos como fundamentais para a existência de um espaço urbano de qualidade: usos combinados em horários diversos do dia; clara separação do espaço público e privado; presença de fachadas ativas e a existência de quadras curtas.
Christopher Alexander et. al.	Linguagem de padrões espaciais que definem a qualidade de um lugar. Espaços públicos positivos são os delimitados pelas massas edificadas sem que isso gere grandes vazios.
Stanford Anderson	A análise concentra-se primariamente na rua, desdobrando-se em três categorias essenciais: o entorno potencial, o entorno influente e o entorno latente. É este último que fundamenta as divergências nos usos de uma forma urbana idêntica.
Bill Hillier	A copresença acontece quando há uma quantidade significativa de pessoas em um determinado espaço urbano, com ou sem interações. A copresença de um lugar está ligada tanto às características locais quanto ao

	modo em que este lugar está inserido no todo do tecido urbano
Bill Hillier e Julienne Hanson	Há uma lógica no espaço que favorece o deslocamento e os encontros.
John Peponis	O espaço não determina os encontros sociais, porém é um facilitador destes. Essa diversidade é expressa em gênero, classe, cultura, ideias, entre outros.
Frederico de Holanda	Adaptação do método da sintaxe espacial para o contexto brasileiro e criação das variáveis próprias de análise condizentes com esse contexto.
Gabriela Tenório	Síntese dos conceitos de Holanda em variáveis de análise da forma urbana. Formulação de métodos para a descrição e avaliação dos atributos da forma urbana que se relacionam com os processos de apropriação.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

2.2 ESPAÇO PÚBLICO E APROPRIAÇÃO

A apropriação é um processo psicossocial no qual o indivíduo interage com o seu ambiente e o adapta como algo intrinsecamente seu. Pode-se dizer que todas as atividades humanas refletem em um ato de apropriação, manifestando-se por meio de variados modos de percepção, orientação e ação: o indivíduo se projeta no espaço ao mesmo tempo em que o incorpora (Cavalcante; Elias, 2011). Além disso, a dimensão individual da apropriação pode ser dividida em três elementos: a sensação de pertencimento, a valorização ambiental e o investimento afetivo, explicitando o valor emocional contido no espaço (Kohlsdorf, 1996).

Em “O Declínio do Homem Público”, Sennett (1998) investiga o impacto das transformações ocorridas a partir do século XVIII nas dinâmicas das relações sociais no espaço público e na maneira com que são apropriados. Um dos principais aspectos observados foi a crescente prática social em espaços privados – teatros, galerias, cafés, entre outros – em detrimento dos espaços públicos – ruas, praças, parques, largos. Segundo o autor, esse fenômeno resultou em uma maior impessoalidade nas interações no ambiente público e em uma diminuição na participação em eventos sociais.

Compreende-se a relevância do entendimento individual da apropriação, entretanto, o processo de apropriação dos espaços públicos deve enfatizar a dimensão coletiva, a qual é descrita de maneira notavelmente semelhante em definições como: urbanidade, copresença, vitalidade (Holanda, 2002; Hiller, 2007;

Jacobs, 2011). A síntese dos três conceitos destaca a ideia de que a autêntica apropriação dos espaços públicos também está ligada com a diversidade apresentada por seus usuários e a alta presença destes no espaço.

Neste trabalho, a apropriação será considerada tanto na perspectiva individual do usuário ao interagir com o ambiente quanto na visão mais ampla e coletiva do espaço.

2.2.1 A apropriação em estudos sobre a vida urbana

Em relação à diversidade urbana, Jane Jacobs propõe alguns conceitos em sua obra “Morte e Vida de Grandes Cidades”. Ao analisar o contexto de cidades americanas, a autora se refere à concepção de “vitalidade urbana”, que diz respeito a um conjunto de fatores que englobam a diversidade no espaço da cidade: a densidade de pessoas, a diversidade na idade das edificações, a existência de quadras curtas e o uso combinado das edificações. Para a autora, o espaço público formado pelas ruas e calçadas é onde acontece o contato entre os diferentes moradores da cidade, sendo esses encontros planejados ou não. Analisando diferentes aspectos de ruas com configuração favorável para receber desconhecidos de forma próspera, a autora se pergunta: “O que faz uma rua ser movimentada ou evitada?” e “Por que certas ruas são movimentadas em um período e de repente se esvaziam?” (Jacobs, 2011, p. 35).

Jacobs (2011) apresenta os seguintes fatores que podem ser os responsáveis pelo aumento de número dos frequentadores de um determinado espaço urbano: 01) A nítida separação entre o espaço público e o espaço privado, ou seja, devem haver limites claros entre ambos; 02) A existência de “olhos para a rua”. Para que uma rua esteja apta a acolher moradores locais ou visitantes, é necessário assegurar a segurança e a viabilidade de supervisão das vias pelos ocupantes dos edifícios adjacentes, evidenciando a necessidade dos edifícios de apresentarem fachadas ativas que se abram para a rua, desprovidas de barreiras ou estruturas que obstruam esta perspectiva. 03) A calçada deve ter usuários transitando de maneira ininterrupta, em vários períodos do dia. Esse conjunto de fatores seria determinante, segundo Jane Jacobs, para estabelecer a vitalidade urbana.

Ainda sobre o conceito de diversidade e uso do espaço público, Whyte (2004) realizou um estudo acerca da vida em pequenos espaços urbanos. Iniciou sua análise pelas praças de Nova York com o objetivo de descobrir os motivos que levavam alguns

a atraírem multidões consideráveis e outros não. Para isso, realizou a instalação de câmeras “*time-lapse*” – modo de filmagem que filma as atividades de maneira acelerada – em diferentes espaços públicos da cidade. As observações mais relevantes feitas pelo autor dizem respeito a comportamentos usuais em muitas outras localidades: as pessoas que mais utilizam as praças são os trabalhadores dos edifícios corporativos do entorno, conseqüentemente, a densidade de pessoas aumenta consideravelmente nos horários comerciais e dias de semana, ficando praticamente vazias aos finais de semana e período noturno. O resultado da análise de Whyte (2004) respalda a proposição da diversidade de usos levantada por Jacobs, visto que um entorno eminentemente comercial e de serviços sustenta a alta densidade de frequentadores somente em determinados horários, gerando a desertificação nos demais períodos de tempo.

Dando continuidade à observação do palco de relações urbanas, Gehl e Svarre (2018) compilam métodos para a observação e avaliação do espaço público. A obra revisita concepções já estudadas por urbanistas de períodos anteriores e salienta quais são as mais eficientes para a análise da vida na cidade. O trabalho ressalta que a observação direta da cidade é a ferramenta primordial para a análise do funcionamento e da apropriação no cotidiano dos espaços públicos. Ao estar diante de um espaço urbano, propõe as seguintes perguntas: 1) quantas? (quantificar a ocupação do espaço, observando de modo individual a passagem e a permanência das pessoas); 2) quem? (ênfase em diferenças de idade, de gênero, de perfil socioeconômico); 3) onde? (quais são os espaços que mais atraem a permanência? Por quais lugares as pessoas mais passam? E por que?); 4) que? (quais são as atividades praticadas, elas são necessárias ou opcionais?); 5) quanto tempo? (a velocidade do caminhar ou o tempo de permanência podem ser importantes indicadores da qualidade do espaço físico); 6) Quando? Em quais momentos do dia essas atividades acontecem? Esse conjunto de questões aliadas a estratégias como: contagem, mapeamento, traçados, vestígios, fotografias, diários, caminhadas-teste, são ferramentas fundamentais para o entendimento da vida urbana em qualquer espaço público.

Em outro estudo, intitulado “*Life Between Buildings*”, Gehl (2011) propõe uma classificação para os tipos de atividades que são praticadas no espaço público com base na possibilidade de escolha das pessoas. Essas categorias são definidas como: Atividades necessárias – aquelas que fazem parte das rotinas das pessoas nos

espaços externos (ir para a universidade, para o trabalho, etc); Atividades opcionais – aquelas que as pessoas escolhem realizar, geralmente acontecem quando o espaço proporciona uma atratividade que faça as pessoas permanecerem ou passarem; As atividades sociais, segundo o autor, acontecem independente das razões (atividades necessárias ou opcionais), e são todas aquelas que ilustram a interação que acontece no espaço, sejam elas entre conhecidos ou desconhecidos. Para o autor, quando o espaço público é de qualidade “pobre”, somente atividades necessárias acontecem, nos mesmos horários e frequências, enquanto um espaço que abriga atividades necessárias e opcionais classifica-se como “bom”. Essa relação está exposta na Figura 10.

Figura 10 – Classificação das atividades no espaço público

	Qualidade do ambiente físico	
	Pobre	Boa
Atividades Necessárias	●	●
Atividades Opcionais	●	●
Atividades Sociais (“Resultantes”)	●	●

Fonte: Gehl (2011) com adaptação da autora

Com o objetivo de aprimorar a metodologia de observação comportamental, Sommer e Sommer (1997) introduziu a aplicação de mapas comportamentais em pesquisas relacionadas à psicologia ambiental. O objetivo do método é observar a atuação de usuários para possibilitar o entendimento das atividades praticadas em cada setor do espaço, buscando entender a relação do seu comportamento com o que o espaço dispõe. Além disso, o mapa comportamental permite a tipificação dos usuários (perfil socioeconômico, gênero, faixa etária). Os autores do método expõem diferentes maneiras para a coleta dos dados do mapa comportamental. A utilização

de fotografias em “câmera-rápida”, gravação de vídeos e diagramas prontos são alguns dos instrumentos listados, que incluem também a observação direta em campo. Além da escolha do método, os autores sugerem que o pesquisador verifique a sua própria influência durante a coleta de dados, visto que o comportamento das pessoas pode sofrer alterações assim que notarem que estão sendo observados. O trabalho de Sommer e Sommer (1997) potencializa as pesquisas comportamentais aplicadas à psicologia ambiental e são de significativa relevância para a observação da vida urbana.

Direcionando a atenção para a influência do desenho urbano no processo de apropriação, Holanda (2002) aborda dois paradigmas fundamentais que abrangem tanto os elementos morfológicos quanto os de apropriação: o da urbanidade e da formalidade. A urbanidade se refere a um espaço naturalmente diversificado, enquanto a formalidade descreve um ambiente pouco apropriado e carente de diversidade urbana devido aos elementos formais que o caracterizam: escassas transições entre o espaço público e privado, poucas fachadas ativas e uma proporção significativa de áreas urbanas com acesso limitado.

Reis (1993) aborda em sua dissertação de mestrado a apropriação no centro da cidade de Florianópolis (SC). Para o autor, a reunião exclusiva de semelhantes no espaço público não propicia uma efetiva vida pública, eliminando o potencial de encontros e interação social. Além disso, procura relacionar a forma física do espaço público com a apropriação, explicitando a relação direta entre ambas.

Entende-se que o sistema potencial de presenças e ausências estabelecido pela forma e pela locação de atividades no espaço, formando a textura da vida das pessoas no cotidiano, constitui elemento fundamental da vida urbana, apresentando implicações nas formas de relacionamento entre os diferentes agentes sociais que vivem a cidade. Nesse sentido, reforça-se a importância dos espaços abertos de uso coletivo dos assentamentos na produção e na reprodução do modo de vida de inúmeros grupos sociais, apesar de vários estilos de vida contemporâneos transcorrerem em espaços sancionados por barreiras e através do uso e meios de comunicação à distância (Reis, 1993, p. 02).

Esse trabalho ressalta a importância dos espaços públicos (ruas, praças, parques) na vida cotidiana da cidade e na possibilidade de interface entre os diferentes atores urbanos. Ademais, procurou relacionar o nível de urbanidade com a estrutura física do espaço, permitindo uma relação entre a apropriação e a forma física. O trabalho traz embasamento para discussões acerca do desenho da cidade e como setores interdisciplinares podem trabalhar juntos para aprimorar as dinâmicas sociais utilizando como parte da análise a forma urbana.

Ainda nesse contexto, Tenório (2012) trata a “copresença” como um fator fundamental para entender o nosso próprio funcionamento: “O simples encontro das semelhanças e diferenças no espaço público nos permite, no mínimo, uma validação de nossa própria essência e possibilidade de crescimento” (Tenório, 2012, p. 13). Para a autora, o conceito de copresença é definido pela alta densidade de pessoas ocupando um determinado espaço público. Dessa forma, ao compartilhar o mesmo espaço com indivíduos diferentes, mesmo que não haja interação, existe a possibilidade de uma aprendizagem social devido à observação de outros cidadãos expostos aos estímulos ambientais. A autora elabora uma metodologia detalhada para a análise da vida pública levando em conta os fatores relacionados à copresença. Sintetizando suas constatações, a autora apresenta três atributos que levam um determinado espaço público a ter uma vida urbana de qualidade: 1) “Gente”, expressando a necessidade da apropriação desses lugares; 2) “Gente Variada” (presença de pessoas diferentes em gênero, etnia, classe social, entre outros) e 3) “Gente, Sempre” (distribuição e variação de pessoas de acordo com períodos temporais distintos).

Este é o sentido da leitura de apropriação que será realizada neste trabalho, reunindo procedimentos e métodos estabelecidos pelos autores relacionados nesse referencial conceitual.

Quadro 2 – Síntese de objetivos e métodos aplicados pelos autores estudados

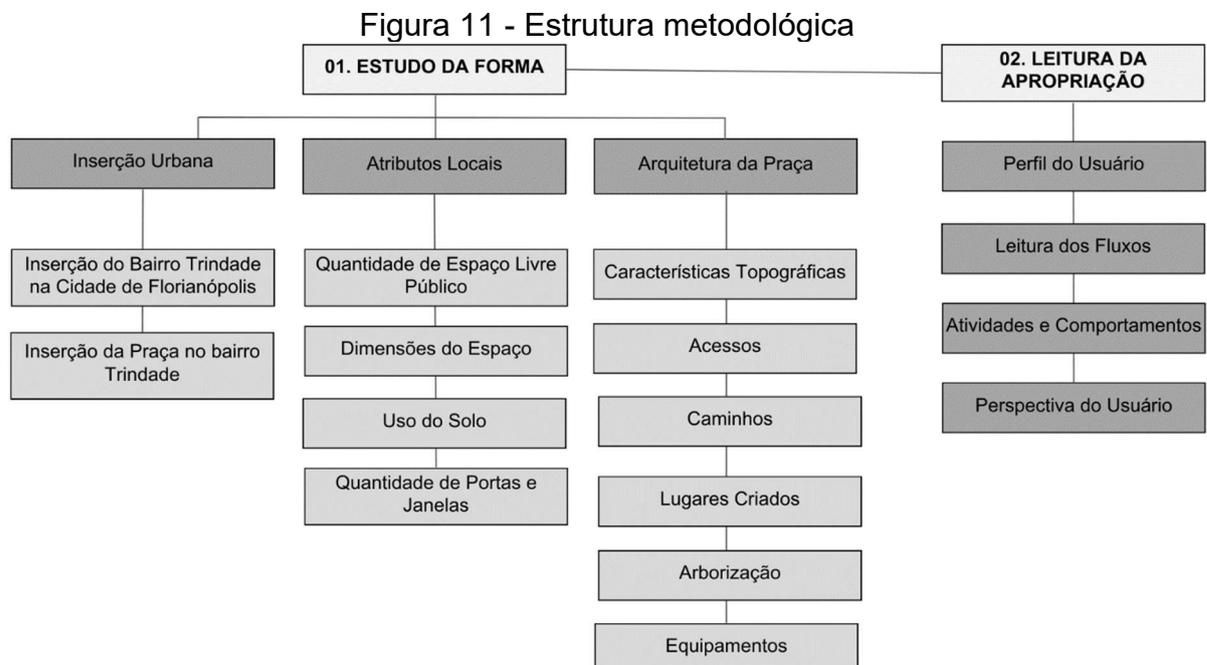
AUTOR	OBJETIVO	MÉTODO
Jane Jacobs	Verificação da vitalidade urbana.	Observação da separação clara entre espaço público e privado, presença de fachadas ativas e pessoas transitando de maneira ininterrupta.
William Whyte	Entender o funcionamento de diferentes espaços públicos e os motivos para alguns funcionarem e outros não	Observação do comportamento e modo de apropriação através da instalação de câmeras no modo “câmera-rápida” e análise.
Jan Gehl e Birgitte Svarre	Observação do funcionamento e a apropriação cotidiana dos espaços públicos	Contagem de pedestres; contagem, mapeamento, traçados, vestígios, fotografias, diários, caminhadas-teste
Jan Gehl	Caracterizar a qualidade do espaço público conforme a apropriação	Classificação das atividades em necessárias, opcionais e sociais.
Robert Sommer e Barbara Sommer	Observação da atuação de usuários no espaço para entender os padrões comportamentais	Mapa comportamental.
Frederico de Holanda	Entender como acontece a	Paradigma da urbanidade e da

	diversidade no espaço público atrelada aos aspectos morfológicos	formalidade.
Almir Reis	Caracterização da relação entre forma física e a apropriação	Mapeamento de variáveis.
Gabriela Tenório	Identificação da presença da vida urbana de qualidade em determinado espaço público atrelado ao conceito de “copresença”.	Observação da presença de “Gente, gente diferente e gente o tempo todo”.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização da pesquisa foram utilizados procedimentos metodológicos distintos divididos em dois grupos: o estudo da forma e a leitura da apropriação da Praça Santos Dumont. A seleção e elaboração dos métodos considerou o conjunto de autores abordados no referencial teórico e seus procedimentos de análise, selecionando os mais pertinentes para atingir os objetivos definidos para a pesquisa. O resumo das etapas apresenta-se na Figura 11 e a descrição é apresentada a seguir.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Nos itens a seguir, são descritos os procedimentos metodológicos definidos para as duas categorias de análise.

3.1 ANÁLISE DA FORMA

O primeiro grupo de procedimentos metodológicos identifica a configuração urbana da Praça Santos Dumont e entorno. Para isso, foram utilizadas três categorias de análises: inserção urbana, atributos locais e arquitetura da praça.

3.1.1 Inserção urbana

Conforme Tenório (2012) existem questões como “Por que esta rua fica vazia nos fins de semana? E por que apenas grupos homogêneos usam esta praça?” (Tenório, 2012, p. 189) que não podem ser devidamente respondidas somente pela observação direta de uma rua ou uma praça. É necessária uma visão abrangente da inserção do espaço no tecido urbano para entender como a cidade interfere na apropriação do local.

O estudo da inserção urbana identificou a localização do bairro Trindade na cidade de Florianópolis e a Praça Santos Dumont no bairro Trindade. Essa etapa permitiu verificar como a praça se encontra integrada ao contexto urbano em que se insere, verificando sua proximidade e conexão com outros lugares.

Em termos sintáticos, uma região bem integrada é permeada por várias linhas no mapa de axialidade², indicando uma abundância de conexões e opções de trajeto. Isso implica que a área apresenta diversas alternativas de deslocamento, resultando em uma distribuição mais eficaz de atividades e pessoas no tecido urbano. Esse cenário favorece a otimização da infraestrutura do transporte público e a redução dos tempos de deslocamento (Tenório, 2012).

Neste estudo, a análise da inserção urbana foi abordada de maneira qualitativa, dispensando o uso de quantificações e mapas axiais, que são comumente empregados quando se utiliza esse tipo de análise, representando os resultados através de mapeamento obtido através do software *Google Earth* combinado com análises qualitativas.

² Mapa gerado pelo cruzamento de linhas axiais desenhadas sobre a malha viária das cidades. A conectividade de cada linha é determinada pelo número de interseções que ela possui. Esse mapa fornece informações sobre a integração dos espaços, permitindo a identificação dos locais mais acessíveis na análise do tecido urbano (Hillier, 2007).

3.1.2 Atributos locais

A identificação dos atributos locais gerou um entendimento ampliado acerca das características físicas da praça e dos seus limites. Para essa identificação, foram produzidos mapas que analisaram a quantidade de espaço livre público, as dimensões do espaço, a quantidade de portas e janelas e o uso do solo. Esses mapeamentos foram realizados com auxílio dos softwares: *Qgis*, *CorelDraw* e *Photoshop*. Estas categorias analíticas utilizadas são expostas a seguir:

3.1.2.1 Quantidade de espaço livre público

Observar a quantidade de espaços livres públicos, considerando a praça e o entorno imediato, possibilita analisar a relação entre a quantidade de áreas livres em comparação à quantidade de áreas privadas. Quando a quantidade de espaço público é bem menor do que a de espaços privados, este torna-se um vazio escavado na massa edificada, caracterizando a típica configuração de uma cidade tradicional. Por outro lado, quando o predomínio é dos espaços públicos e o espaço edificado é mais reduzido, não delimitando diretamente as ruas e praças, temos um modelo configuracional característico do movimento modernista (Holston, 1993).

O predomínio de “cheios”, diminuindo a área dos espaços públicos, têm o potencial de facilitar encontros e presenças, conforme destacado por Hillier (2007), uma vez que essas áreas tendem a centralizar os fluxos de circulação e estimular uma apropriação significativa dos espaços públicos. Por outro lado, o domínio de espaços “vazios” geralmente resulta no aumento das distâncias no tecido urbano e na dispersão dos fluxos, conforme observado por Reis (1993).

A representação gráfica desta categoria analítica neste trabalho foi realizada através da realização de um “mapa de ilhas espaciais”, conforme proposto por Holanda (2002). Nessa representação, os espaços públicos (vazios) são marcados em branco e os espaços privados edificados (cheios) em preto, enquanto os espaços privados não edificados aparecem em cinza. Consegue-se, desta maneira, ressaltar um importante atributo da forma local, explicitando claramente a relação entre área total da fração urbana analisada e a quantidade de espaço público destinado às práticas coletivas.

3.1.2.2 Dimensões do espaço

A análise das dimensões do espaço visa verificar se estas estão alinhadas com as necessidades e atividades oferecidas pelo ambiente. Medidas e mapeamentos foram conduzidos no local para avaliar se o tamanho do espaço analisado corresponde adequadamente às funções desempenhadas pelos espaços da praça e à quantidade de usuários presentes, no cotidiano ou em eventos coletivos.

3.1.2.3 Uso do solo

O levantamento dos usos do solo objetivou verificar a quantidade e a variedade de atividades no entorno imediato. As áreas urbanas devem oferecer possibilidades variadas de atividades: comércio, habitação, serviços, cultura, lazer, entre outros. Essas atividades bem distribuídas espacialmente e em horários do dia distintos contribuem para o equilíbrio da vida urbana. Uma má distribuição de atividades e usos do solo leva à diminuição e ao esvaziamento de lugares fora do período comercial (Tenório, 2012). A verificação do uso do solo do entorno foi apresentada através de mapeamento dos usos existentes.

3.1.2.4 Quantidade de portas e janelas

Um espaço público que deseja abrigar uma quantidade significativa de pessoas no cotidiano deve apresentar certa quantidade de portas e janelas abrindo para ele, garantindo uma boa permeabilidade entre o exterior e o interior das edificações. Essa condição gera o que Jane Jacobs descreve como “olhos para a rua” e proporciona uma sensação de segurança ao provocar a vigilância informal do espaço público a partir do interior dos edifícios situados em seus limites. Essa categoria visa garantir que a integração entre os espaços públicos e as edificações ao redor seja propícia à segurança e à integração social.

A observação da quantidade de portas foi conduzida através da contagem direta de portas abertas para a rua durante observações no local. Essa relação foi exposta através de mapeamento que localizou as relações entre público e privado que dão para o espaço da praça, identificando também os usos que essas portas dão

acesso. Para expor de modo conveniente esta categoria, além da representação das portas em planta baixa, foi montada a elevação de cada um dos lados da praça, mostrando adequadamente as portas e janelas que dão para o espaço público.

3.1.3 Arquitetura da praça

O conjunto de procedimentos utilizados para a descrição da arquitetura da praça observou as características dos seus espaços internos, com especial ênfase nos elementos projetuais adquiridos nos sucessivos processos de remodelação acontecidos. Foram identificados: características topográficas, acessos, caminhos, lugares criados, vegetação e equipamentos existentes. A avaliação desses elementos é crucial para compreender o conjunto de barreiras e permeabilidades existentes e identificar as áreas com maior potencial para acomodar pessoas ou permitir a livre passagem.

3.1.3.1 Características topográficas

A análise das características topográficas oferece a observação sobre possíveis barreiras naturais ou artificiais do espaço, permitindo compreender como estas influenciam nos fluxos e na apropriação. Além disso, a topografia influencia diretamente nos âmbitos da caminhabilidade e da acessibilidade. Terrenos com elevações íngremes, escadarias ou obstáculos físicos podem representar desafios significativos para os pedestres, impactando na mobilidade e na eficiência dos deslocamentos a pé. Considera-se ainda, que a configuração topográfica impacta diretamente na existência de rotas acessíveis.

3.1.3.2 Acessos

A identificação dos acessos é fundamental para reconhecer as “portas para a praça”, identificando pontos de relação entre o espaço do entorno e o interior da praça. Isso acontece porque as características topográficas projetuais, além de especificidades da estrutura espacial da praça analisada não permitem a livre entrada para o interior em todo o seu perímetro.

3.1.3.3 Caminhos

Os acessos delineiam os caminhos e incentivam a circulação de pessoas dentro do espaço, formando os fluxos de passagem e induzindo as formas de movimento no interior da praça. Conforme Lynch (2011), os caminhos (ou “vias”, segundo o autor), desempenham um papel fundamental na cidade, sendo o elemento mais importante para algumas pessoas. É por meio dos caminhos que elas conseguem observar o ambiente urbano e se orientar por ele, destacando seu papel como espinha dorsal da estrutura urbana.

3.1.3.4 Lugares criados

Os lugares criados correspondem aos espaços em que efetivamente acontecem atividades, atuando como pontos focais do espaço público. Conforme Lynch (2011) os pontos focais (ou nodais) são elementos facilmente identificáveis e utilizados como pontos de referência em um espaço urbano. Nesse sentido, os “pontos focais” serão referidos neste trabalho pelo termo: “lugares criados” – espaços nos quais atividades específicas podem ocorrer, equipados com as instalações necessárias para tais, sendo estes facilmente percebidos pelo usuário e funcionando como atrativos do espaço. Estes espaços constituem destino de diferentes fluxos internos do espaço público analisado.

3.1.3.5 Arborização

A presença de arborização desempenha um papel fundamental no conforto dos usuários e na definição dos distintos sub-espços existentes no interior da praça. Além de benefícios estéticos, a arborização abrange aspectos práticos, especialmente a respeito do sombreamento dos espaços.

Durante o verão, a vegetação desempenha o papel crucial de fornecer sombra e reduzir a exposição direta ao sol. Isso contribui não apenas para o conforto, mas também auxilia na mitigação do calor, resultando em um clima mais fresco. No inverno, a arborização pode ser adaptada para permitir a entrada de luz solar nos espaços, contribuindo para o aquecimento natural. As áreas sem vegetação recebem

grande incidência solar e são muito relevantes em um clima como o de Florianópolis, que apresenta verões quentes e invernos relativamente rigorosos.

3.1.3.6 Equipamentos

O conjunto de equipamentos desempenha um papel fundamental na permanência das pessoas no espaço público. Abaixo, estão classificados os principais tipos de equipamentos e seus respectivos papéis:

- a) Bancos e mesas: oferecem locais para descanso, socialização e realização de atividades, como refeições ao ar livre, leitura, escrita, entre outros;
- b) Equipamentos de exercícios ao ar livre: estimulam a prática de exercícios, oferecendo a oportunidade de exercícios gratuitos no espaço público e a possibilidade de interação entre diferentes usuários;
- c) Bicicletário: incentiva o uso de meios de transporte sustentáveis, contribuindo para a mobilidade urbana;
- d) Lixeiras: contribuem para a manutenção da limpeza e organização do espaço, colaborando para torna-lo atrativo. Também podem funcionar como potenciais barreiras para a circulação;
- e) Iluminação: além de promover a segurança noturna, a iluminação torna o espaço mais atrativo, favorecendo sua utilização em diferentes horários e promovendo a vida noturna e a segurança;
- f) Mobiliário do parque infantil: destinado principalmente às crianças, proporciona um local seguro e estimulante para as brincadeiras recreativas. Ademais, a presença de crianças diversifica o espaço, evidenciando a apropriação por diferentes faixas etárias.
- g) Ponto de ônibus e ponto de táxi: proporcionar locais designados para embarque e desembarque de passageiros de transporte coletivo e individual. A estratégica colocação desses pontos no espaço da praça visa simplificar o acesso e a mobilidade dos usuários, além de atrair pessoas que necessitam utilizar esses equipamentos para o ambiente da praça.

Esse conjunto de elementos agrupados como a “arquitetura da praça” desempenham um papel essencial na compreensão da apropriação do espaço e foram mapeados e ilustrados por meio de imagens e representações gráficas para melhor visualização e análise.

3.2 ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO

Essa etapa consistiu em analisar a apropriação e inferir reflexões a respeito das relações sociais expostas pelo espaço da Praça Santos Dumont. Para isso, foi utilizada uma abordagem multimetodológica com ferramentas distintas, descritas a seguir.

3.2.1 Perfil do Usuário

O perfil do usuário foi obtido junto com a aplicação de entrevistas e questionários, descritos no item 3.2.4, abordando questões relacionadas a faixa etária, gênero, renda e escolaridade. A finalidade dessa caracterização foi identificar a diversidade dos frequentadores do espaço, alinhando-se com a premissa destacada por Tenório (2012) de que um espaço público de qualidade deve atrair uma variedade de pessoas, sendo vital ter “gente, gente diferente e gente o tempo todo”. Essa análise busca determinar a presença dessa diversidade de usuários.

Além desses aspectos, questionou-se também sobre o local de trabalho, naturalidade e residência dos usuários. Essa abordagem visou verificar se a praça é frequentada exclusivamente por moradores ou trabalhadores locais, ou se também atrai a presença de “estranhos”. Segundo Jacobs (2011) um espaço urbano de qualidade é frequentado tanto por moradores locais quanto por “estranhos”, proporcionando um conhecimento e validação da própria essência, mesmo na ausência de interações diretas.

3.2.2 Leitura de fluxos

Nessa etapa foi realizada a contagem de fluxos de pedestres no interior e entorno Praça Santos Dumont em períodos diversos, durante a semana e o final de

semana. Por meio da observação, foram identificados fluxos predominantes e sua relação com as atividades de permanência no local.

Autores que pesquisam a vida urbana utilizam a contagem de pedestre como uma maneira eficaz e rápida de diagnosticar previamente a apropriação de um determinado espaço público (Gehl; Svarre, 2018; Tenório, 2012). Entretanto, para diagnósticos mais coerentes, é necessária a adição de outros métodos, como é o caso desta pesquisa.

O método de contagem de pedestres foi utilizado por Gehl e Svarre (2018) em seus estudos da análise da vida na cidade.

Para os estudos sobre a vida na cidade é fundamental começar com a pergunta quantos. Em princípio, tudo deve ser contado, mas o que é mais frequentemente registrado é *quantas* pessoas estão se deslocando (fluxo de pedestres) e quantos permanecem em um lugar (atividade estacionária) (Gehl; Svarre, 2018, p. 13).

Tenório (2012), utilizou como base o método de Gehl e equipe e também realizou a contagem de pedestres em seu trabalho, a fim de detectar padrões de passagem e permanência nos espaços públicos de Brasília. A autora não distinguiu sexo e idade e realizou análises somente no período diurno, pois constatou que a iluminação noturna não era adequada.

Para a análise na Praça Santos Dumont, foram estabelecidos dois horários em um dia de semana e dois horários em um final de semana, sendo estes de dia e de noite. A identificação de fluxos predominantes foi realizada com observação direta no local. A contagem de pedestres foi realizada por meio de uma passagem contínua pelo fluxo indicado e a monitoração do movimento e registo das pessoas que passavam, sem realizar paradas. Os dados coletados foram reunidos e apresentados em mapas, onde os fluxos predominantes são demonstrados em escala de cores, conforme a contagem realizada.

3.2.3 Atividades e comportamentos

A observação das atividades seguiu a metodologia de mapa comportamental proposta por Sommer e Sommer (1997). A coleta de dados foi conduzida de forma direta no campo, com anotações e contagens em tempo real das atividades em curso no espaço. A coleta teve como objetivo ampliar a compreensão dos fluxos, ao examinar as atividades que ocorrem tanto de forma transitória quanto de permanência

no espaço. Isso proporcionou a identificação de como os usuários estão interagindo com o ambiente conforme ele se apresenta.

Para esta etapa, procedeu-se à observação *in loco* das atividades realizadas em dois distintos momentos de um dia da semana, bem como em um final de semana. Ademais, além do espaço interno da praça, a observação se estendeu às ruas laterais externas, considerando as edificações adjacentes como limites da praça.

Ressalta-se que, além das duas análises previamente mencionadas, foi realizada uma avaliação adicional durante o dia da feira de hortifrutigranjeiros. Este período se destaca por apresentar características singulares tanto na praça quanto no entorno imediato, conferindo, assim, um enfoque particular à análise.

Os comportamentos observados foram devidamente registrados e posteriormente transpostos para mapas comportamentais. Cada comportamento foi representado por um símbolo e cor específicos. Além disso, a apresentação dos dados incluiu uma separação das atividades por grupos etários distintos. Essa abordagem permitiu, em um segundo momento, a comparação com os dados obtidos por meio das entrevistas com os usuários, contribuindo para estabelecer um perfil mais abrangente e detalhado do público frequentador.

3.2.4 Perspectiva dos usuários

Para a identificação e tipificação dos usuários da praça, foi realizada a aplicação de entrevistas diretamente com os frequentadores do espaço, em períodos distintos do dia.

Além de identificar os usuários e avaliar a presença de diversidade no uso do espaço, procedeu-se à categorização das atividades, seguindo a classificação proposta por Gehl (2011), ou seja, em atividades consideradas essenciais ou facultativas. As respostas dos usuários acerca das atividades de passagem e permanência teve como objetivo discernir as possíveis motivações subjacentes aos comportamentos observados nos registros de fluxo e nos mapas comportamentais. Ademais, foram realizadas perguntas referentes às memórias e aos afetos dos usuários, com o intuito de compreender se esses elementos também influenciam de forma geral na motivação para o uso do espaço. Após um teste piloto inicial da entrevista, algumas perguntas passaram por pequenas modificações nas abordagens subsequentes. A justificativa para essas alterações é explicada no capítulo 6.1.4.

A abordagem foi realizada de maneira aleatória, com uma proporção de 1 a cada 3 pessoas que passam e de 1 a cada 3 pessoas que permanecem na praça. Não foi solicitado o nome dos participantes, garantindo o anonimato dos dados coletados. O critério de seleção da amostra foi por saturação, quando houve a identificação de que as respostas das entrevistas estavam se repetindo a seleção de participantes foi interrompida. Foi coletado um total de 20 entrevistas.

Ressalta-se que para esta etapa, foram observados os aspectos éticos conforme a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, para pesquisa envolvendo seres humanos (Brasil, 2012), com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição de ensino. O Apêndice I contém o modelo de entrevista que foi aplicado.

Para complementar as entrevistas já aplicadas, foi conduzido um questionário *on-line* utilizando a plataforma *Google Forms*. As perguntas utilizadas foram as mesmas feitas durante as entrevistas na praça e o anonimato dos participantes foi preservado. Este questionário resultou em uma amostra de 15 participantes.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O bairro Trindade é uma das freguesias³ iniciais da ilha de Santa Catarina, colonizada em meados do século XVIII. A formação do bairro está relacionada com a chegada dos primeiros imigrantes açorianos na Ilha, que tiveram as suas acomodações distribuídas nos vilarejos ao redor de Desterro (Atualmente Florianópolis) (Cabral, 1971; Veiga, 2010).

A freguesia “Trás do Morro” passou a se chamar “Santíssima Trindade” no ano de 1853, quando já abrigava 1811 habitantes. Desde 1857 existem registros da “Festa da Santíssima Trindade”, evento realizado pela população da região até os dias atuais. Além disso, o local já contava com a sua igreja matriz do bairro, a atual “igrejinha da UFSC”, construída em 1853 (Cabral, 1971; Reis, 2002; Veiga, 2010; Voigt, 2011).

O trecho retirado da obra de Virgílio Várzea (2019) originalmente publicada no ano de 1900, ilustra a configuração do bairro na época, evidenciando já a formação da praça em frente à Igreja (atual Igrejinha da UFSC). Além disso, observa-se a

³ Antigos agrupamentos de vilas açorianas. O termo foi empregado para distinguir os “bairros” da antiga Desterro, atual Florianópolis, em seu período colonial.

descrição de um evento público (corridas de cavalos) que nos dias atuais não se faz mais presente.

O solo da freguesia ocupa vasta área toda plana e cortada de culturas, que se irradiam em torno da praça onde se acha a igreja, cercada de interessantes habitações, dentre as quais se destacam algumas chácaras com jardins. Para o lado do norte, estende-se o Campo das Camarinhas, onde se fazem corridas de cavalos e onde por essa ocasião se reúne o mundo esportivo de Florianópolis (Várzea, 2019, p. 128).

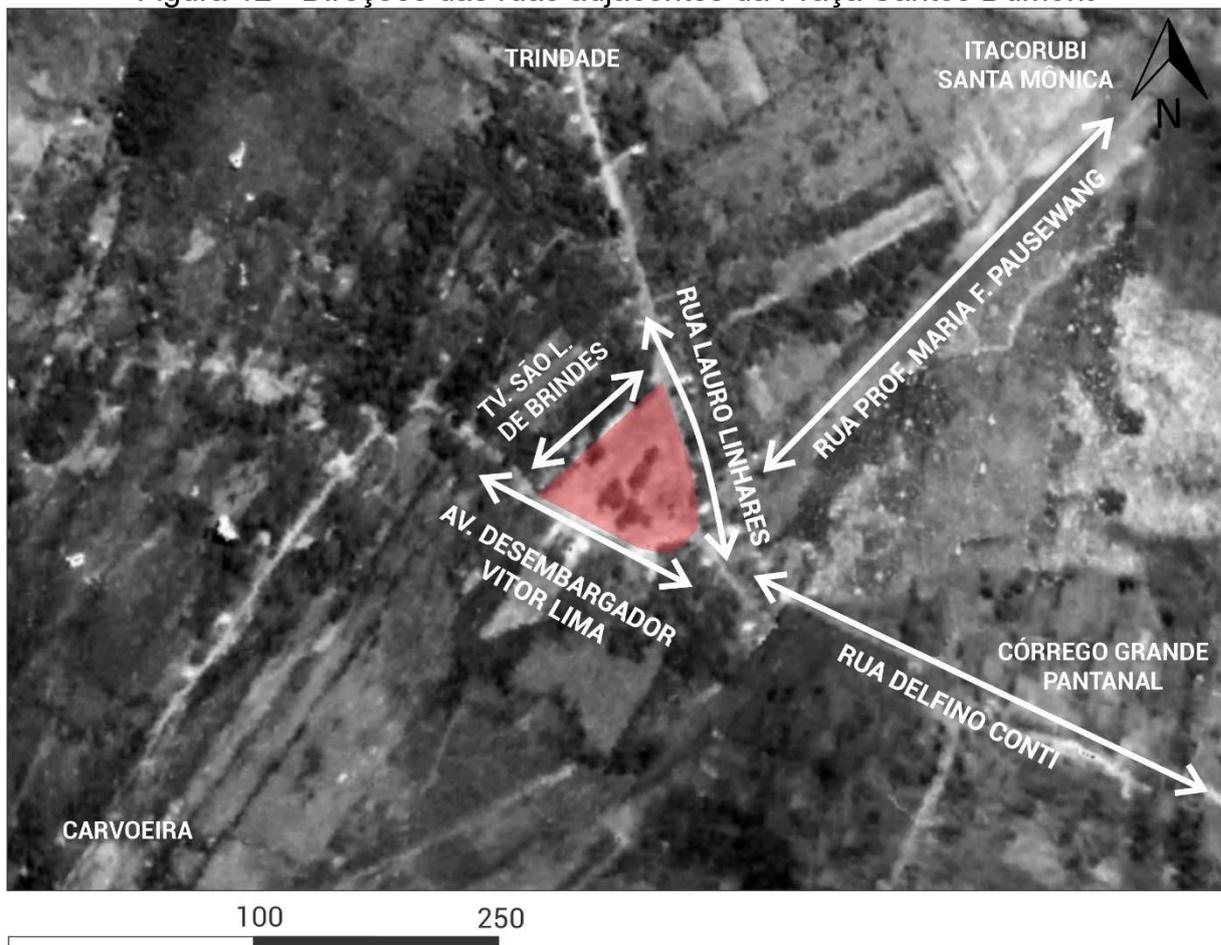
Na época, o evento da Festa da Santíssima Trindade – conhecido inicialmente como Romaria da Trindade e posteriormente como “Festa da Laranja” – acontecia no espaço hoje da Praça Santos Dumont e da Igrejinha da UFSC. As festividades costumavam acontecer por dias seguidos, atraindo moradores das diversas freguesias da ilha, ilustrando um evento público que acontece no local até os dias atuais e que diversifica o uso dos espaços do bairro. Essa configuração inicial se manteve até o início da década de 1960, quando Florianópolis e o desenvolvimento turístico crescem exponencialmente.

Para compreender o início da expansão urbana do bairro Trindade, analisa-se o interesse imobiliário e turístico das elites pelas regiões situadas ao norte (Canasvieiras) e ao leste (Lagoa da Conceição) da Ilha. Essa atração orientava o curso de expansão das regiões habitacionais pertencentes às camadas de maior poder aquisitivo, as quais estavam em desenvolvimento na região norte da ilha. Sendo assim, os bairros localizados na área nordeste-leste do centro, com destaque a Agrônômica e a Trindade, os quais tornaram-se “passagem” para os balneários e conseqüentemente o eixo da expansão urbana. Com a estruturação do bairro, surge a rua Lauro Linhares, principal eixo de ligação com o centro da cidade, e a Praça Santos Dumont (Lima, 2007).

O bairro Trindade iniciou a sua expansão definitiva a partir de 1960, com a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da sede das Centrais Elétricas do Sul do Brasil (Eletrosul) nos seus arredores. A instalação desses equipamentos resultou em um intenso processo de urbanização no local, que se estende até os dias atuais (Reis, 2002). Em 2007, foi necessária uma revisão de diretrizes pertinentes ao planejamento urbano do bairro, visto que a expansão e intensa especulação imobiliária geraram problemas de infraestrutura, resultados da urbanização intensa no bairro Trindade (Voigt, 2011).

A Praça Santos Dumont é uma esquina do bairro Trindade, reunindo usos residenciais, comerciais, a Universidade Federal de Santa Catarina e equipamentos históricos do bairro, como a igrejinha da UFSC (construída em 1853), o teatro da UFSC e a Igreja Matriz da Santíssima Trindade (construída em 1977). As ruas contíguas fazem parte deste espaço: Rua Lauro Linhares, Rua Desembargador Vitor Lima e Travessa Lourenço Brindes. Estas, dirigem-se para os bairros: Carvoeira, Trindade, Itacorubi, Córrego Grande e Pantanal (Figura 12 e 13). Em 1938 já é possível notar a formação da praça como caráter de esquina de bairro, formando uma conexão entre estes. Essa disposição dos bairros adjacentes é resultado da antiga estrutura de propriedades agrícolas em formato de “espinha de peixe” durante o período colonial.

Figura 12 - Direções das ruas adjacentes da Praça Santos Dumont



Fonte: Edições da autora em mapa base da Prefeitura Municipal de Florianópolis, 1938.

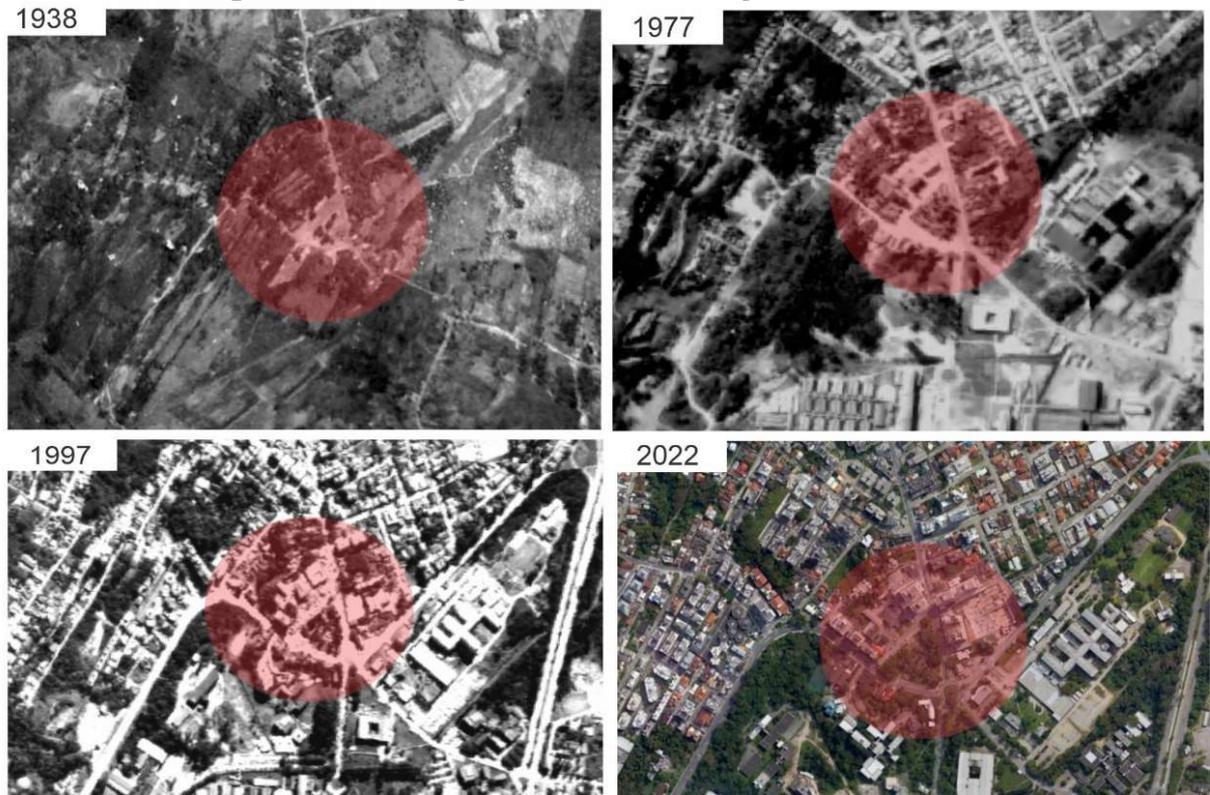
Figura 13 - Bairros do entorno da Praça Santos Dumont



Fonte: Elaborado pela autora com imagem base do *GoogleEarth*, 2023.

A Figura 14 mostra a evolução histórica da Praça Santos Dumont e entorno, objeto empírico do estudo. Em 1938 é evidente o traçado rural com vasto espaço para a produção agrícola. Ainda nesse período, o vazio da praça forma-se em frente à Igreja. A partir de 1977, quando a UFSC já está instalada nos arredores, nota-se uma significativa expansão e modificação do traçado urbano, além do parcelamento do solo se consolidando com o desmembramento e remembramento dos lotes e a consolidação do sistema viário atual.

Figura 14 – Evolução histórica da Praça Santos Dumont



Fonte: Elaborado pela autora com imagem base de Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2023.

Entre 1970 e 1980 a Prefeitura Municipal de Florianópolis instituiu o Projeto Cura. O objetivo desse projeto era melhorar a infraestrutura de bairros adjacentes ao centro nas regiões norte-nordeste, as quais já ilustravam uma intensificação no parcelamento do solo e um surgimento demasiado de novos conjuntos de edifícios, nesse grupo incluía-se o bairro Trindade (Lima, 2007). Foi nesse projeto que a Praça Santos Dumont recebeu a sua primeira definição de caminhos e equipamentos, em um terreno marcado por consideráveis desníveis, levando a deslocamentos que necessitam a passagem por rampas ou escadas, o que dificulta a relação do espaço com as vias do entorno, principalmente com a Rua Lauro Linhares, principal rua do bairro Trindade.

A Praça Santos Dumont era utilizada como um lugar de encontros entre moradores, local de passeio e feira de hortifrutigranjeiros. O evento mais significativo do local era a Festa do Divino Espírito Santo, também conhecida por Festa da Laranja. O evento atraía uma quantidade significativa de pessoas, possuía palco para realização de shows, barracas de doces e atraía moradores locais e de outros diversos bairros.

Na década de 70, foi implantado no espaço da Praça o "Bar do Pida", tornando-se um ponto de encontro predominante para estudantes universitários e moradores locais, onde festas e eventos eram frequentemente realizados. Esta efervescência cultural levou a praça a ser popularmente conhecida como a "Praça do Pida", um nome que perdura até os dias de hoje. Entretanto, em 2010, o bar foi encerrado judicialmente devido ao seu funcionamento irregular, o que contribuiu para o subsequente abandono do espaço (Oliveira, 2023).

Embora tenha sido inicialmente um local propício para a realização de eventos, foi gradualmente tomado pela falta de manutenção e pela presença constante de moradores de rua. Essa situação começou a gerar insegurança entre os residentes do bairro. A Figura 15 ilustra o estado do espaço na época, com mobiliário danificado, gramado por cortar e uma ocupação excessiva de moradores de rua. Diante disso, a comunidade da Associação de Moradores do Bairro Trindade se uniu para conceber um novo projeto de revitalização do espaço, cuja discussão teve início no ano 2012.

Figura 15 - A praça antes do projeto de revitalização de 2021



Fonte: Fotos cedidas à autora por Élzio Oliveira em 2023

Apesar do projeto de revitalização elaborado pelos moradores ter sido apresentado à prefeitura, o projeto executado acabou sendo diferente. Em 2021, o espaço foi alvo de um projeto de requalificação urbana baseado em um levantamento realizado em colaboração com o IPUF (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Florianópolis). Uma das principais metas desse projeto foi tornar a praça totalmente inclusiva, proporcionando áreas de descanso e um amplo espaço para eventos culturais e festivos.

Após o projeto de revitalização, a praça, além de receber as modificações necessárias para a acessibilidade, também teve novos equipamentos implantados: espaço para exercícios, animais de estimação, reformulação do antigo parque infantil e espaço para edificações comerciais temporárias. Além disso, o mobiliário foi renovado, substituído por novos bancos de concreto. A cobertura arbórea, a rede principal de caminhos e os desníveis permaneceram quase os mesmos, com pequenas modificações (Florianópolis, 2021).

Figura 16 - Praça Santos Dumont e entorno



Fonte: A autora, 2023.

Atualmente, a Praça Santos Dumont ainda se destaca como um importante cenário para eventos sociais no bairro Trindade, ocorrendo ao longo de todo o ano. A tradicional Festa da Laranja (atualmente é nomeada como Festa do Divino), que perdura aproximadamente quinze dias no mês de junho, é um exemplo marcante. Além disso, o local também é palco de trotes e festas universitárias que reúnem estudantes da UFSC, batalhas de rap e rimas, competições informais de skate, rodas de capoeira, e diversas outras atividades que fazem uso desse espaço.

5 A FORMA DA PRAÇA

Este capítulo apresenta os aspectos relacionados à configuração urbana da Praça Santos Dumont e entorno. Ressalta-se que, relacionando forma e apropriação, o trabalho não partilha das ideias colocadas pelo “determinismo espacial”, postura muitas vezes evidenciadas em trabalhos de arquitetura e urbanismo. O que se fez foi identificar um conjunto de possibilidades e limitações que a forma urbana pode estabelecer e se relacionar com o processo de apropriação dos espaços públicos.

Segundo Hillier (2007), a configuração urbana é capaz de criar espaços de encontro e copresença. Mesmo na ausência de interação direta, esses locais de encontro desempenham papéis significativos como recursos sociológicos e psicológicos. Hillier utiliza o termo "comunidade virtual" para descrever esse campo:

A forma espacial cria um campo de encontros e copresença possíveis (embora nem todos realizáveis), dentro do qual vivemos e nos movemos e, ainda que isto não leve à interação real, este campo é em si mesmo um recurso sociológico e psicológico importante (...) o chamarei de comunidade virtual, querendo dizer que ele existe ainda que latente e sem realizar-se (Hillier, 1986, p. 12 *apud* Reis, 1993).

5.1 INSERÇÃO URBANA

O bairro Trindade, situado nas proximidades do centro da cidade de Florianópolis, abriga a Praça Santos Dumont e se destaca como uma localidade estratégica, que realiza conexões entre o centro e bairros do entorno, encontrando-se separado do centro da cidade pela topografia acidentada do Morro da Cruz. O bairro é reconhecido por sua importância, abrigando o campus da Universidade Federal de Santa Catarina, o Hospital Universitário e uma diversidade de edificações comerciais

e residenciais, que servem de apoio para moradores e para a população acadêmica da instituição federal.

O traçado urbano do bairro segue uma configuração em espinha de peixe, originada do traçado agrícola inicial. Nessa estrutura, a avenida Lauro Linhares centraliza a espinha, predominantemente ocupada por estabelecimentos comerciais e usos mistos (residencial + comercial). Ela se encarrega de conectar as demais ruas de maneira perpendicular, onde prevalecem os usos residenciais. Na Figura 17 pode-se observar a inserção do bairro Trindade em Florianópolis, destacando a sua posição de centralidade, funcionando como um ponto de conexão entre o centro e os bairros circundantes. Dessa forma, o bairro desempenha um papel fundamental para a integração entre diversas partes da cidade.

Figura 17 - Bairro Trindade no contexto da cidade de Florianópolis e bairros do entorno



Fonte: Adaptado pela autora de *GoogleEarth*, 2023.

A Praça Santos Dumont se insere como uma centralidade do bairro Trindade (Figura 18), atuando como ponto de transição entre as áreas comerciais e residenciais, e a Universidade Federal de Santa Catarina. As ruas que contornam a praça desempenham um papel fundamental ao estabelecerem a ligação do Bairro Trindade com as áreas circundantes, conferindo-lhe um caráter distinto de esquina de bairro.

A Rua Lauro Linhares conecta os bairros Trindade e Agrônômica, servindo como a principal via no bairro Trindade, onde se encontram os principais estabelecimentos residenciais e comerciais. Ela facilita os fluxos provenientes do centro da cidade. Por sua vez, a Avenida Desembargador Vitor Lima estabelece a ligação entre Trindade e Carvoeira, dois bairros notáveis por abrigarem uma considerável população universitária e circundarem o campus universitário. A Rua Delfino Conti, também conectando Trindade aos bairros Pantanal e Córrego Grande, destaca-se pela proximidade com a universidade. Já a Rua Prof. Maria Flora Pausewang delinea a área do Hospital Universitário, recebendo fluxos do centro da cidade e conectando o bairro a Santa Mônica e Itacorubi.

Figura 18 - Praça Santos Dumont no contexto do Bairro Trindade



Fonte: Adaptado pela autora de *GoogleEarth*, 2023.

A praça experimenta intensos fluxos urbanos, com a presença significativa de veículos ao longo das três avenidas que a cercam durante o dia, além do considerável movimento de pedestres que é intenso nas vias circundantes, porém moderado no

espaço interno. Essa atividade constante contribui para um cotidiano movimentado, embora os fluxos dentro da própria praça sejam diminuídos.

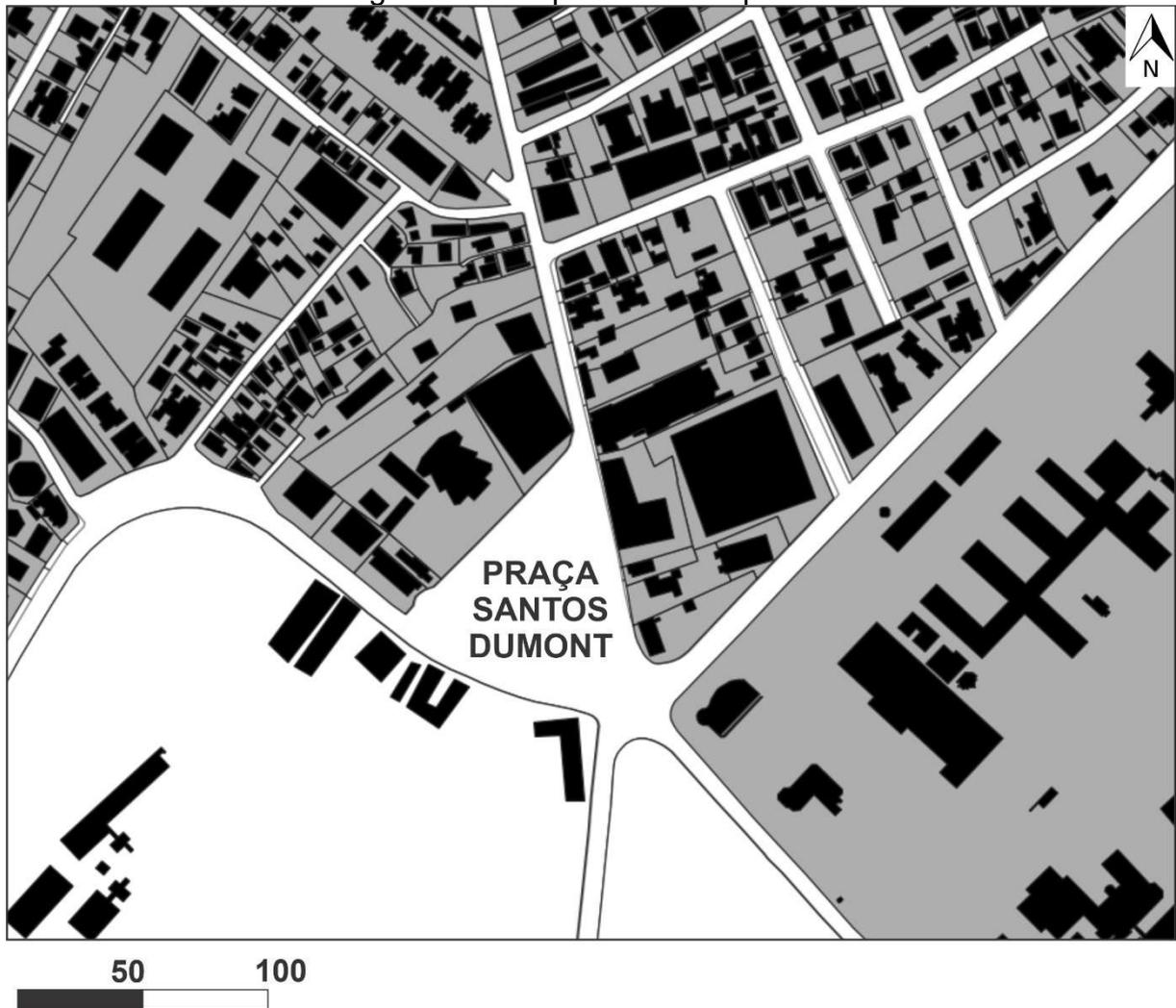
Essas características singulares tornam tanto o bairro quanto a praça elementos de grande relevância para a análise da dinâmica urbana local. Essa relevância está intrinsecamente ligada à localização, pois o bairro serve como ponto de transição para diversos bairros circundantes, além de funcionar como área residencial para estudantes, professores e outros profissionais que atuam na Universidade Federal. Esses indivíduos desempenham um papel fundamental como usuários essenciais dos equipamentos locais e, por conseguinte, da praça em questão.

5.2 ATRIBUTOS LOCAIS

A avaliação dos atributos locais fez a leitura da configuração do entorno imediato da Praça Santos Dumont. Isso foi realizado por meio de mapeamento e análises, examinando a quantidade de espaço público livre nas proximidades, as dimensões do espaço, o uso do solo e a quantidade de portas e janelas.

5.2.1 Quantidade de espaço livre público

Figura 19 – Mapa de ilhas espaciais



Fonte: Elaborado pela autora com base de dados do IPUF, 2023.

A análise do mapa de ilhas espaciais (Figura 19) permite uma observação detalhada da quantidade de espaço público disponível. A Tabela 1 mostra a quantidade de espaço livre do recorte, elucidando que neste a quantidade de espaços privados edificadas e não edificadas predomina sobre os espaços livres públicos.

Tabela 1 – Quantidade de espaço livre público

		Percentual da área no recorte
Área total do recorte	309.609 m ²	100%
Área total de espaços livres públicos (incluindo a praça e a UFSC)	100.620 m ²	33%
Área total de espaços privados edificadas e não edificadas	208.989 m ²	67%
Área da praça (sem as ruas adjacentes)	7.881 m ²	2,54%
Área da UFSC no recorte	58.123 m ²	19%

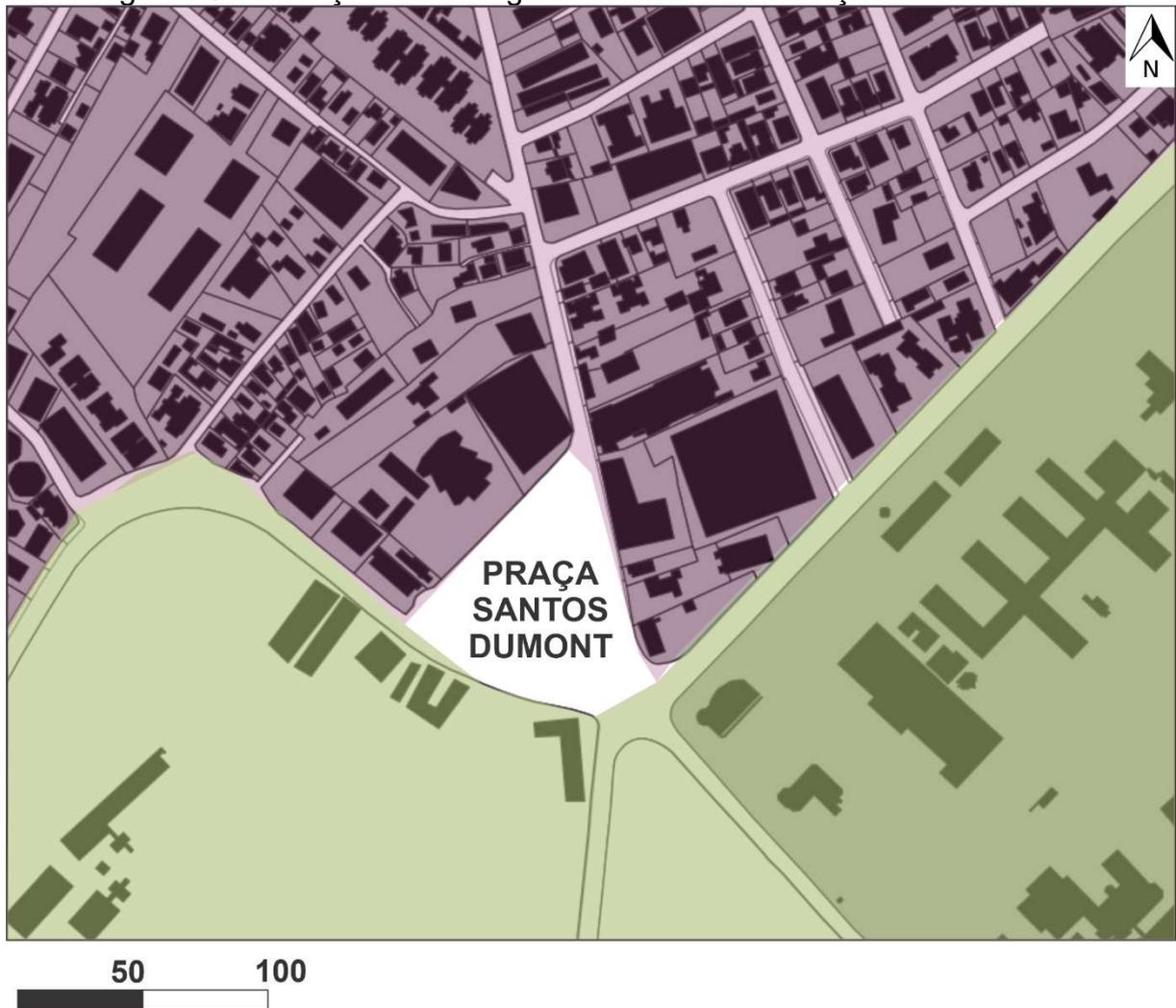
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A Praça Santos Dumont desempenha um papel fundamental como ponto de transição entre duas configurações urbanas distintas, situadas ao norte e ao sul da imagem, marcada com cores distintas (Figura 20). Na porção norte – colorida na cor roxa –, a configuração urbana reflete princípios da cidade tradicional, conforme descritos por Camillo Sitte. Nesse contexto, as ruas e a praça são delineadas pelas edificações circundantes, resultando em um arranjo onde as ruas se apresentam como vazios na massa edificada, assim como a praça adjacente. A literatura estudada reforça a capacidade deste tipo de configuração urbana, de concentrar fluxos e atividades, caracterizando espaços públicos que tendem a ser densamente apropriados no cotidiano.

Por outro lado, na direção sul da imagem – colorida na cor verde –, área do campus universitário da UFSC, observa-se a influência do modelo modernista, caracterizado pela prevalência de espaços abertos na malha urbana. Isso resulta em um percentual significativamente maior de espaço livre público. Destaca-se que as edificações pertencentes à universidade, como a igreja e o teatro da UFSC, exemplificam a configuração anterior do bairro, com fachadas delimitando a praça, e portas se abrindo diretamente para o espaço público.

A Tabela 2 e a Figura 20 apresentam as áreas das dimensões norte e sul do recorte, evidenciando as distinções morfológicas apontadas.

Figura 20 - Distinções morfológicas no entorno da Praça Santos Dumont



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Tabela 2 - Quantidade de espaços livres públicos por recorte morfológico

	Recorte Sul	Recorte Norte
Área total do recorte	111.875 m ²	195.880 m ²
Quantidade de espaços livres públicos	68.485 m ²	17.892 m ²
Quantidade de espaços privados	43.390 m ²	177.988 m ²

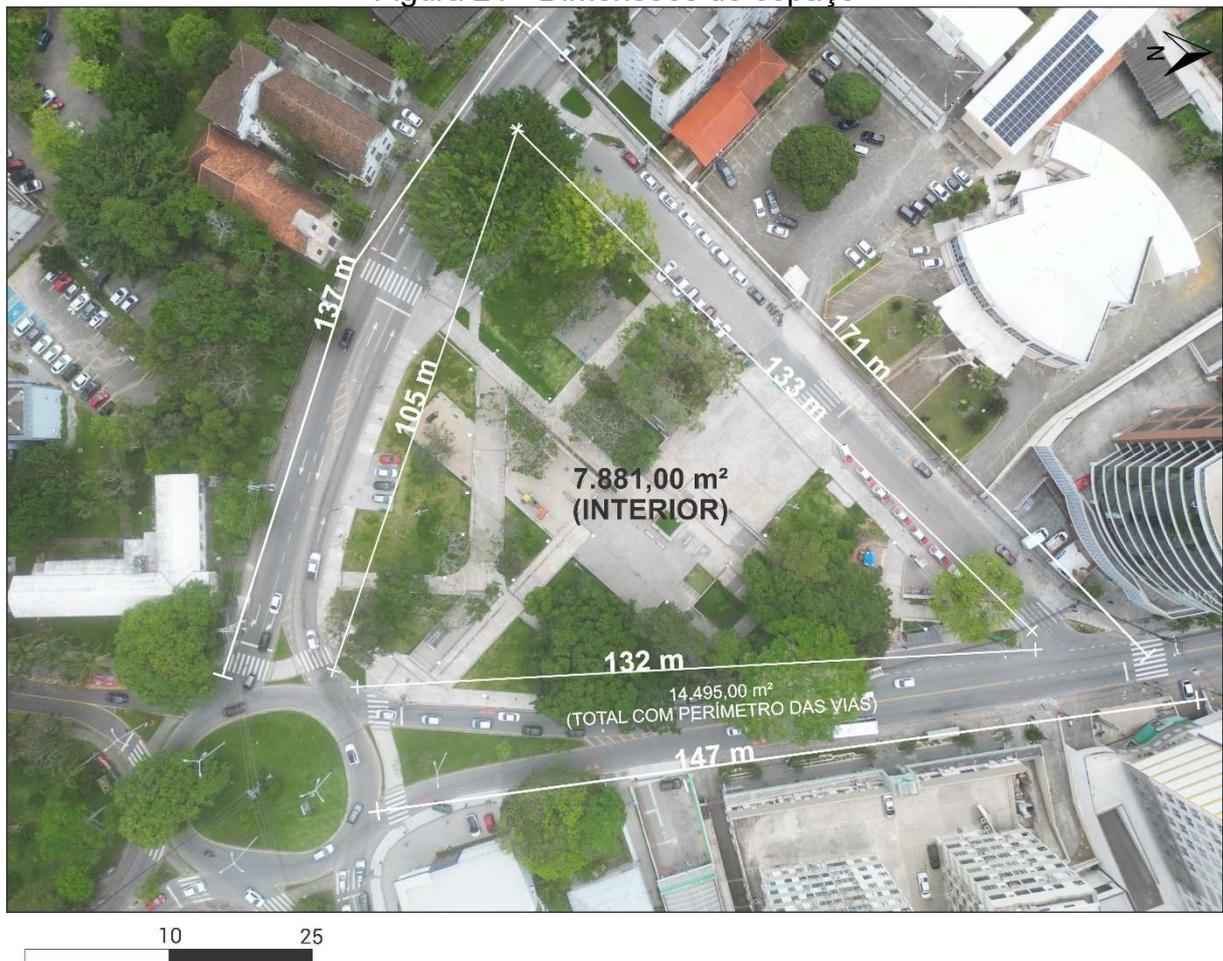
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Conforme apontado por Tenório (2012), as áreas mais compactas, como as representadas pelo norte da praça, tendem a aproximar as pessoas do espaço, facilitando deslocamentos e otimizando o aproveitamento da infraestrutura urbana. A análise dessas características possibilita uma identificação entre a interação da experiência cotidiana do usuário e o espaço disposto, ressaltando a relevância da Praça Santos Dumont como um elemento de transição e coexistência entre diferentes paradigmas urbanos.

5.2.2 Dimensões do Espaço

A Praça Santos Dumont dispõe de uma configuração triangular com fachadas de dimensões distintas, conforme ilustrado na Figura 21, resultado em uma área total de 7.881,00 m² de área interna do espaço e um total de 14.495,00 m² de área total quando se soma o perímetro das ruas adjacentes. Essas proporções estabelecem a praça como um amplo espaço central do bairro, o que explica as dimensões consideráveis existentes. No entanto, essa característica também implica que o espaço pode se mostrar significativamente ocupado em eventos específicos, como feiras, festa da laranja e eventos universitários. Em contrapartida, nos dias em que tais eventos não ocorrem, a praça pode não sustentar uma atividade constante, dada sua grande extensão e a diminuição de ocupantes no cotidiano.

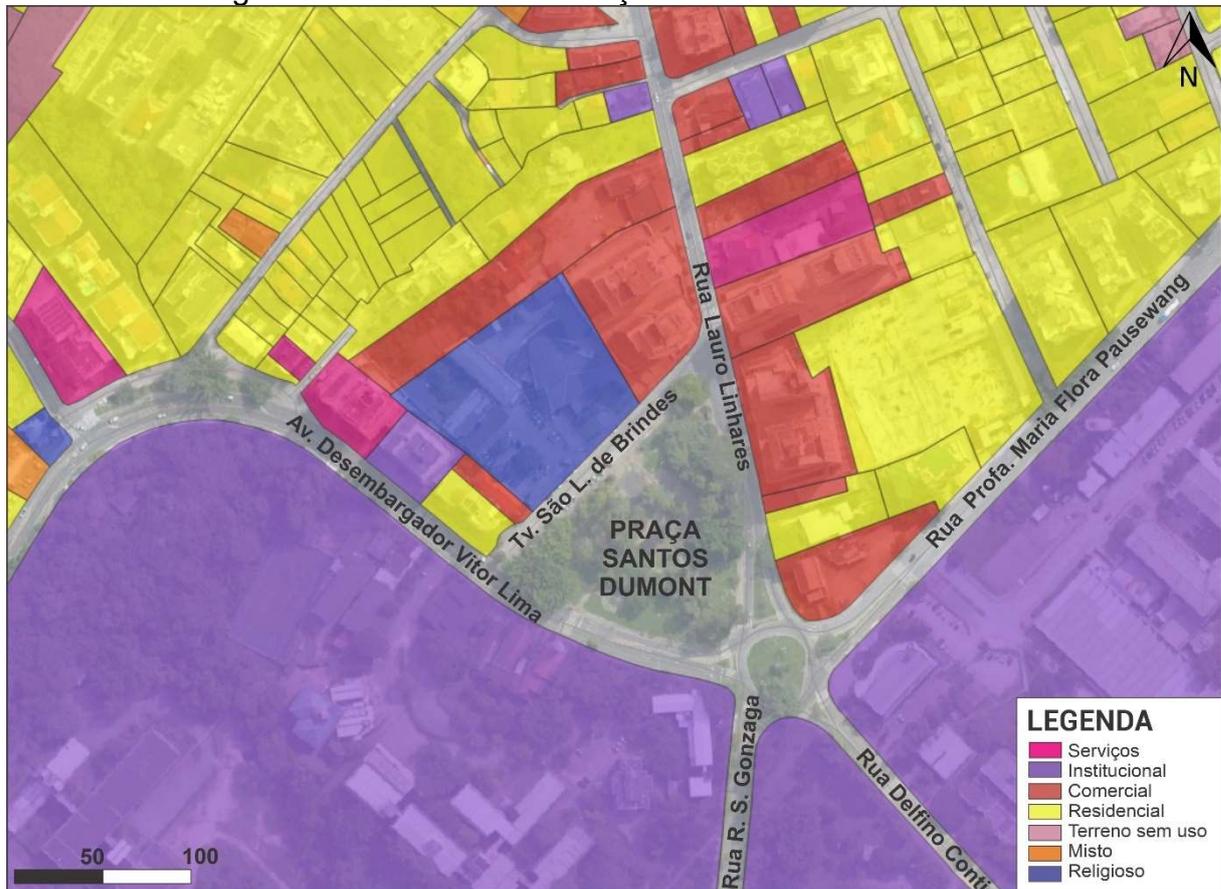
Figura 21 - Dimensões do espaço



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

5.2.3 Uso do Solo

Figura 22 – Uso do solo: Praça Santos Dumont e entorno



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Inserida em um bairro marcado por forte presença dos usos residenciais (residências unifamiliares, prédios de 4 pavimentos, prédios de 12 pavimentos), a praça Santos Dumont apresenta em seu entorno imediato uma grande densidade de comércio e serviços, que expressam seu caráter de centro de bairro. Além desses usos, instituições estão representadas pela igreja matriz da Trindade, e algumas atividades da UFSC, que se apropriou das antigas edificações da igreja e do salão paroquial, hoje transformadas em centro de atividades artísticas, com o salão transformado em teatro. Os usos residenciais estão praticamente desaparecidos deste entorno imediato, apesar de sua forte presença por trás dessa primeira fachada da praça (Figura 22).

A quantidade reduzida de residências nas proximidades da praça indica um desafio potencial na integração entre as áreas residenciais e comerciais, especialmente pelas áreas do entorno funcionarem majoritariamente em horário comercial.

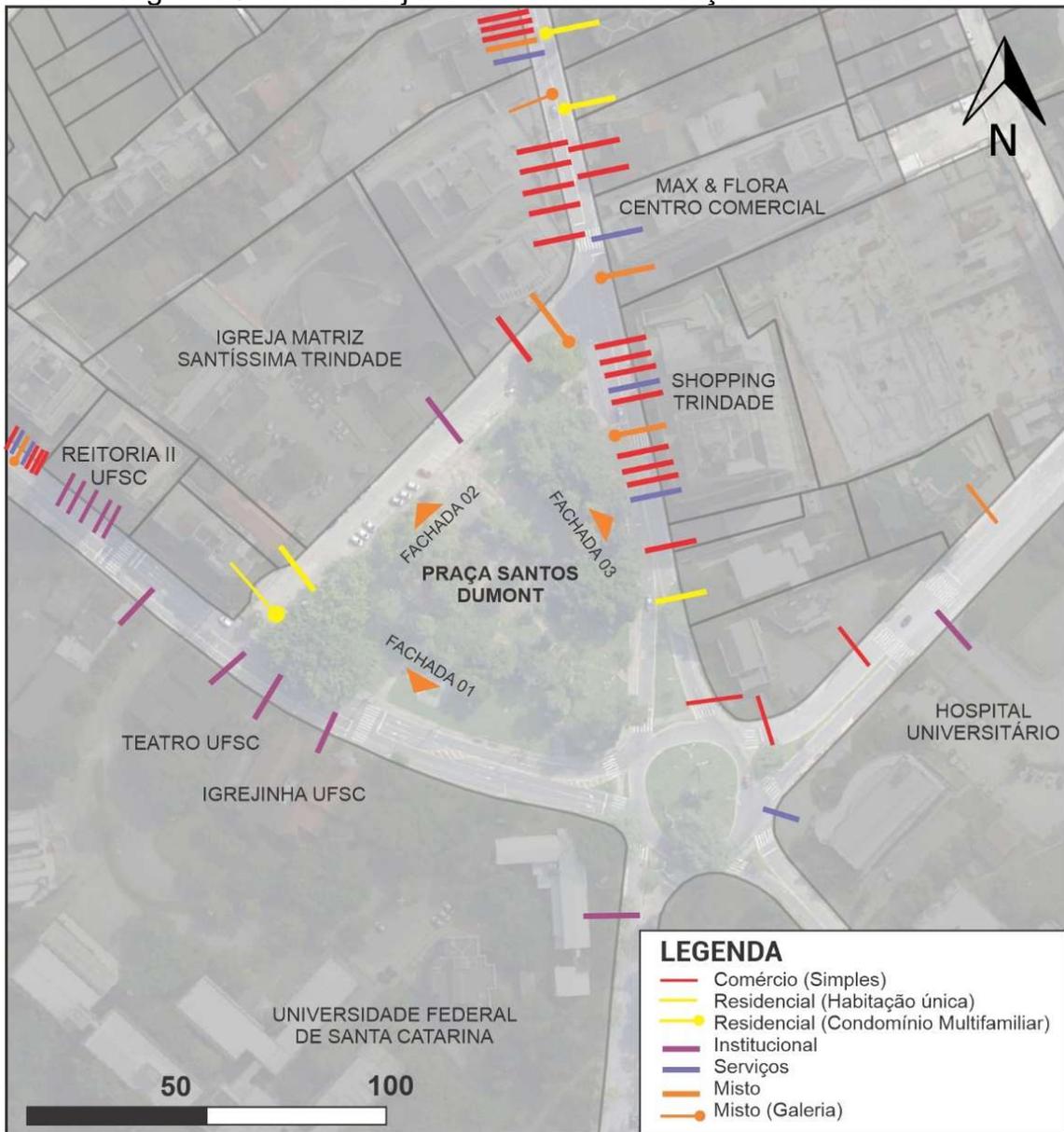
Além disso, atividades noturnas como restaurantes e bares encontram-se praticamente desaparecidas do entorno, ocorrendo em áreas próximas, na direção da Rua Lauro Linhares e na direção da Av. Desembargador Vitor Lima, de forma reduzida, o que pode contribuir para a redução da atividade noturna no local da praça.

A proximidade do espaço com a Universidade faz com que ela atraia o público universitário, além de trabalhadores e pessoas utilizando o comércio, tanto para passagem quanto para permanência. Como será apresentado no capítulo seguinte, fragmentos do cotidiano revelam a apropriação desse espaço por esses estudantes e trabalhadores durante os intervalos do meio-dia ou após as aulas. Nesses momentos, é comum observar essas pessoas reunidas em grupos, sentadas em bancos ou realizando refeições, destacando a praça como um local de descanso e convivência da comunidade universitária e de trabalhadores do entorno.

5.2.4 Quantidade de Portas e Janelas

Na Figura 23 é possível identificar a demarcação das portas abertas para a rua no entorno da Praça Santos Dumont. Nota-se uma concentração significativa de portas abertas nas extremidades da Rua Lauro Linhares, onde os principais estabelecimentos comerciais, como o Shopping Trindade, Supermercados Imperatriz e o Centro Comercial Max & Flora, estão localizados. Essa distribuição contribui para a segurança pública local, mas também amplifica a atratividade e circulação de pessoas, especialmente durante os horários comerciais, visto que estas portas se abrem somente nesses horários.

Figura 23 – Portas e janelas no entorno Praça Santos Dumont



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

No que diz respeito à disposição das portas ao longo das fachadas, Gehl e Svare (2018) propõem, e este estudo adapta, um índice para avaliar quantas portas estão presentes em cada trecho de rua. Essa abordagem visa avaliar a eficácia da quantidade de portas abertas para a rua e se sua distribuição é adequada. Os resultados dos cálculos referentes às fachadas das três ruas que circundam a praça são apresentados na Tabela 3. Estes mostram que cada unidade de comprimento de rua apresenta menos de 1 porta para o seu comprimento total. Ressalta-se que, apesar desse resultado, algumas portas únicas dão acessos à pequenos shoppings,

que abrangem um grande número de atividades de comércio e serviços e atraem um significativo número de usuários.

Tabela 3 - Número de portas por comprimento de rua

Fachada	Comprimento total	Número de portas abertas (independente do uso)	Número de portas por unidade de comprimento de rua
Av. Desembargador Vitor Lima	137 m	4 portas	0,02
Tv. São Lourenço de Brindes	171 m	8 portas	0,04
Rua Lauro Linhares	147 m	17 portas	0,11

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Identificaram-se as três fachadas voltadas para a praça, destacadas por setas laranjas no mapa acima. Nas Figuras 24, 25 e 26, podem ser observadas as edificações nessas fachadas em registros fotográficos. As janelas e portas que contêm visibilidade foram marcadas com a cor cinza, representando o vidro.

A respeito do número de janelas associadas a cada porta, a contagem correspondente é apresentada na Tabela 4 para cada fachada. Destaca-se que a Travessia São Lourenço de Brindes exibe a maior quantidade de janelas, sobretudo no edifício comercial que abriga o supermercado Imperatriz, cujas fachadas são completamente envidraçadas. Este cenário sugere uma considerável visibilidade para a rua, especialmente dado a altura do edifício. Por outro lado, a Rua Lauro Linhares destaca-se pela maior presença tanto de portas quanto de janelas, todas de uso comercial, indicando uma ampla visibilidade para a rua, embora restrita a determinados horários.

Tabela 4 - Quantidade de janelas e portas de cada fachada

Fachada	Número de portas	Número de janelas
Av. Desembargador Vitor Lima	4 portas	17 janelas
TV. São Lourenço de Brindes	8 portas	230 janelas
Rua Lauro Linhares	17 portas	180 janelas

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 24 - Fachada da Av. Desembargador Vitor Lima



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 25 - Fachada da Tv São Lourenço de Brindes



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 26 - Fachadas da Rua Lauro Linhares



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A Figura 24 apresenta a fachada 01, representada pela Avenida Desembargador Vitor Lima, que tem quatro edificações e um espaço ocioso. As quatro edificações pertencem à Universidade Federal de Santa Catarina: a Igrejinha e o Teatro, são abertas ao público apenas em momentos esporádicos, quando há a realização de algum evento. Portanto, a fachada 01 não apresenta quantidade significativa de janelas abertas para a rua durante todos os horários do dia.

A fachada 02 (Figura 25) corresponde à Travessia São Lourenço de Brindes. A primeira edificação (da esquerda para a direita) é um edifício residencial de cinco pavimentos. Cada pavimento dispõe de duas janelas e uma sacada com vista para a rua. Sendo de uso residencial, presume-se que haja uma presença constante de “olhos para a rua” ao longo do dia. No entanto, é notável que este é o único exemplo de uso residencial multifamiliar de altura no entorno imediato, complementado por apenas duas residências unifamiliares. Importante mencionar que a edificação residencial adjacente permanece desocupada desde o início deste estudo.

Em seguida, encontra-se o edifício que contempla as atividades paroquiais da Igreja Matriz da Santíssima Trindade. Apesar das atividades ocorrerem diariamente durante o horário comercial, a edificação está posicionada de maneira potencialmente distante da rua, com uma área de estacionamento na frente. A Igreja Matriz ao lado, realiza missas diariamente, mas abre as portas apenas durante esses eventos, permanecendo fechada nos demais períodos. Vale ressaltar que a movimentação ao redor da praça aumenta significativamente nos horários de missa, especialmente aos domingos pela manhã.

A última edificação da fachada é um edifício comercial que abriga o Supermercado Imperatriz no térreo. O supermercado contribui para o fluxo de pessoas nas vias próximas à praça, sendo um atrativo para o espaço e proporcionando uma sensação de segurança durante os horários comerciais. Os pavimentos superiores consistem em depósitos de supermercado e salas comerciais, que também operam apenas durante o horário comercial, entretanto, demonstram significativa quantidade de janelas com visibilidade dispostas voltadas para a Praça.

Na Figura 26, são apresentadas as edificações da fachada 03, delimitada pela Rua Lauro Linhares. Os dois primeiros edifícios, dispostos da esquerda para a direita, correspondem ao centro comercial Max & Flora e ao Shopping Trindade. Ambas as estruturas são destinadas exclusivamente a usos comerciais e de serviço, permanecendo fechadas durante os horários noturnos. Apesar de operarem apenas

em horários comerciais, ambos os edifícios apresentam uma considerável quantidade de janelas voltadas para a rua. Ressalta-se que, apesar da quantidade significativa de janelas, o edifício do Max & Flora apresenta brises metálicas em boa parte da fachada, o que diminui a visibilidade para a rua.

As três edificações subsequentes consistem em duas farmácias e uma residência, todas com um ou dois pavimentos. A primeira farmácia, embora tenha portas abertas para a rua, está ligeiramente afastada do passeio, contando com uma extensa área de estacionamento em sua frente. A residência térrea é caracterizada por uma alta cerca e densa vegetação em sua fachada frontal, o que limita a visibilidade para o espaço da praça. A segunda farmácia dispõe de portas voltadas para a rua, proporcionando uma considerável visibilidade. No entanto, uma grande parte de sua fachada é cega, sem portas e janelas, conforme evidencia-se na imagem.

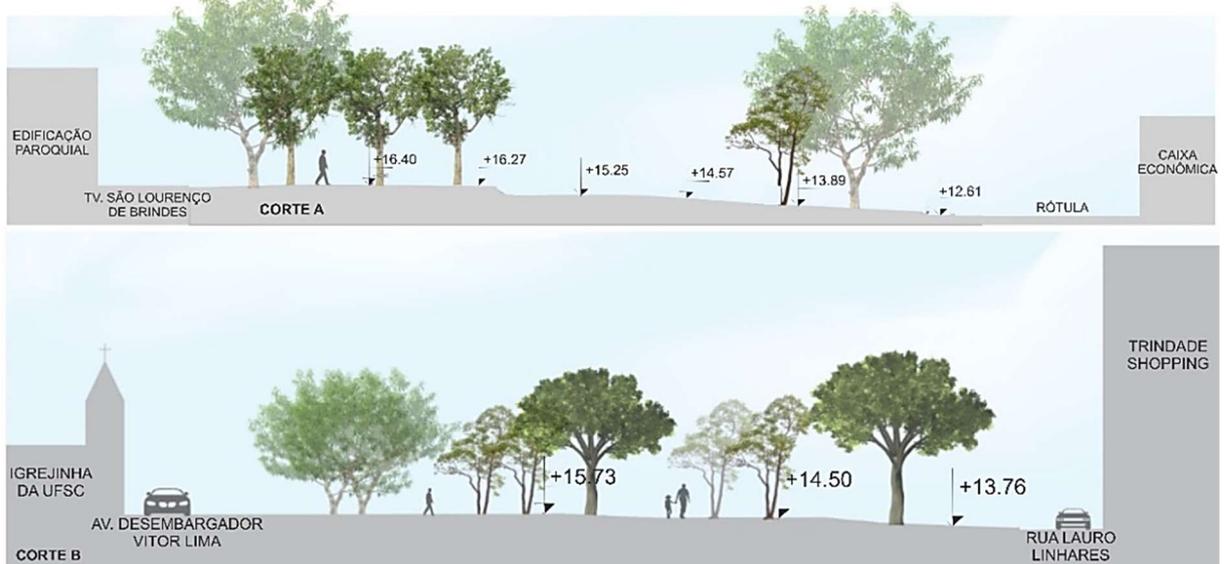
Desta maneira observa-se poucas portas no entorno da praça, ou seja, a relação entre o interior das edificações e o espaço público é relativamente pequena. Isto é agravado pelas atividades e usos existentes nestas edificações, que existe uma grande quantidade e diversidade de usos do solo no entorno imediato da praça, porém as edificações que abrigam estes usos têm poucas aberturas para o espaço público. Além disso, a ausência de usos residenciais evidencia uma possível desertificação do espaço público nos horários não comerciais.

5.3 ARQUITETURA DA PRAÇA

A descrição e a avaliação da arquitetura da praça abordam os elementos projetuais do espaço, evidenciando os principais acessos, caminhos, lugares criados, características topográficas e a presença de arborização, destacando a importância desses elementos na análise da apropriação do espaço.

5.3.1 Características topográficas

Figura 27 - Corte esquemático



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A Praça Santos Dumont está situada em um terreno caracterizado por topografia acidentada, marcada por desníveis que ocasionam a distribuição das atividades em diferentes níveis. O espaço é atravessado por uma variedade de rampas e escadas. O corte esquemático apresentado na Figura 27, especificamente o Corte A na principal rampa, ilustra como esses desníveis se manifestam, sendo mais pronunciados nessa dimensão, com um desnível de quase 4 metros de altura.

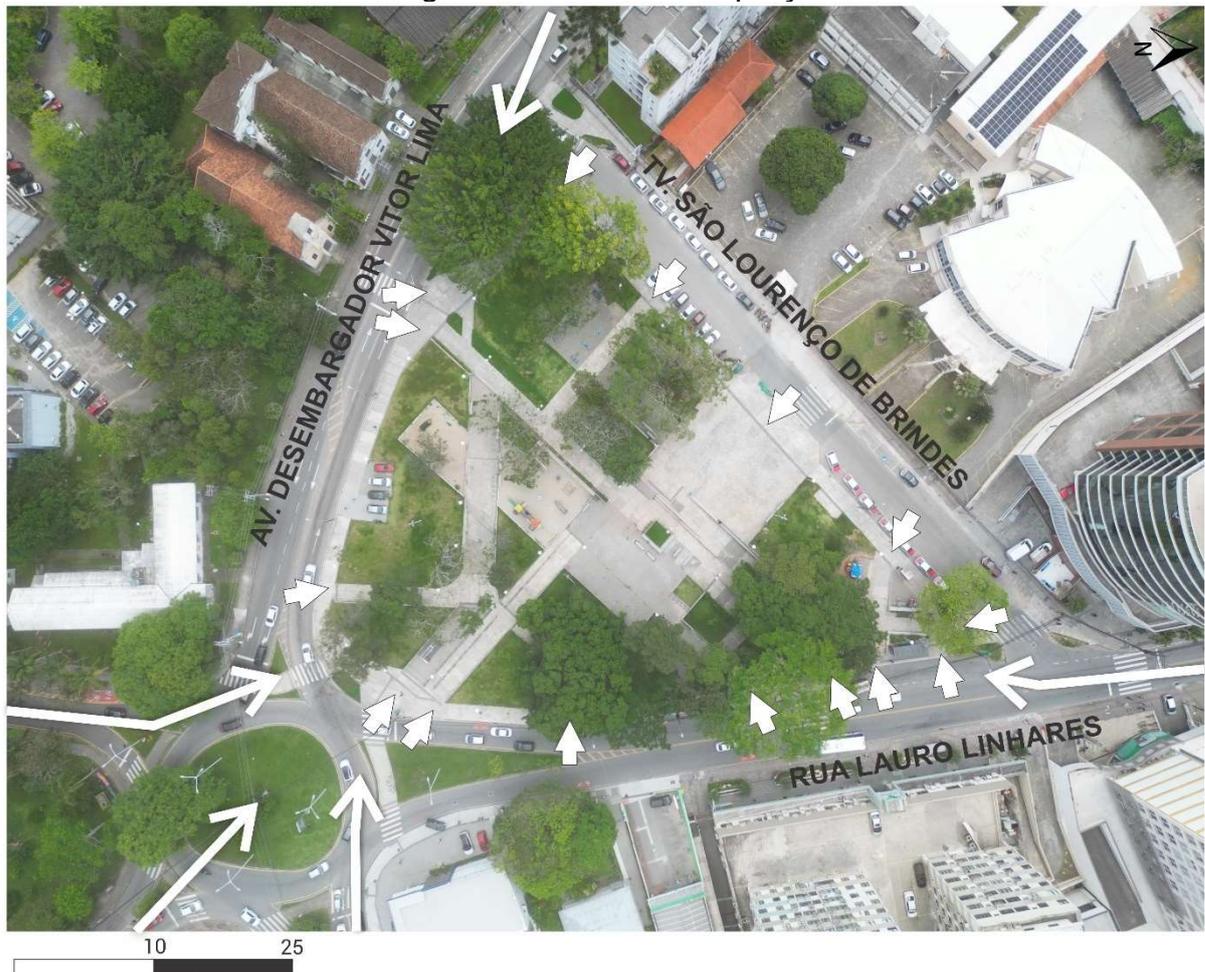
A compreensão dos desníveis no espaço proporciona um maior entendimento sobre as potenciais barreiras que podem afetar a apropriação do local. Nas entrevistas a serem apresentadas posteriormente, as rampas e escadas são frequentemente mencionadas de forma negativa pela maioria dos usuários. Este fator, combinado com as dimensões apresentadas por essas estruturas, que muitas vezes exigem rampas ou escadas extensas, leva muitas pessoas a optarem por contornar o espaço em vez de cruzar esses caminhos de desníveis.

As escadas e rampas no nível mais baixo muitas vezes comprometem a visibilidade do restante do espaço, tornando a compreensão do local confusa e não proporcionando uma sensação de segurança para aqueles que consideram adentrar no espaço. Ressaltando-se que a maior barreira ocasionada por estes desníveis acontece em frente à Rua Lauro Linhares que separa significativamente o espaço da

praça do espaço da rua, dificultando a entrada dos pedestres na praça, criando espaços em níveis diferenciados.

5.3.2 Acessos

Figura 28 - Acessos da praça



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Conforme representado na Figura 28, pode-se destacar como principais acessos à praça as ruas que originam os principais fluxos urbanos, representadas pelas setas maiores. Essas vias incluem as Ruas Lauro Linhares, Av. Desembargador Vitor Lima, Profª Maria Flora Pausewang, Delfino Contti e Prof Roberto Sampaio Gonzaga, sendo estas últimas responsáveis por direcionar os fluxos provenientes da Universidade.

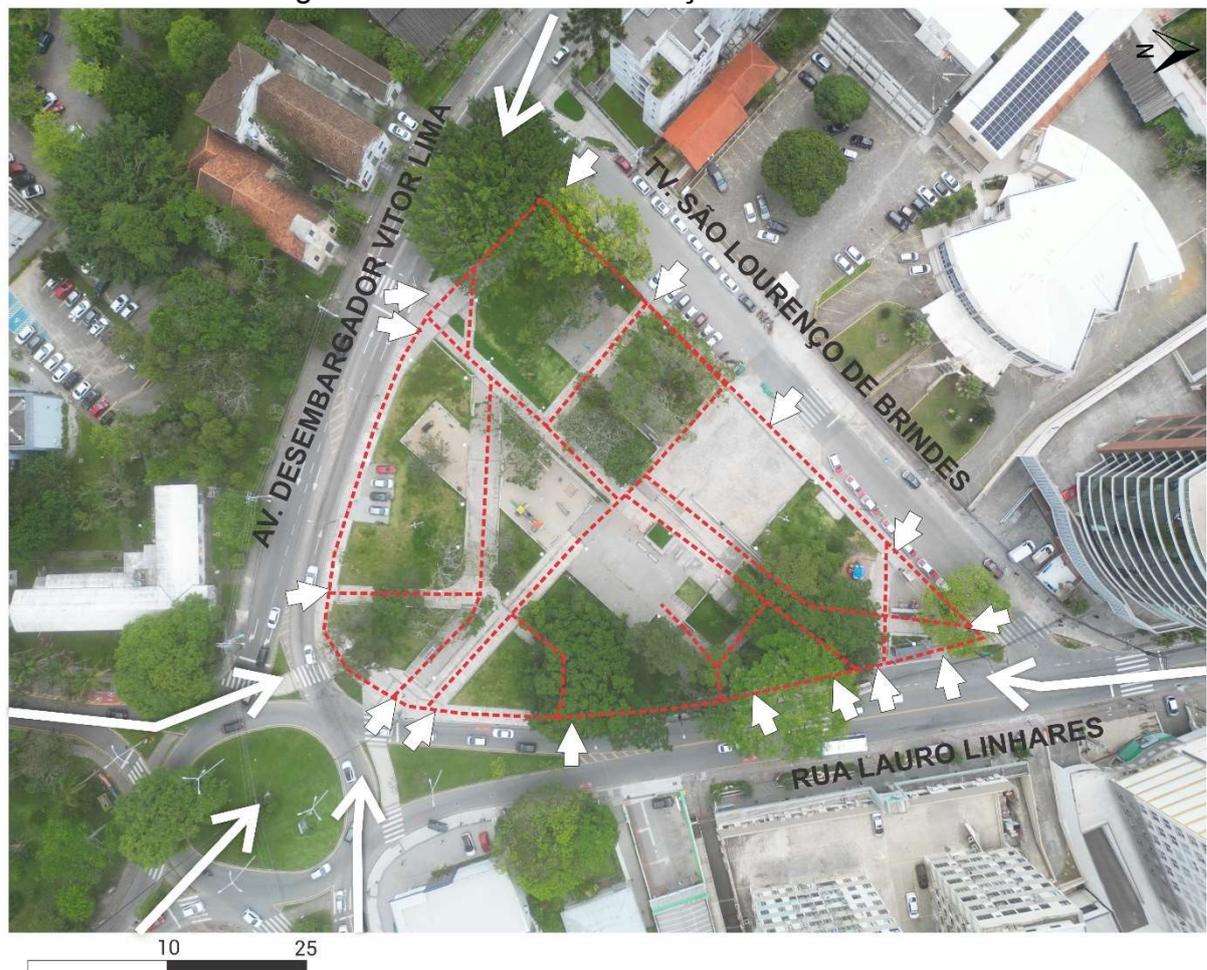
Além disso, a praça é acessada por pontos diversos ao longo das três ruas que a circundam, totalizando quinze acessos marcados pela cor branca, sendo seis desses através de rampas e escadas. Essas entradas proporcionam acesso ao

interior da praça, estabelecendo os fluxos predominantes que se deslocam através dela. Esses acessos não apenas conectam a praça ao entorno, mas também desempenham um papel significativo na orientação dos movimentos dos frequentadores e na configuração geral da dinâmica espacial.

É importante observar que a praça não é acessada em todo o seu perímetro, isso acontece por conta do desenho do espaço e dos desníveis apresentados, que formam canteiros elevados e barreiras que restringem o acesso direto em todo o seu perímetro.

5.3.3 Caminhos

Figura 29 - Caminhos da Praça Santos Dumont



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os caminhos internos da praça são determinados a partir dos principais acessos, caracterizando os principais fluxos de usuários e a distribuição dos equipamentos. Alguns desses caminhos são delineados por rampas e escadas,

refletindo os desníveis do terreno. A definição desses percursos possibilita identificar a predominância de passagem no interior do espaço e estabelecer os fluxos principais de pedestres, relevando padrões como a concentração de passagem em áreas desprovidas de rampas ou escadas.

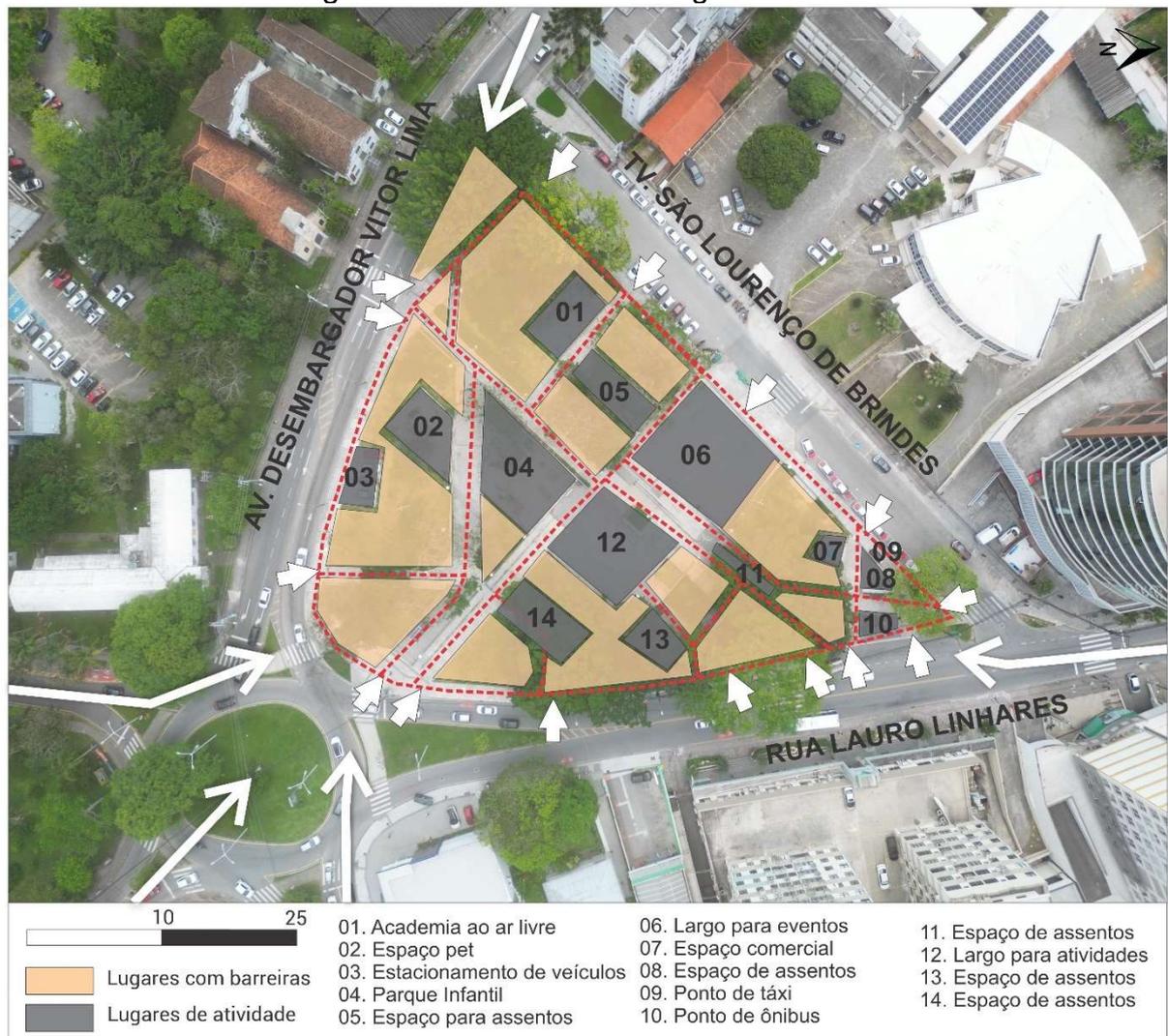
Essa estrutura proporciona uma variedade de percursos dentro do ambiente, oferecendo diversas opções de deslocamento. A acessibilidade é adequadamente projetada, seguindo as diretrizes da NBR 9050. No entanto, apesar da presença de escadas e rampas em conformidade com as normas, esses elementos acabam atuando como obstáculos à entrada no espaço, pois criam barreiras visuais e podem gerar hesitação nas pessoas em utilizar o ambiente.

5.3.4 Lugares criados

A terminologia "lugares criados", neste estudo, refere-se aos espaços que oferecem condições para a realização de atividades de permanência. Esses locais são delimitados de modo diferenciado: áreas onde as pessoas não adentram, que funcionam como canteiros, espaços arborizados, entre outros; e áreas onde atividades específicas ocorrem. Estes são delimitados por barreiras de diversos tipos: barreiras topográficas, canteiros, muros, rampas, degraus e muretas. A Figura 30 ilustra os lugares criados na praça, proporcionando uma visualização dessas diferentes áreas e suas respectivas características. Essa abordagem permite uma compreensão mais abrangente da espacialização da diversidade de usos e configurações presentes no espaço interno da praça.

Entre os lugares criados destinados à prática de atividades, identificam-se 14 ambientes designados para diversas funções na praça: 01 - academia ao ar livre (área de exercícios); 02 - espaço pet; 03 - estacionamento de veículos; 04 - parque infantil; 05, 08, 12, 13 e 14 – espaços para assentos; 06 e 12 - largos destinados a eventos como feiras de artesanato e de hortifrutigranjeiros, campeonatos pequenos de skate, batalhas de rimas e rap, entre outros; 07 – espaço comercial; 09 – ponto de táxi e 10 – ponto de ônibus.

Figura 30 - Atividades dos lugares criados



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O reconhecimento desses locais é crucial para compreender o processo de apropriação, uma vez que é nesses espaços que a predominância de atividades provavelmente se manifestará. Vale ressaltar que não apenas esses locais possuem equipamentos passíveis de apropriação; alguns caminhos também incluem bancos, mesas e bicicletários. Além disso, observam-se comportamentos em lugares não explicitamente designados para atividades, como o uso das muretas, dos canteiros e gramados como assentos por algumas pessoas.

5.3.5 Arborização

Figura 31 - Arborização da Praça

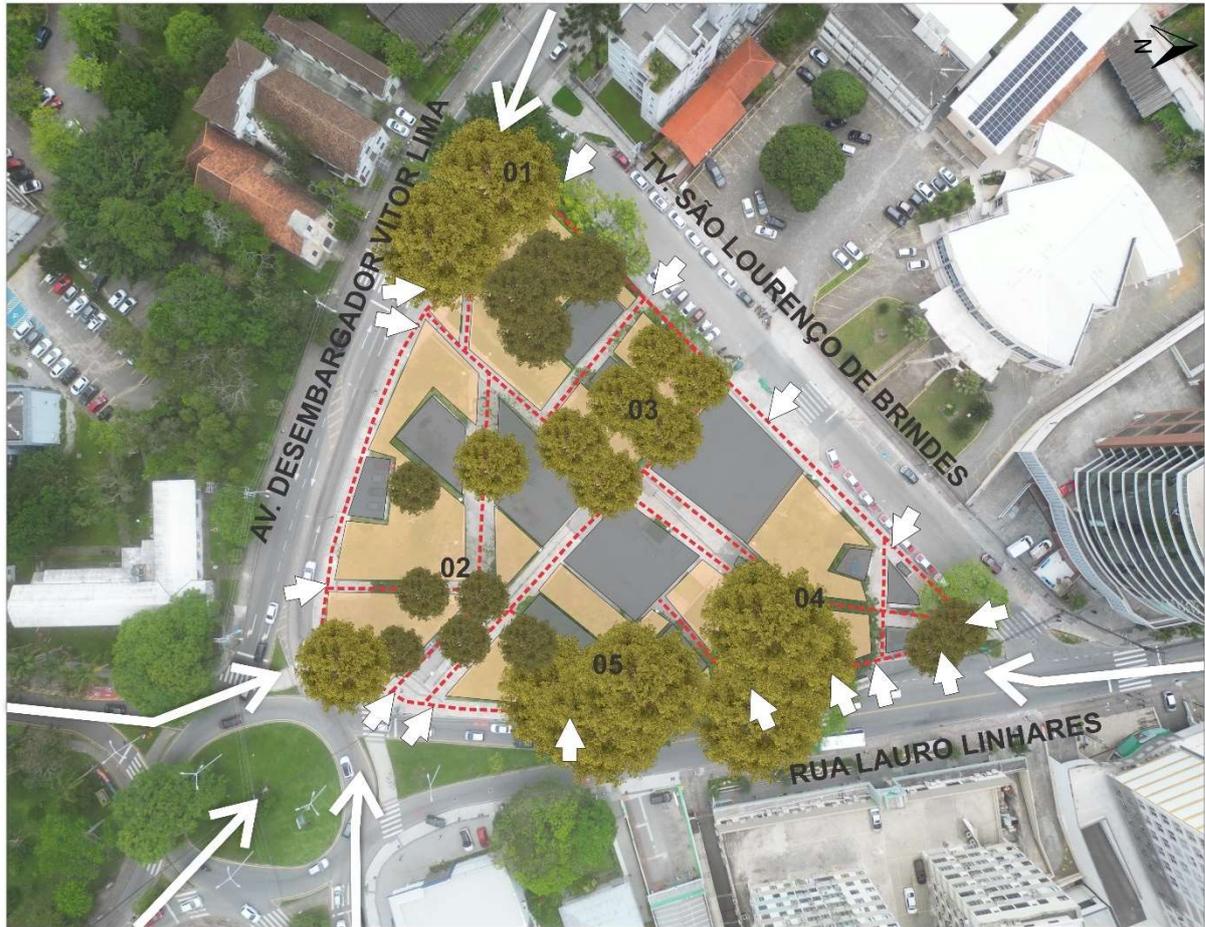


IMAGEM 01



IMAGEM 02



IMAGEM 05



IMAGEM 03



IMAGEM 04



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A inclusão de áreas arborizadas nos ambientes urbanos não apenas desempenha um papel fundamental na atenuação dos efeitos adversos das temperaturas, mas também serve como um elemento de atratividade. Isso se deve à criação de espaços sombreados durante o verão e à possibilidade da entrada de luz solar durante o inverno.

Na Praça Santos Dumont, observa-se uma distribuição eficiente de arborização nos espaços laterais destinados a atividades, estrategicamente posicionados próximos aos assentos, principalmente nas áreas representadas pelas imagens 01, 04 e 05 e pelos lugares criados de números 14 e 15, que recebem um sombreamento mais eficaz. No entanto, notam-se lacunas na presença de árvores em áreas como os dois largos de atividades, onde se dispõem alguns equipamentos e acontecem eventos diversos, estes estão mais propícios à recepção da incidência solar devido à falta de arborização.

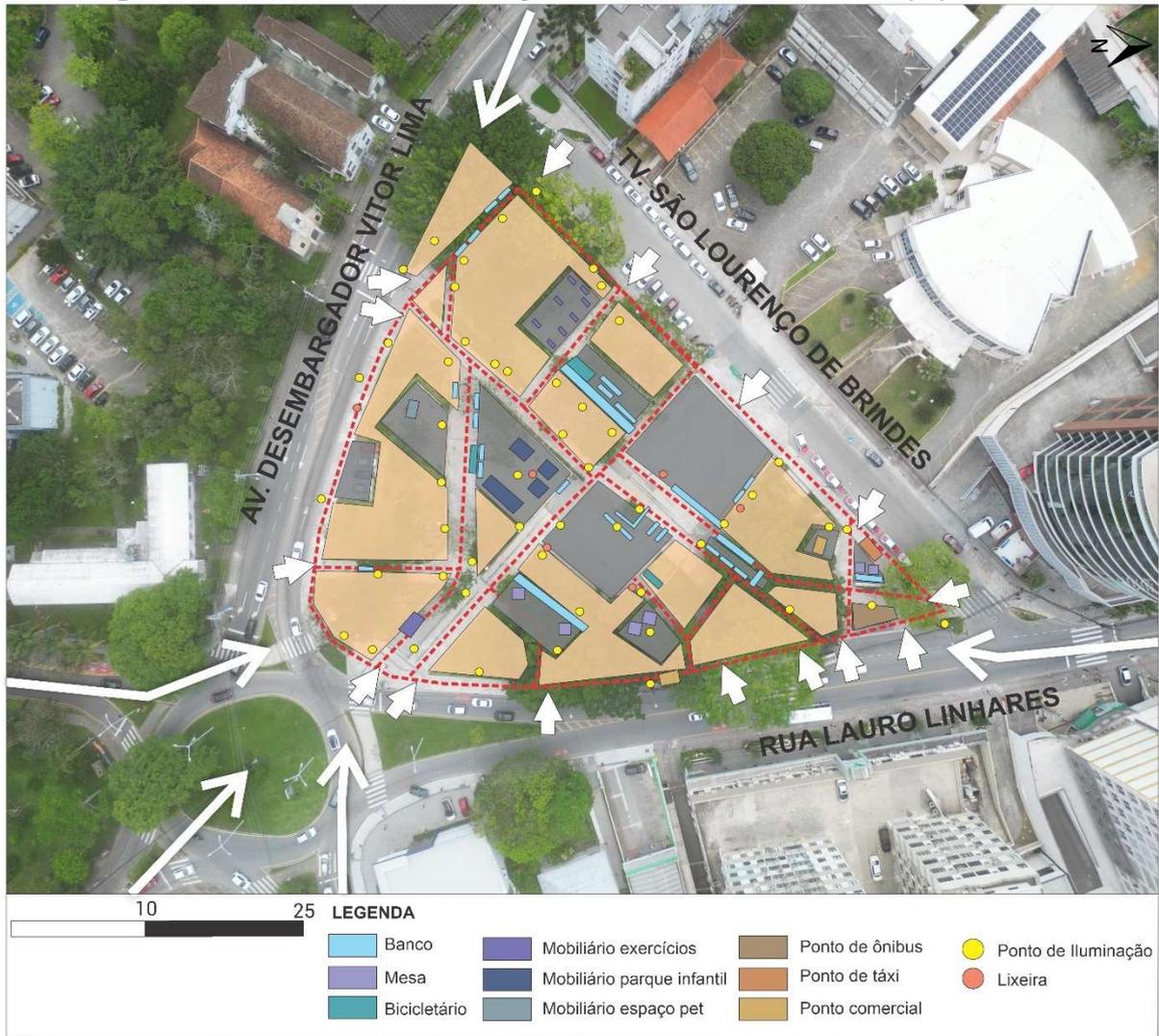
Com relação às espécies das árvores, apresenta-se a predominância de árvores caducifólias, que perdem parte de suas folhas no inverno para permitir a entrada de sol e ficam cheias no verão para favorecer o sombreamento.

As entrevistas subsequentes também revelaram que a arborização foi mencionada tanto de maneira positiva quanto negativa, com as pessoas expressando satisfação pela presença de árvores, mas também manifestando insatisfação devido à sua insuficiência em determinadas áreas, principalmente nas proximidades de alguns assentos.

5.3.6 Equipamentos

A Figura 32 exibe uma planta baixa da praça com os principais equipamentos em destaque. Observa-se uma distribuição significativa de assentos, como bancos e mesas, dispostos ao longo dos caminhos e em áreas próximas aos espaços criados. É notável a presença de uma quantidade considerável de bancos desprovidos de sombreamento proporcionado pelas árvores, um aspecto percebido pelos usuários durante sua utilização, potencialmente levando a uma menor permanência no espaço.

Figura 32 - Planta baixa da Praça Santos Dumont e seus equipamentos

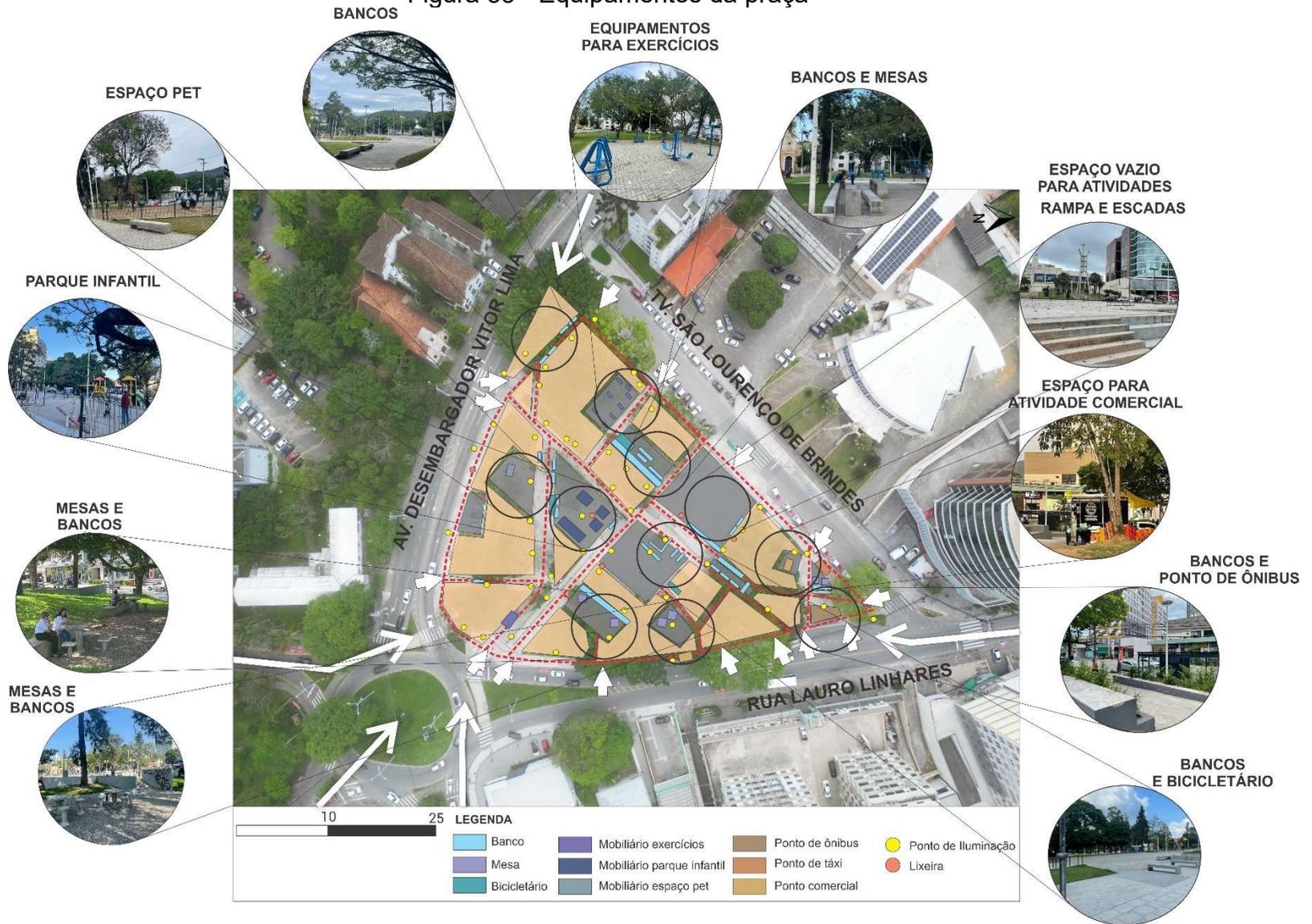


Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os pontos de iluminação apresentam uma distribuição eficaz, especialmente nas áreas de circulação e nas zonas destinadas a atividades prolongadas. No entanto, observa-se uma escassez de lixeiras, o que pode não ser adequado para o espaço, especialmente durante eventos nos quais a participação ativa das pessoas é expressiva. No que diz respeito à posição do ponto de ônibus, os usuários observaram que sua localização cria uma barreira na passagem pela calçada da rua Lauro Linhares, solicitando a existência de um recuo entre o ponto e a rua.

A Figura 33 mostra a planta baixa da praça com imagens dos seus equipamentos ilustrados na Figura 32.

Figura 33 - Equipamentos da praça



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

5.4 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Ao analisar a configuração urbana da Praça Santos Dumont e seu entorno, é possível identificar tanto desafios quanto potencialidades que impactam o modo como o espaço é vivenciado no dia a dia, tendo implicações diretas na quantidade e na diversidade de usuários que dela se apropriam.

Do ponto de vista da inserção urbana, o bairro Trindade se destaca como um ponto de conexão estratégico entre o centro da cidade e outros bairros do entorno, com a Praça Santos Dumont desempenhando um papel significativo ao interligar as principais vias do bairro e conduzir a outros locais, incluindo a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Corroborando a posição de diversos trabalhos (Hillier e Hanson, 1984; Holanda, 2002; Tenório, 2012), essa posição estratégica do bairro Trindade confere ao bairro uma relevância notável, refletida na diversidade de usos e na intensa atividade de pedestres e veículos em seu cotidiano, resultado dos inúmeros fluxos de passagem aí presentes. Contudo, nota-se uma movimentação mais expressiva durante os horários comerciais, com muitas portas e janelas fechadas fora desse período e fluxo de pedestres bastante diminuído, como será apresentado no capítulo seguinte.

A configuração do entorno da praça é definida por diferentes tipologias de espaços públicos, ora com o predomínio dos cheios, situação característica de meios urbanos tradicionais (Sitte, 1992), ora com o predomínio dos vazios, típicos de configurações modernistas, como proposta por Le Corbusier e outros teóricos do movimento moderno. Ao Norte, o bairro da Trindade apresenta uma forma caracterizada pelo predomínio dos cheios, do espaço construído, que tende à concentração de fluxos e atividades, enquanto ao sul, com a maioria dos espaços representados pelo campus da UFSC, há uma predominância de espaços livres públicos. Essa interface confere à praça uma singularidade, permitindo a coexistência de diversas configurações morfológicas.

Os usos do entorno imediato são predominantemente comerciais e de serviços, com a ausência de usos residenciais nesta área específica. Essa dinâmica de ocupação influencia a apropriação do espaço, tornando mais evidente a presença de pessoas no espaço durante os horários comerciais e em menor quantidade nos períodos fora desses horários, conforme expresso pela maioria dos trabalhos consultados (Whyte, 2004; Jacobs, 2011; Tenório, 2012). Essas análises destacam a

importância da diversidade de usos nos arredores de espaços públicos para maximizar a presença de pessoas, incluindo uma variedade de tipologias residenciais, edifícios comerciais, históricos e serviços, que são fatores essenciais para a vitalidade dos espaços públicos.

As fachadas do entorno exibem uma considerável quantidade de portas e janelas abertas para a rua, tornando o espaço mais seguro, atrativo e propício à presença de pessoas, especialmente durante o horário comercial. Essa presença contribui para fortalecer as conexões entre os espaços públicos e os espaços privados, fomentando fluxos de entrada e saída que são fundamentais para o abastecimento da praça. A importância dessas conexões, destacada desde o trabalho inicial de Jacobs (2011), é confirmada por este trabalho, haja vista o entra-e-sai que enriquece a vida da Praça Santos Dumont, em especial sua fachada junto à Rua Lauro Linhares.

No que diz respeito à praça em si, suas dimensões consideráveis e a disposição dos caminhos podem apresentar desafios para a ocupação ao longo do dia. Desníveis são superados por rampas ou escadas, mas podem atuar como obstáculos à apropriação do espaço, reduzindo a visibilidade. A presença significativa de canteiros, destinados a contornar desníveis, limita o espaço disponível para atividades. Dessa forma, os principais fluxos de pedestres acabam por não adentrar o espaço da praça, mantendo-se principalmente nas ruas do entorno, em especial a Rua Lauro Linhares.

Os locais destinados a atividades ocupam uma porção relativamente pequena do espaço devido à distribuição de canteiros. No entanto, destaca-se o largo de atividades em frente à igreja como uma área extensa que possibilita a realização de eventos maiores. A distribuição de equipamentos, como bancos ao redor dos espaços ocupados, e a presença adequada de árvores contribuem para a qualidade do ambiente.

A configuração da praça, moldada ao longo de seu processo histórico de construção, retrata um espaço envolvido por uma variedade de usos que acolhem a vida cotidiana do bairro Trindade. Esta configuração, formada não somente por seus usos, mas também pela arquitetura singular do espaço, atua como um oásis de tranquilidade em meio à agitação diária. A praça serve como ponto de encontro para a diversidade que caracteriza a rotina local. Apesar das peculiaridades como os desníveis e a redução de atividades fora dos horários comerciais, o espaço da praça

reúne cotidianamente uma pequena multidão bastante representativa do formidável mosaico cultural que habita Florianópolis. Além disso, atua como um importante cenário para eventos marcantes no calendário da cidade, eventos rituais que ressignificam o dia-a-dia.

6 A APROPRIAÇÃO DA PRAÇA

Este capítulo descreve o processo de apropriação da Praça Santos Dumont, destacando os principais padrões de fluxo, o uso do espaço no cotidiano e em ocasiões especiais e as atividades desenvolvidas. Esta análise é desenvolvida considerando os diferentes momentos do dia a dia e da semana em que essas dinâmicas são mais frequentes. Inicia-se essa descrição com o perfil dos usuários, coletado através de entrevistas, visando compreender a diversidade que caracteriza esse espaço. Além disso, foram analisados os fluxos de pedestres do entorno e do espaço, assim como as atividades realizadas, identificando padrões de permanência e buscando estabelecer relações com os elementos previamente identificados na configuração do espaço. Por fim, são apresentadas as perspectivas dos próprios usuários em relação ao ambiente da praça. Em todas as análises os dados de apropriação obtidos são correlacionados com a leitura de sua configuração, visando entender os limites e possibilidades do espaço no que tange à criação de um lugar denso de apropriação.

6.1 PERFIL DOS USUÁRIOS

O levantamento do perfil dos usuários foi realizado durante as entrevistas e a aplicação de questionários, ocorrendo após a conclusão de todas as perguntas. É importante destacar que os resultados obtidos possuem limitações, uma vez que foram calculados com base na média dos dados coletados nas 35 entrevistas e questionários realizados. Apesar de pequena, a amostra sugere uma visão geral de quem são os usuários da praça e de suas aspirações a respeito desse espaço.

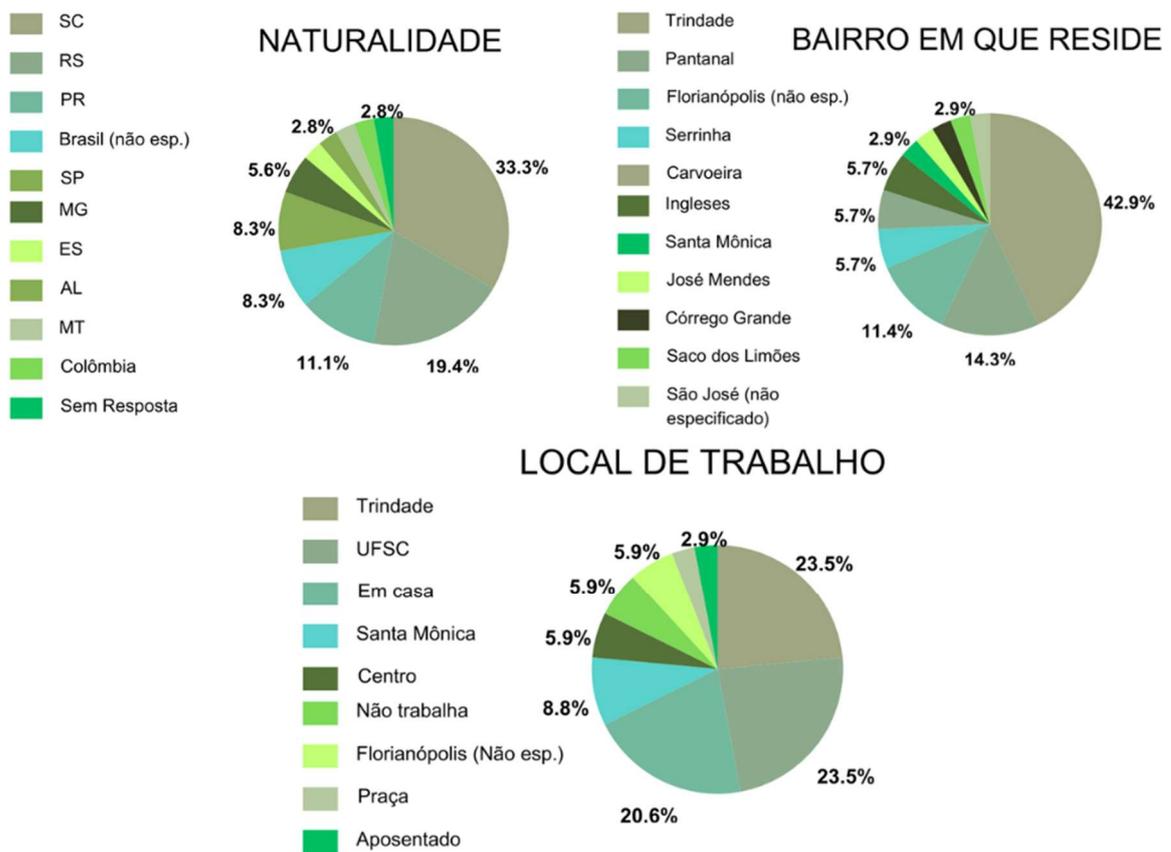
Na Figura 34, o gráfico representa as localidades de origem dos participantes que responderam à entrevista, categorizadas por naturalidade, bairro de residência e local de trabalho.

No que diz respeito à naturalidade, foi observado um predomínio de entrevistados originários dos estados da região sul, principalmente de Santa Catarina. Alguns participantes de outros estados brasileiros também contribuíram, embora em menor número, juntamente com um entrevistado natural da Colômbia.

Nota-se que quase metade dos entrevistados reside no bairro Trindade. O segundo maior grupo de entrevistados provém do bairro Pantanal, adjacente à Trindade e próximo à Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os entrevistados são moradores da Grande Florianópolis, sem a identificação de residentes de outras localidades.

Os locais de trabalho dos frequentadores da praça, situam-se, em sua maioria, no bairro Trindade ou na UFSC, sendo relevante notar que muitos estudantes consideram a UFSC como seu local de trabalho. Outros locais de trabalho também estão situados nas proximidades da praça e do bairro Trindade.

Figura 34 - Localidades dos usuários



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A Praça Santos Dumont atrai principalmente residentes ou nativos de

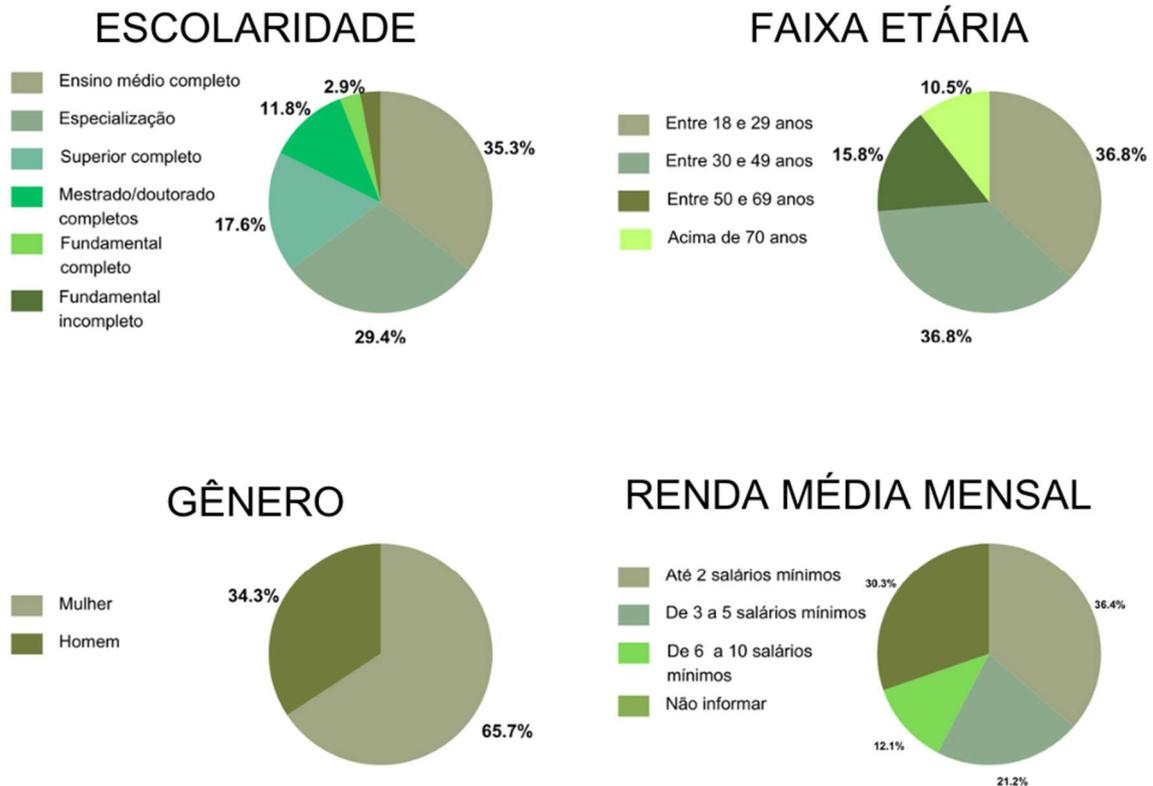
Florianópolis, mas é interessante notar que seus frequentadores provêm de diversas regiões, como evidenciado nos gráficos de naturalidade e local de trabalho. Esse fator contribui para uma notável diversidade social.

Os demais dados demográficos, como gênero, renda, escolaridade e faixa etária são apresentados na Figura 35.

É possível observar que a maior parte dos entrevistados apresenta formação no ensino médio completo ou possui algum tipo de especialização. Esses dados destacam o nível educacional dos participantes, evidenciando que a maioria possui uma qualificação superior ao ensino fundamental básico. A presença tanto de especializações quanto do ensino médio revela uma notável diversidade de graus de instrução entre os entrevistados.

As faixas etárias predominantes situam-se entre 18 e 29 anos, bem como entre 30 e 49 anos, indicando uma predominância de jovens no espaço. Importante ressaltar que menores de 18 anos não foram abordados no estudo. Embora os jovens sejam a maioria, foi notada a presença de outras faixas etárias, incluindo crianças, idosos e adultos. Isso indica a presença de um público representativo de todas as faixas etárias, indicando um mosaico intergeracional diversificado em seu cotidiano.

Figura 35 - Perfil dos usuários



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

No que diz respeito ao gênero, 65% dos entrevistados são mulheres. Embora o gráfico sugira um pequeno desequilíbrio de gênero, as observações de campo indicam equilíbrio na maioria dos horários, exceto durante o período noturno. Essa presença feminina no espaço é de extrema importância, refletindo valores de inclusão e representatividade. Além disso, um ambiente público que acolhe as mulheres proporciona um senso maior de segurança e bem-estar. Isso é essencial para que as mulheres se sintam livres para participar ativamente na sociedade, seja em atividades de lazer, trabalho ou engajamento cívico.

A renda mensal predominante da pesquisa é de até 2 salários mínimos, que se alinha com os dados do censo do IBGE de 2010, que registram uma renda predominante no bairro Trindade de 3 a 6 salários mínimos, considerando o valor do salário mínimo da época (R\$ 510,00). A predominância de uma renda de até 2 salários mínimos entre os respondentes indica que a maioria das pessoas entrevistadas tem um poder aquisitivo baixo. É importante notar, no entanto, que ainda há uma

significativa parcela de participantes com rendas mais elevadas. Isso demonstra que a praça contem diversidade de rendas, reunindo diferentes padrões sociais.

Conclui-se que o perfil predominante dos frequentadores da Praça Santos Dumont engloba tanto homens quanto mulheres, na faixa etária de adolescentes a adultos, com idades aproximadas entre 18 a 49 anos. Esses indivíduos tendem a ser residentes do bairro Trindade, originários dos estados do sul do Brasil, principalmente de Santa Catarina. Além disso, são majoritariamente trabalhadores no próprio bairro Trindade e apresentam uma média mensal de renda de até 2 salários mínimos, além de rendas mais elevadas também observadas.

Embora cada categoria apresente um fator predominante, existem pontos de diversidade notáveis, evidenciados por dados que se aproximam. Isso inclui a presença significativa de pessoas com diversos níveis de escolaridade e rendas mensais, um número aproximado de indivíduos de diferentes gêneros, além de origens geográficas distintas. Isso caracteriza a Praça Santos Dumont como um local com considerável diversidade de público utilizando do espaço.

6.2 LEITURA DOS FLUXOS

Nessa etapa, realizou-se uma leitura dos fluxos predominantes da praça, em horários diferentes, englobando dias de semana e finais de semana. Estes se referem à:

- F1: Liga o bairro trindade à entrada da UFSC por fora da praça;
- F2: Passagem do bairro Trindade à UFSC;
- F3: Envolve limites do espaço da praça e liga o fluxo advindo da Av. Desembargador Vitor Lima até a Rua Lauro Linhares;
- F4: Fluxo interno ao espaço da praça, realiza a ligação entre as duas extremidades do espaço;
- F5: Fluxo que interliga a Rua Lauro Linhares com a passagem advinda da UFSC e equipamentos do entorno da universidade;
- F6: Interliga os fluxos da universidade à Rua Lauro Linhares com passagem permeada por fachadas ativas e edifícios de predominância comercial;

- F7: Cerca limites do espaço da praça e liga o fluxo advindo da Av. Desembargador Vitor Lima até a Rua Lauro Linhares e transpassa a Igreja Matriz da Trindade e outros equipamentos religiosos;
- F8: Atravessa a praça internamente, percorrendo um desnível de aproximadamente 4 metros de altura e interliga os fluxos advindos da universidade para o bairro Trindade.

Foram registradas contagens de pedestres em cada um dos fluxos em quatro momentos diferentes: durante o dia e à noite em um dia útil, bem como durante o dia e à noite em um fim de semana. Os horários de coleta diurna foram fixados em ambos os dias às 11:00 horas, enquanto as coletas noturnas ocorreram às 19:40 horas. A coleta de dados ocorreu a partir do ponto inicial do fluxo delineado no mapa, onde a pesquisadora registrou a passagem das pessoas ao longo do trajeto durante sua caminhada. A Tabela 5 expõe dos dados coletados durante a contagem.

Tabela 5 - Contagem de pedestres

Fluxo	Quantidade de pedestres (Dia de semana – 11:00hrs – horário comercial)	Quantidade de pedestres (Dia de semana – 19:40hrs – fora do horário comercial)	Quantidade de pedestres (Final de semana – 11:00hrs)	Quantidade de pedestres (Final de semana – 19:40hrs)	Total de pedestres
F1	0	0	0	0	0
F2	5	3	2	0	10
F3	4	1	3	1	9
F4	2	8	0	1	11
F5	15	12	4	4	35
F6	17	9	4	6	36
F7	4	1	6	1	12
F8	0	2	0	0	2

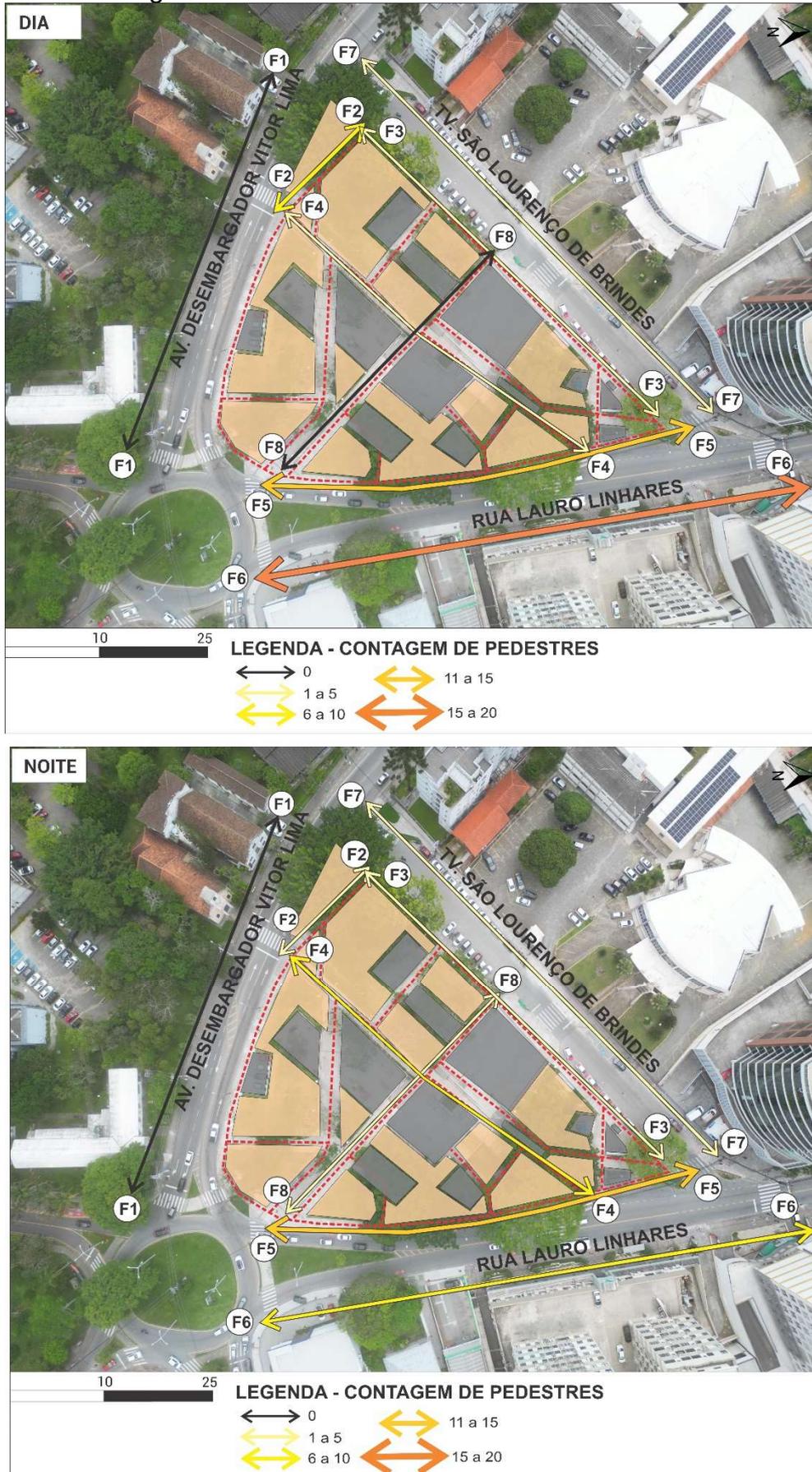
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na Figura 36 é possível observar os diagramas das contagens de pedestres realizada em um dia de semana, respectivamente nos horários das 11:00hs e 19:40hs. As setas marcadas no mapa apresentam diferentes espessuras, sendo as mais largas indicativas dos fluxos que registraram maior quantidade de pedestres contabilizados.

No horário comercial, é possível observar uma significativa circulação de pedestres que entram ou saem do campus universitário. A maior parte dos pedestres não adentra o espaço da praça, circulando pelos seus limites através da Rua Lauro Linhares, que apresenta os fluxos com os maiores números de pedestres na contagem (F5 e F6).

Além disso, o Fluxo F6 conta com uma predominância de fachadas ativas e edificações comerciais, o que acrescenta à passagem pessoas realizando compras, entrando e saindo dos estabelecimentos, aumentando a quantidade de pedestres. Na segunda contagem, realizada durante o período noturno em um dia de semana, os fluxos predominantes continuam sendo os que permeiam a rua Lauro Linhares, tendo as contagens nos outros fluxos apresentados de maneiras similares.

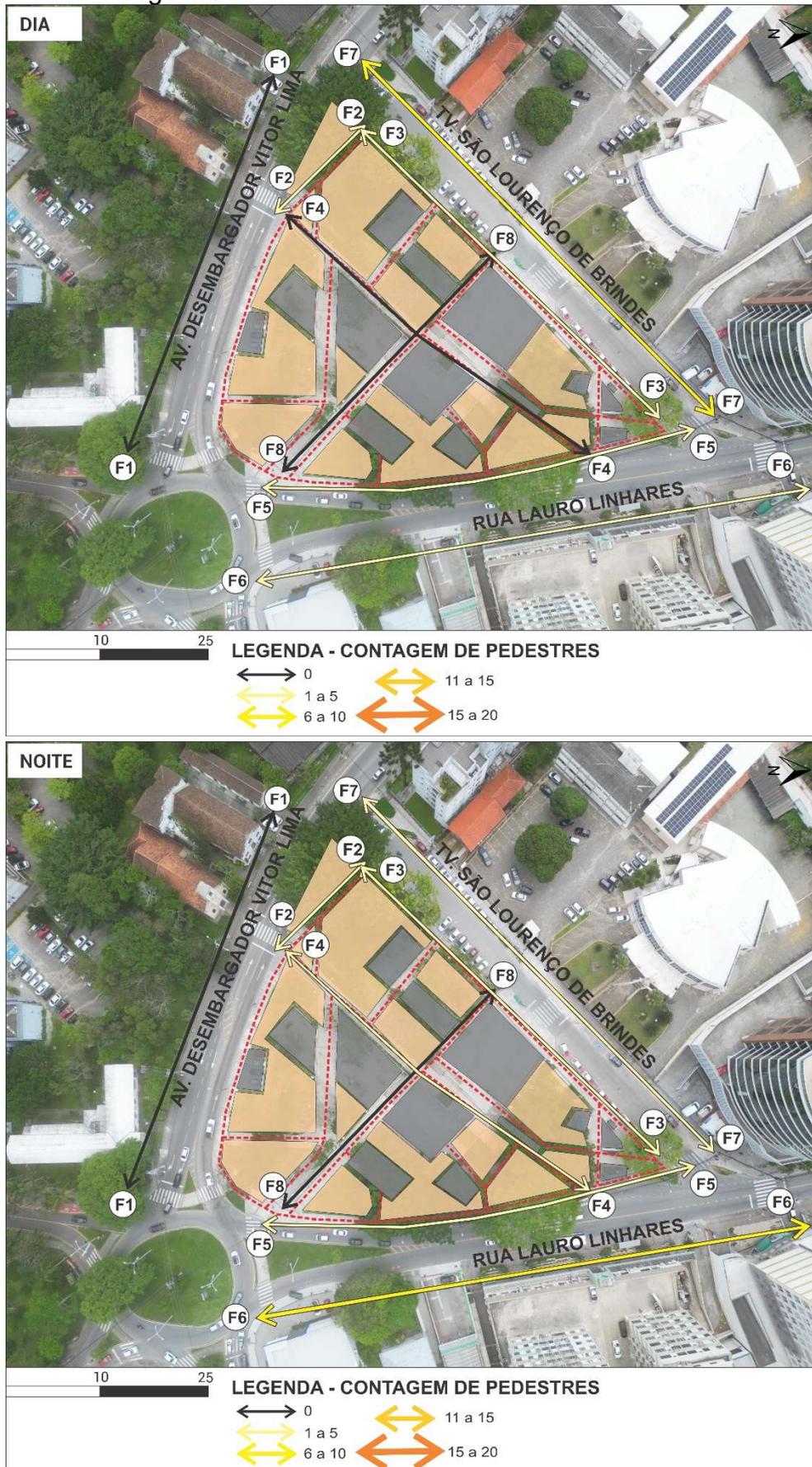
Figura 36 - Leitura dos fluxos em dia de semana



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A Figura 37 mostra as leituras das passagens de pedestres as 11:00hs e 19:40 em um domingo. O Fluxo de pedestres predominante no primeiro momento é o F7, que é em frente à igreja. O horário em que a análise foi realizada é próximo ao final da missa na Igreja Matriz da Trindade, justifica o fluxo significativo existente. No segundo momento, o fluxo da Lauro Linhares volta a ser o predominante, assim como nas outras análises. Ainda se verifica pouca incidência de passagem por dentro do espaço da praça.

Figura 37 - Leitura de fluxos em final de semana



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Com a comparação entre os dois fluxos, é possível observar que os maiores fluxos existentes são aqueles que ligam o bairro Trindade com o campus da UFSC. Além disso, esses fluxos são configurados por muitas fachadas ativas, que associam ao movimento de passagem o deslocamento das pessoas que entram e saem dos estabelecimentos comerciais. A hipótese levantada é a de que esses fluxos significativos não penetram o espaço da praça em função dos desníveis existentes, que configuram uma barreira que levam os pedestres a evitarem as escadas e rampas.

É visível que a Praça Santos Dumont é marcada por fluxos mais intensos em seu perímetro externo que em seu interior. A provável causa disso é a ocorrência dos desníveis já mencionados, que dificultam a entrada nos caminhos internos da praça e levam à preferência pelo trânsito no exterior da praça. Além disso, os fluxos externos acontecem junto às ruas que detêm fachadas ativas e grande número de estabelecimentos comerciais.

6.3 ATIVIDADES E COMPORTAMENTOS

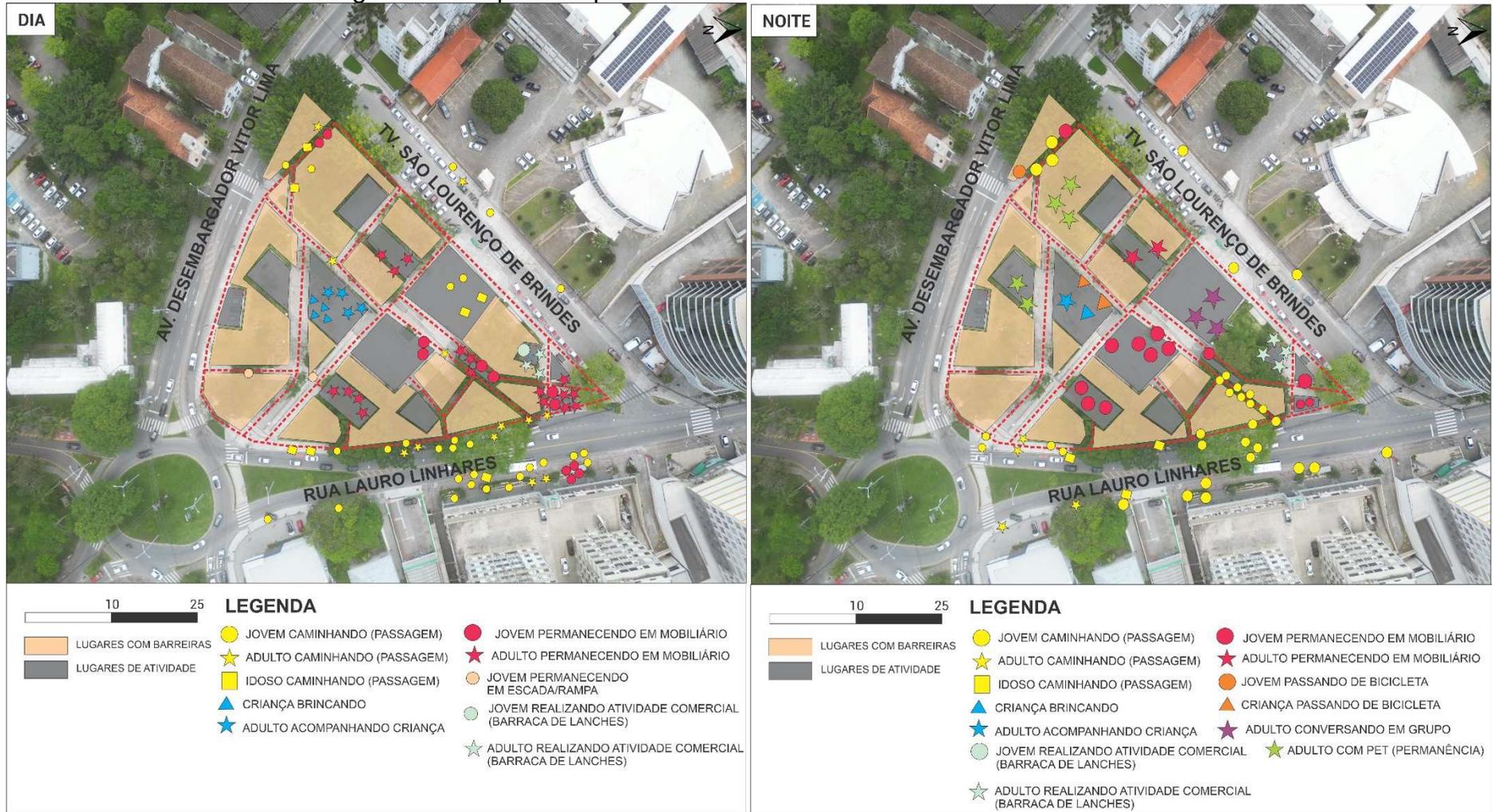
Foram realizados cinco mapas comportamentais em três dias distintos e diferentes períodos dos dias. Essa observação permitiu a identificação de diferentes formas de uso da praça pelas pessoas e a possível relação dessas com os atributos de configuração do espaço. Na Figura 38, os mapas comportamentais foram realizados em um dia de semana, nos horários das 11:00hs e 19:40hs.

Durante o dia, é possível observar a significativa quantidade de fluxos de passagem nas extremidades da Rua Lauro Linhares, com pessoas circulando também na Travessa São Lourenço de Brindes e nenhuma na Av. Desembargador Vitor Lima. No interior da praça, a atividade predominante é a permanência em bancos sob a sombra das árvores existentes. Também se observa atividade comercial, em barraca de lanches e crianças acompanhadas de adulto no espaço do parque infantil. Observa-se que a maioria das atividades realizadas durante este período ocorre nos locais previamente identificados como "lugares criados", sendo o parque infantil o que registra a maior atividade. No entanto, essas atividades dentro da praça ainda não superam em número as pessoas que caminham pelas calçadas ao longo da Rua Lauro Linhares.

Durante o período noturno, é possível identificar o acréscimo de atividades que não foram observadas durante o dia, tais como a circulação de bicicletas conduzidas por crianças, conversas em grupo e adultos acompanhados de animais de estimação. Além disso, o movimento permanece intenso nas extremidades da via Lauro Linhares, enquanto se torna praticamente imperceptível em relação aos demais fluxos externos. Destaca-se também a atividade comercial na barraca de lanches, bem como a presença de pessoas que parecem se reunir e socializar, ocupando o mobiliário disponível.

Durante a observação noturna, foi possível identificar algumas atividades ocorrendo fora dos "lugares criados". Em um caso específico, um canteiro estava sendo utilizado para passeios com animais de estimação. Em ambas as análises, foram identificados dois lugares designados como "criados" que careciam de atividades: o espaço de exercícios e um dos espaços de assentos ao longo da lateral da Rua Lauro Linhares. A possível falta de ocupação desses espaços pode estar relacionada à sua visibilidade reduzida, especialmente o espaço de assentos, que conta com uma quantidade significativa de árvores. Embora essas árvores forneçam sombra, podem comprometer a visibilidade para o interior do espaço quando observado a partir da rua, inibindo a sua apropriação.

Figura 38 - Mapas comportamentais coletados durante um dia de semana



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

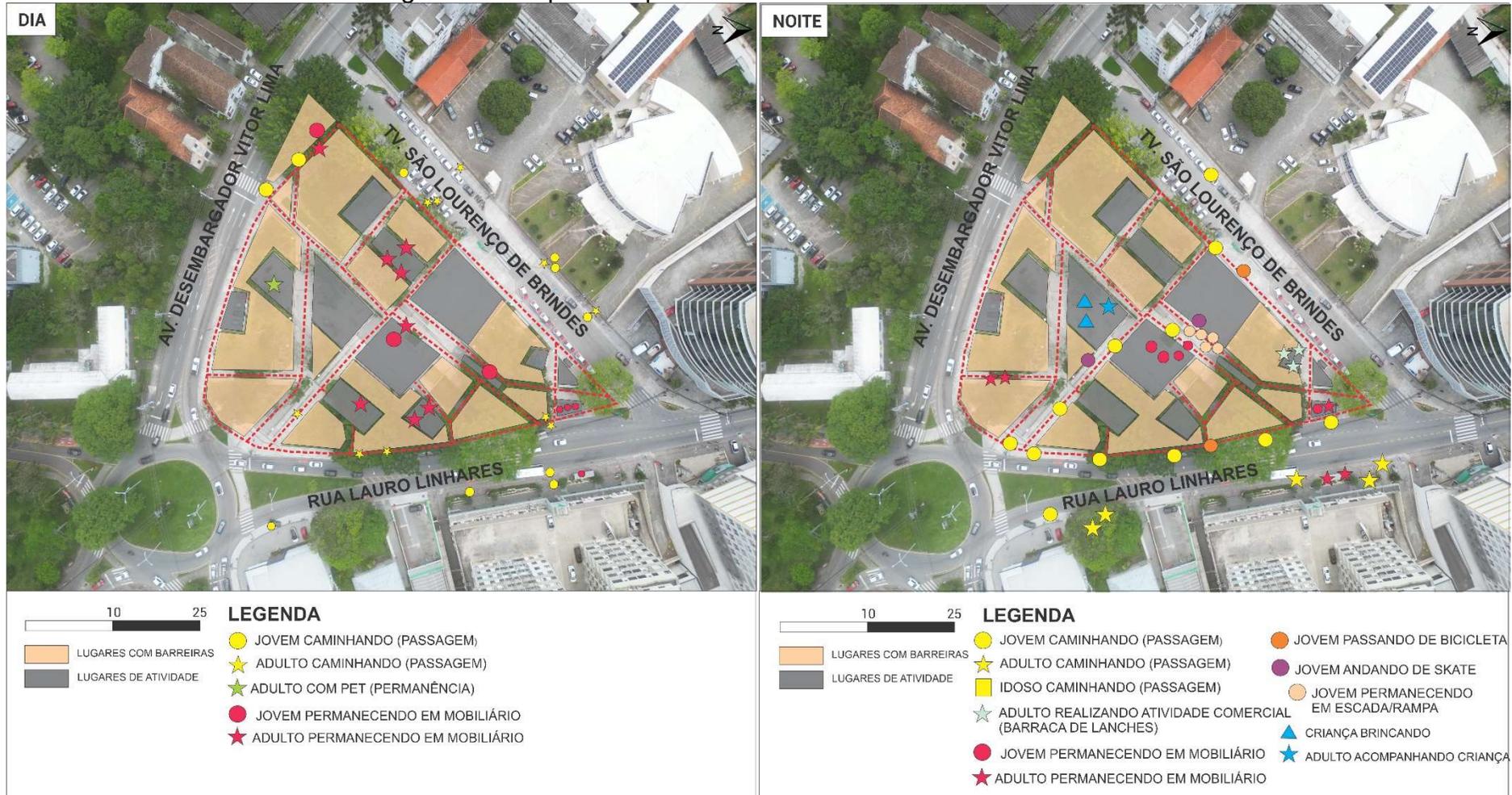
A Figura 39 mostra os mapas comportamentais das atividades realizadas em um dia no final de semana, nos horários das 11:00hrs e 19:40hrs.

Mais uma vez, destaca-se a predominância dos fluxos de passagem provenientes da Rua Lauro Linhares e a escassez de movimentos adentrando o interior da praça. Além disso, observa-se que a permanência em bancos distribuídos pelo ambiente continua predominante, embora em quantidade reduzida em comparação aos dias de semana. A diversidade de atividades durante o período diurno é limitada, abrangendo apenas atividades de passagem, permanência e a presença de um usuário com animal de estimação.

Notavelmente, há uma significativa quantidade de lugares que permanecem vazios, incluindo o parque infantil, o espaço de exercícios, o largo de atividades e o espaço comercial interno da praça, este último operando apenas no período noturno.

Durante o início da noite, observa-se um aumento na diversidade de atividades, incluindo a prática de esportes como skate e bicicleta. Nesta análise do final de semana, o período noturno demonstra uma maior apropriação da praça em comparação ao período diurno, principalmente em termos de quantidade e diversidade de atividades. No entanto, alguns lugares designados como "criados" ainda permanecem sem ocupação durante este período, como alguns espaços de assentos, o espaço pet e o espaço de exercícios. Destaca-se que, em todas as quatro análises, o espaço de exercícios não registrou atividade, indicando uma possível falta de atratividade para o público frequentador da praça.

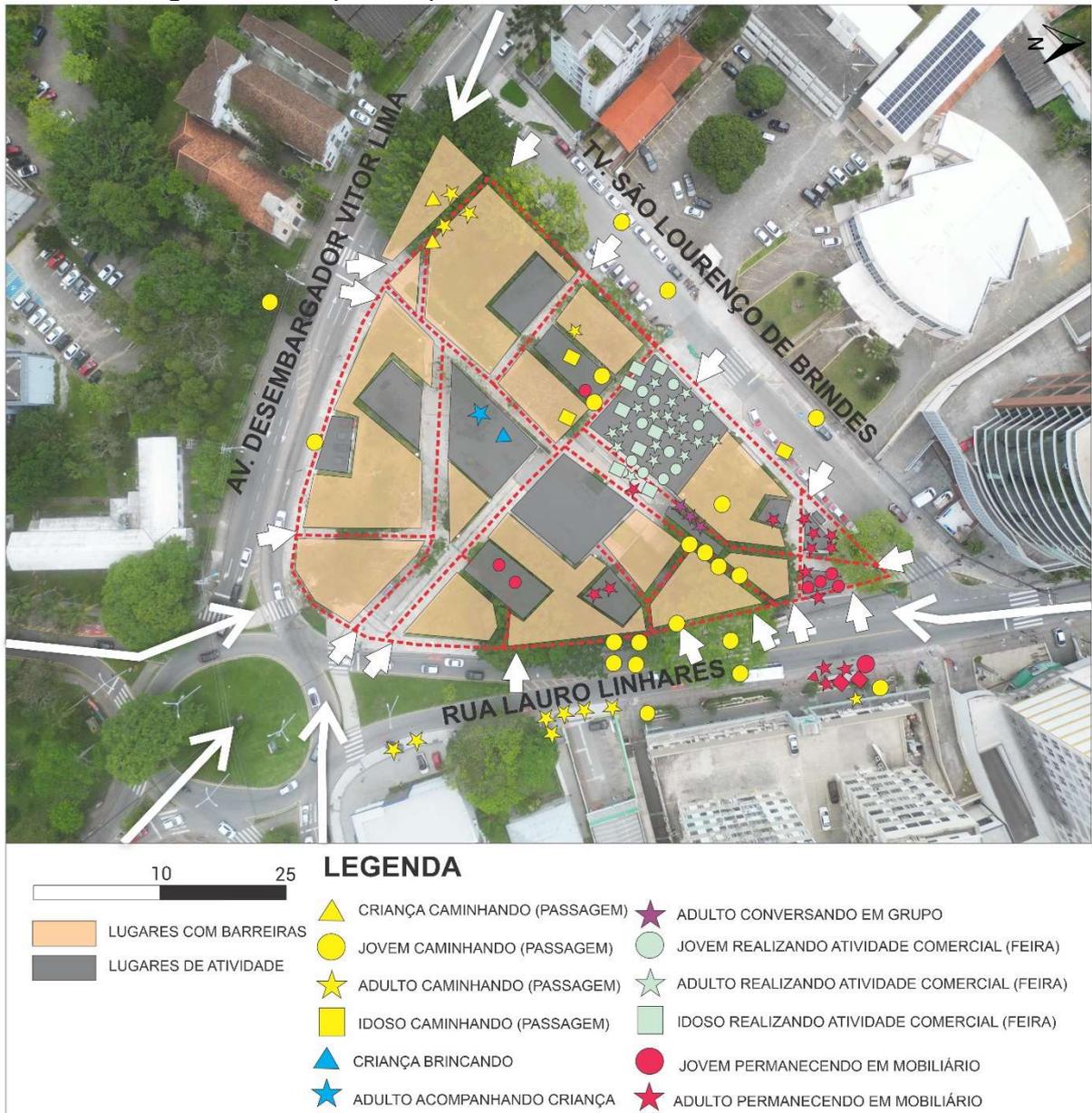
Figura 39 - Mapas comportamentais coletados no final de semana



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na Figura 40 foi realizado o mapa comportamental no dia da realização de feira de hortifrutigranjeiros, que acontece semanalmente às quartas feiras no espaço da praça.

Figura 40 - Mapa comportamental coletado em horário de feira



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A realização da feira resultou em um aumento significativo no número de usuários presentes, tanto em permanência quanto em movimentação dentro do espaço interno da Praça. No entanto, esse aumento não se traduziu em uma maior diversidade de atividades realizadas. A maioria dos frequentadores parece estar no local principalmente para realizar compras na feira. Esse aspecto sugere uma possível conexão entre a apropriação do espaço e a introdução de atividades comerciais, o

que pode atrair pessoas, embora a ocupação majoritária esteja concentrada no local específico do evento. Adicionalmente, identificam-se três lugares designados como "criados" sem atividades: o espaço de exercícios, o espaço pet e o largo destinado a atividades em frente à feira.

Foram observadas outras atividades em outros momentos, mas não foram registradas nos dias de coleta de dados. Essas atividades incluem batalhas de rap, rodas culturais e outras feiras de produtos artesanais. Essas atividades ocorrem, porém, de modo esporádico, não tendo sido observadas nos dias em que os dados apresentados foram coletados.

Além dos mapas comportamentais previamente apresentados, foram documentadas algumas apropriações cotidianas, diurnas e noturnas por meio de registros fotográficos. Essas imagens estão exemplificadas nas Figuras 41 e 42, onde é possível observar o espaço sendo utilizado para diversas finalidades, como a permanência em bancos, atividades infantis no parque, a realização de rodas de capoeira em fins de semana programados, o trânsito de bicicletas e patinetes, a feira de hortifrutigranjeiros que ocorre semanalmente às quartas-feiras, bem como encontros programados entre grupos de faixas etárias específicas para conversas e socialização.

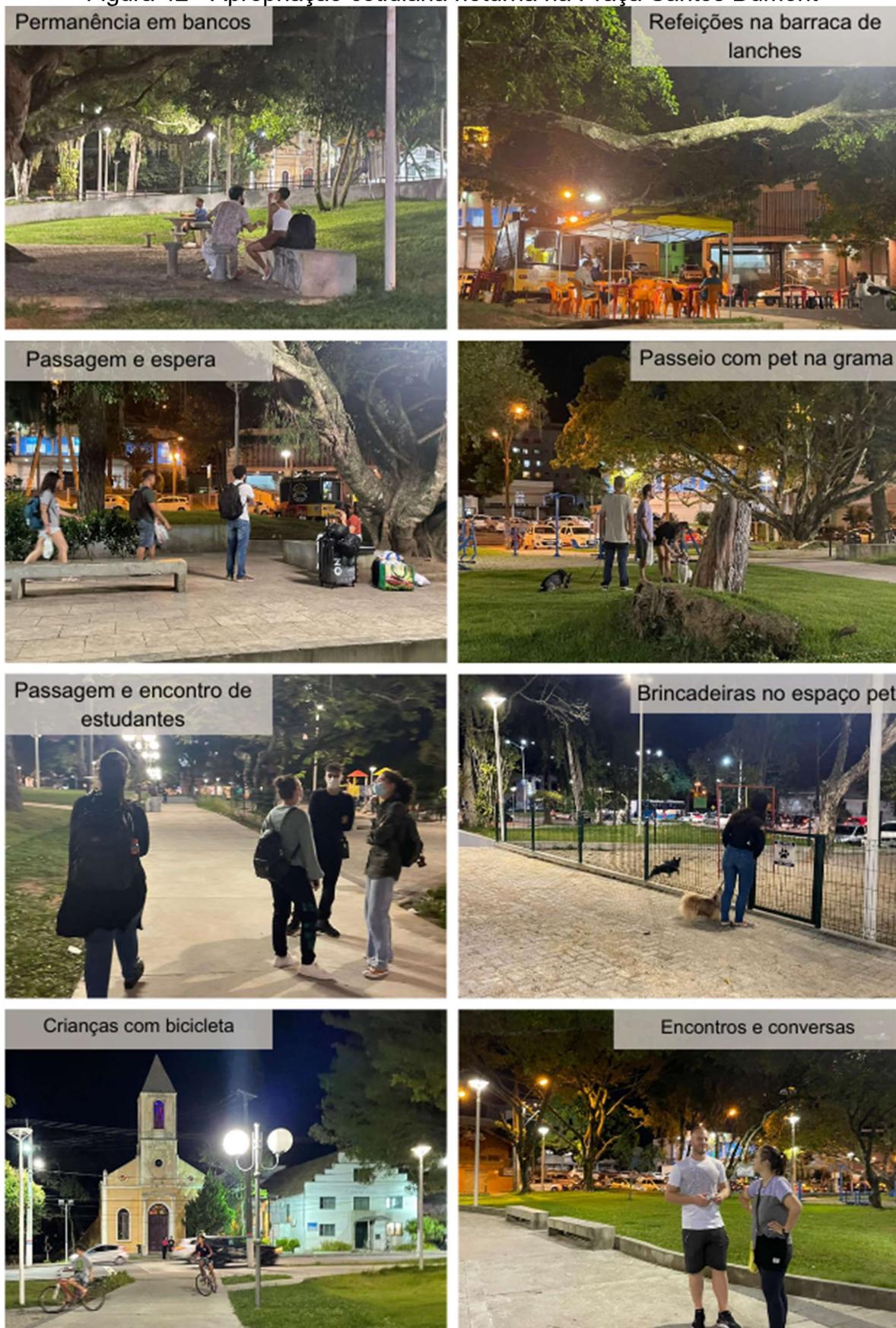
Além disso, foram observadas distinções entre a apropriação habitual do espaço e aquela que ocorre durante eventos específicos, notadamente aqueles que atraem grande número de participantes. Na Figura 43, são apresentados registros de alguns desses eventos, ocorridos no segundo semestre do ano de 2023. Destaca-se a Festa do Divino, originalmente conhecida como Festa da Laranja, que acontece anualmente no espaço da praça durante o período da festa junina, atraindo uma considerável quantidade de pessoas. Além das tradicionais barracas dispostas no interior da igreja, há também barracas de comida e artesanato no espaço interno da praça, as quais incentivam a permanência, convívio e socialização dos presentes. O espaço da praça também é utilizado, no início dos semestres, pelos estudantes universitários para a realização de trotes de calouros, seguidos por festas e confraternizações no mesmo local. A Figura 43 ainda destaca um evento esporádico, uma roda de samba, que atraiu um número significativo de pessoas para o espaço durante sua realização, reunindo participantes em diferentes áreas e fazendo uso de diversos equipamentos da praça.

Figura 41 - Apropriação cotidiana diurna da Praça Santos Dumont



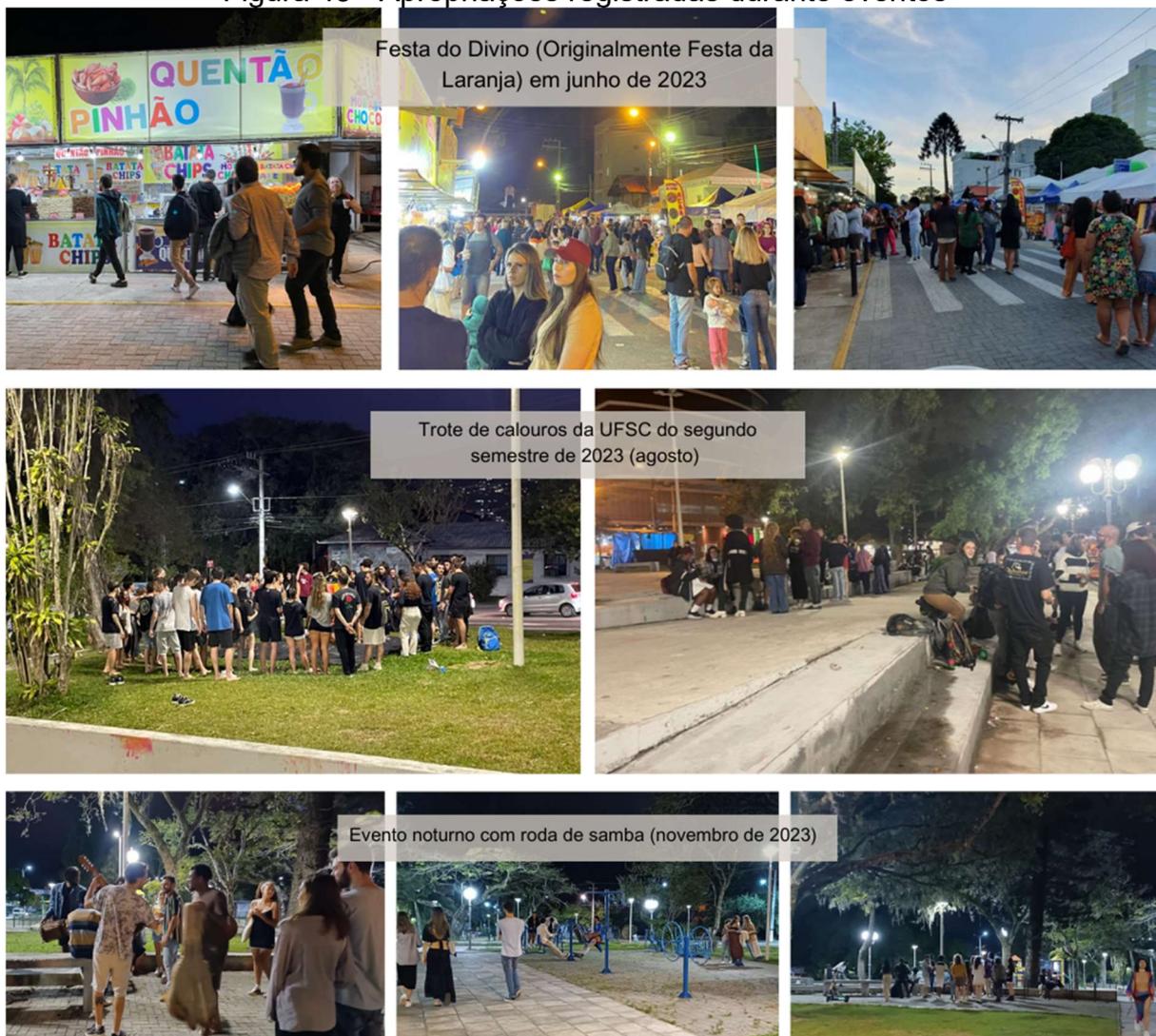
Fonte: A autora, 2023.

Figura 42 - Apropriação cotidiana noturna na Praça Santos Dumont



Fonte: A autora, 2023.

Figura 43 - Apropriações registradas durante eventos



Fonte: A autora, 2023.

6.4 PERSPECTIVA DOS USUÁRIOS

Analisar a perspectiva dos usuários em relação a um determinado espaço público é essencial para compreender de forma mais detalhada a observação direta realizada em campo. A aplicação de entrevistas e questionários possibilitou a compreensão das necessidades, preferências, e possíveis desafios no sentido de qualificar a estrutura espacial e aprimorar o processo de apropriação do espaço por aqueles que o utilizam efetivamente. A perspectiva dos usuários procura entender padrões de passagem e permanência no espaço, identificar horários predominantes e explorar as motivações que levam as pessoas ao local, incluindo afetos e

lembranças associadas. Essa coleta de dados utilizou-se de duas metodologias: entrevistas diretas no local e questionários respondidos *online*.

Os questionários *online* foram distribuídos com a mesma estrutura das entrevistas, sendo enviados através de redes sociais com a orientação de responderem apenas aqueles que utilizam ou têm conhecimento efetivo do espaço. As entrevistas foram conduzidas presencialmente na praça, enquanto os questionários foram aplicados *on-line* através da plataforma *Google Forms*. Ao todo, foram coletadas 20 respostas para as entrevistas e 15 respostas para os questionários *online*, gerando um total de 35 respostas. As descrições das entrevistas e questionários foram consolidadas para apresentar os resultados de forma integrada e objetiva.

As perguntas foram divididas em três partes:

1) Uma entrevista aberta com dez perguntas, abrangendo preferências e opiniões dos usuários sobre o espaço;

2) Um questionário fechado, com cinco aspectos relacionados à praça, incluindo mobiliário, manutenção, segurança, espaço de exercícios ao ar livre, parque infantil e acessibilidade;

3) Perguntas relacionadas ao perfil do usuário, investigando se a frequência na praça é predominante entre moradores locais, pessoas que passam devido ao trabalho ou estudo nas proximidades, além de aspectos como gênero, faixa etária e renda mínima estimada. Os resultados dessa etapa foram previamente apresentados no item 6.1 deste capítulo.

Antes da aplicação definitiva das entrevistas, foi conduzido um estudo piloto que resultou em modificações na pergunta 8.

1. Você costuma frequentar a praça? Quantas vezes por semana e em quais períodos do dia?

Das 35 respostas registradas, apenas duas indicaram que os participantes “não” frequentam a praça ou o fazem “raramente”. Nas demais respostas, a maioria indicou uma presença regular, com passagem ocorrendo em boa parte dos dias da semana, em horário comercial. Apenas nove participantes mencionaram que permanecem em períodos esporádicos. Notavelmente, muitos revelaram, desde a primeira pergunta, que utilizam a praça principalmente como um caminho para o

trabalho, a universidade ou quando necessitam ir ao mercado. Dessa forma, percebe-se a praça como um grande local de passagem, com uma apropriação onde predominam pessoas se deslocando em direção a outros lugares.

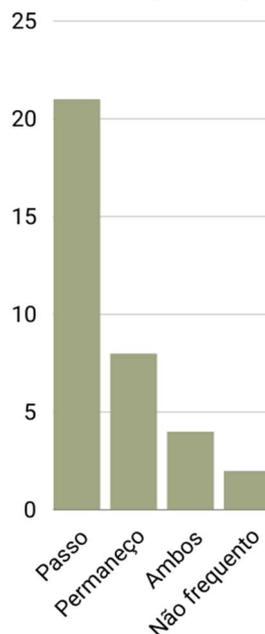
2. A sua passagem/permanência na praça é opcional ou necessária?

Nessa questão, as respostas se dividiram igualmente entre “opcional” e “necessária”, com 15 participantes optando por cada uma das opções, enquanto 5 pessoas indicaram ambas. Alguns participantes incluíram justificativas, como: “Passagem opcional; Em geral, estou a caminho do supermercado Imperatriz, a praça fica no caminho, é mais agradável passar por ela”, “Opcional para caminhar”, “Na maioria das vezes, necessária, quando estou indo ao mercado.” e “Opcional, pois posso fazer outro caminho mas na maioria das vezes prefiro passar por ali”.

3. Geralmente você passa por ela ou permanece?

Dos 35 entrevistados, a maioria, representada por 22 indivíduos, indicou que costuma apenas passar pela praça e não permanecer. A permanência no local foi mencionada por apenas 8 pessoas, enquanto 5 participantes afirmaram realizar tanto a passagem quanto a permanência na praça.

Figura 44 - Quantidade de passagem e permanência



Fonte: A autora, 2023.

4. Você costuma passar por dentro da praça ou pelas calçadas ao redor dela? Por que?

Nessa pergunta, 20 dos 35 usuários afirmaram que costumam transitar pelas calçadas ao redor da praça. As justificativas revelam que a falta de passagem interna pode estar relacionada à extensão dos caminhos na praça, seus desníveis e à percepção da falta de atratividade.

Em 12 respostas, observou-se a explicação de que o caminho pelas calçadas é mais curto. Por exemplo: “É o caminho mais simples indo da UFSC sentido Imperatriz e lojas da Lauro Linhares, e não vejo nada atrativo pra me fazer desviar desse caminho.”, “Ao redor, porque não acho bonita para passar por dentro”, “Em geral pelas calçadas ao redor. Apenas entro em dias de feira que costumo passar por dentro da praça.” Essas respostas indicam que, além de ser mais práticos para as pessoas, a adição de atrativos, como a feira, poderia motivar a entrada na praça, como mencionado pelo segundo usuário.

Outra justificativa apontada foi a presença de desníveis no interior da praça, como exemplificado: “Pelas calçadas ao redor, porque é mais rápido, dentro tem muita escada.” Além disso, a presença de outras atividades, como manobras de skatistas foi citada como motivo para evitar o interior da praça: “Passo pelas calçadas ao redor por ser mais rápido, e porque tenho receio de ser atingida pelos skatistas que fazem manobras ali.”

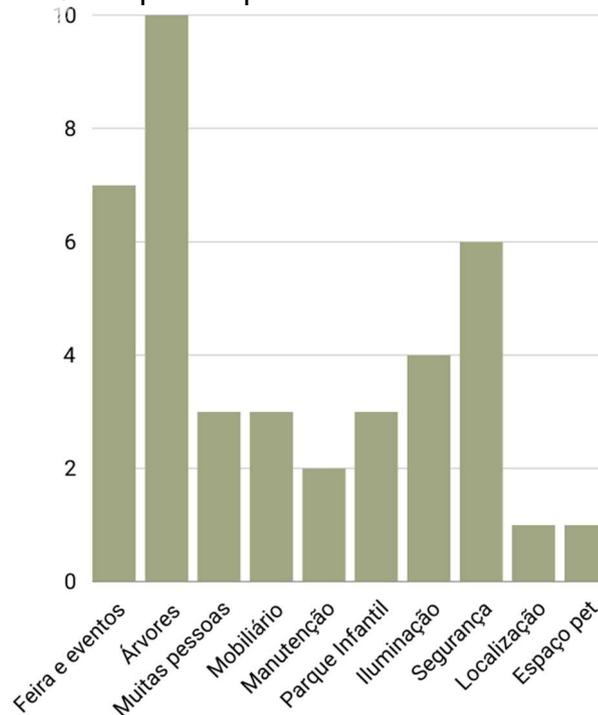
Entre os usuários que afirmaram fazer ambas as opções, ou que permanecem na praça, destaca-se que o caminho interno é escolhido principalmente quando desejam realizar atividades específicas na praça, não apenas ao passar pelos arredores. Por exemplo: “Quando vou fazer uso da praça, passo por dentro. Mas quando vou no comércio local, passo pelas calçadas.” Ou para atividades com crianças: “Sim, pra levar meu filho correr nas calçadas depois da renovação da praça ficou melhor.” E “Por dentro, para minha filha brincar”.

5. O que você mais gosta nesse lugar? (Aspectos positivos)

Dentre os elementos mais mencionados nessa resposta, as árvores e a participação na feira e eventos se destacaram, com 10 e 7 citações, respectivamente. Destaca-se também a questão da segurança, citada por 6 usuários como um elemento

positivo. Outros elementos também foram mencionados, embora com menos ênfase: mobiliário, iluminação, parque infantil, a localização do espaço, entre outros. O gráfico da Figura 45 mostra todos os aspectos positivos citados pelos entrevistados. Conclui-se que o que as pessoas mais gostam nesse espaço são as árvores e os eventos, como a feira. Ninguém citou a forte influência da atividade comercial e de serviços do entorno, nem a proximidade com a universidade de maneira expressiva.

Figura 45 - Aspectos positivos conforme os usuários



Fonte: A autora, 2023.

6. O que você menos gosta nesse lugar? (Aspectos negativos)

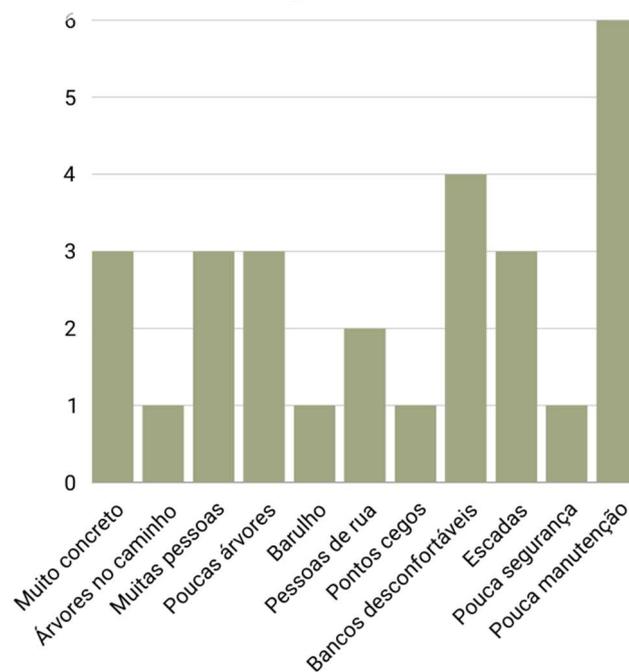
Nessa questão, as respostas apresentaram uma maior diversidade, com alguns aspectos percebidos de maneiras distintas. Curiosamente, alguns elementos mencionados como positivos por algumas pessoas na questão anterior, foram apontados como negativos por outras, como o caso de “muitas pessoas no espaço” e “árvores no caminho.”.

Alguns participantes afirmaram não ter aspectos negativos a revelar. No entanto, entre aqueles que apontaram pontos desfavoráveis, a falta de manutenção e os bancos se destacaram como aspectos negativos. A pouca manutenção relatada pelos usuários é relativa à presença de sujeira no espaço e o acúmulo de lixos,

principalmente após eventos. Com relação aos bancos, a reclamação é principalmente devido à sua construção em concreto, falta de conforto e ausência de encosto, o que desencoraja a permanência prolongada. Além disso, uma usuária mencionou que não havia uma “vista bonita” dos bancos, o que diminuía, para ela, o atrativo do espaço.

Outros aspectos citados como negativos incluíram a presença excessiva de concreto, barulho noturno, a presença de pessoas em situação de rua, pontos cegos, a presença de escadas e a sensação de pouca segurança. O gráfico da Figura 46 expõe os aspectos negativos apontados pelos usuários da praça.

Figura 46 - Aspectos negativos conforme os usuários

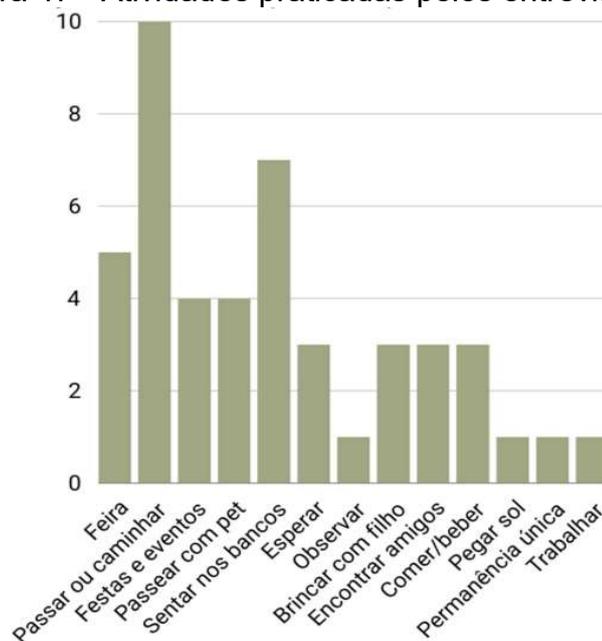


Fonte: A autora, 2023.

7. O que você costuma fazer na praça?

As respostas mais comuns para esta pergunta destacaram a participação na feira, o ato de passear ou caminhar e o ato de sentar nos bancos, sendo “caminhar” a resposta mais frequente. Além disso, os usuários compartilharam diversas maneiras de utilizar a praça, incluindo o local como ponto de encontro, passeios com animal de estimação, participação em festas ou eventos, entre outras atividades descritas no gráfico da Figura 47.

Figura 47 - Atividades praticadas pelos entrevistados



Fonte: A autora, 2023.

8. Você sente alguma emoção específica ao passar ou permanecer na praça?

Durante o estudo piloto conduzido, observou-se uma dificuldade na resposta a esta pergunta quando formulada como “Você sente?” A abordagem “O que você sente?” mostrou-se mais eficaz ao incentivar as pessoas a refletirem sobre seus sentimentos no momento.

A sensação predominante nas respostas foi a “sensação de tranquilidade”. Entre as sensações positivas destacaram-se respostas como “alegria”, “conforto”, “pertencimento”, “sensação de movimento e juventude”, “estar no centro de tudo”, “emoção e lembranças da infância” e “segurança”. Essas respostas indicam que alguns usuários associam experiências positivas ao espaço, experimentando alegria, conforto e um senso de pertencimento.

No entanto, algumas emoções negativas também foram relatadas incluindo “cansaço por caminhar muito”, “um pouco de receio e insegurança”, “desconforto”, “agitação”, “um pouco desconfortável no período da noite e madrugada” e “ansiedade quando quero passar e tem muita gente”. É notável que a sensação de insegurança predominou nas respostas, especialmente entre os entrevistados do gênero feminino. Os motivos da insegurança variam entre não ter muitas pessoas frequentando o espaço no período noturno e a presença de moradores de rua no espaço, especialmente nestes horários.

Embora essas percepções representem visões específicas dos entrevistados, os pontos negativos mencionados podem ser razões para que outras pessoas também evitem frequentar a praça. Essas exposições destacam a importância de considerar a segurança e o conforto percebidos para promover uma experiência positiva e atrativa no espaço público.

9. Quais são as lembranças que você tem ao estar nesse lugar?

As lembranças da festa da laranja e das festas universitárias surgem como descrições frequentes dos usuários, que compartilham momentos felizes vividos com amigos e familiares durante essas celebrações. Além disso, alguns relatos destacam a emoção de pertencimento, como expresso por um usuário: “Essa praça me lembra minhas primeiras semanas em Floripa e como ela fez eu me sentir parte da comunidade. Indo na feira ou indo ali simplesmente passear.”.

Algumas lembranças evocam memórias familiares, como: “Quando eu era criança ia no parquinho com minha irmã e comia biscoitos com glacê”, “Lembro do meu irmão pequeno dizendo como tinha medo da praça.”, “Tenho um carinho pela praça, quando estava grávida caminhava bastante por ela.”, “Várias manhãs com meu melhor amigo (o cachorro)”

Este conjunto de afetividades destaca o papel essencial que o espaço público desempenha ao proporcionar encontros e emoções positivas nas pessoas, oferecendo momentos significativos por meio de suas diversas atrações, como feiras, eventos, espaços para caminhadas, entre outros. No entanto, as emoções negativas também podem influenciar na percepção do espaço, como o medo resultante da sensação de insegurança ou a insatisfação com a presença de lixo excessivo no espaço após as festividades, conforme relatado por alguns usuários.

10. Você mudaria algum elemento na praça? Qual?

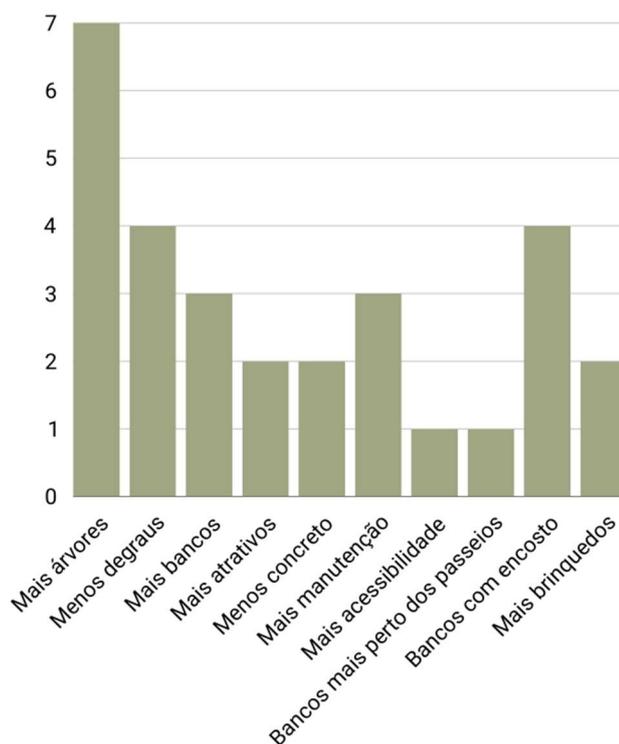
Dentre as respostas mais frequentes para essa pergunta, a predominância foi a solicitação de mais árvores e áreas verdes em geral, acompanhada pela sugestão de redução do concreto e alterações nos bancos. Os usuários destacaram a dificuldade de permanecer por longos períodos nos bancos de concreto existentes, muitos dos quais não oferecem sombra ou encosto, tornando-os desconfortáveis. Em

relação ao concreto, os usuários expressaram a sensação de que isso confere à praça uma atmosfera “fria”, que não os motiva a utilizar o espaço. Além disso, a questão dos desníveis foi ressaltada, com frequência nas respostas foi mencionado pelos usuários que não se sentem a vontade ao cruzar grandes quantidades de escadas ou rampas, pois isso torna o caminho mais cansativo e impede a visibilidade do próximo trecho.

Os usuários também relataram a falta de atrativos na praça, o que não os motiva a permanecer ou passar por dentro dela. Entre as sugestões de atrativos, alguns usuários propuseram quadras de tênis ou vôlei, reconhecendo que isso pode ser inviável no espaço disponível. No entanto, outras sugestões podem ser consideradas, destacando-se que as festividades já existentes têm o potencial de atrair uma quantidade significativa de pessoas.

O gráfico da Figura 48 aponta todas as mudanças sugeridas pelos entrevistados no espaço da praça.

Figura 48 - Mudanças na praça sugeridas pelos entrevistados



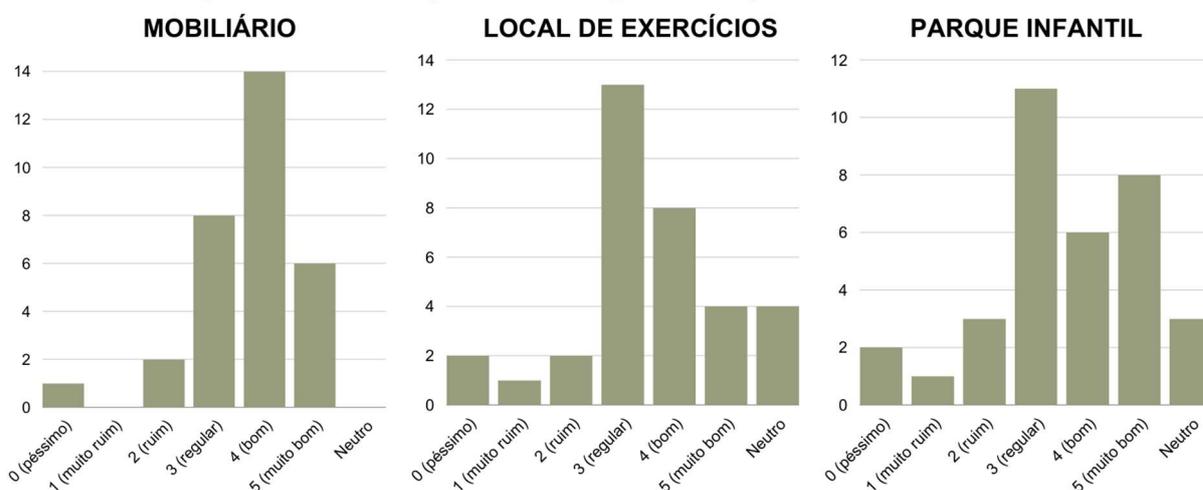
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

6.4.1 Avaliação de categorias

Nessa parte da entrevista, os participantes foram solicitados a atribuir notas de 0 a 5, sendo 0 péssimo e 5 muito bom, a seis categorias específicas. Essa

quantificação oferece uma compreensão mais detalhada da avaliação da qualidade do local a partir da perspectiva dos usuários. As categorias listadas foram mobiliário, área de exercícios e parque infantil, selecionadas por serem locais com significativa utilização ou nenhuma utilização durante a observação do mapa comportamental. Adicionalmente, foram realizadas perguntas sobre a avaliação de manutenção, segurança e acessibilidade, categorias escolhidas por representarem indicadores relevantes para a observação da apropriação do espaço. A Figura 49 mostra os resultados das avaliações das três primeiras categorias.

Figura 49 - Avaliação das categorias respectivas ao mobiliário



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

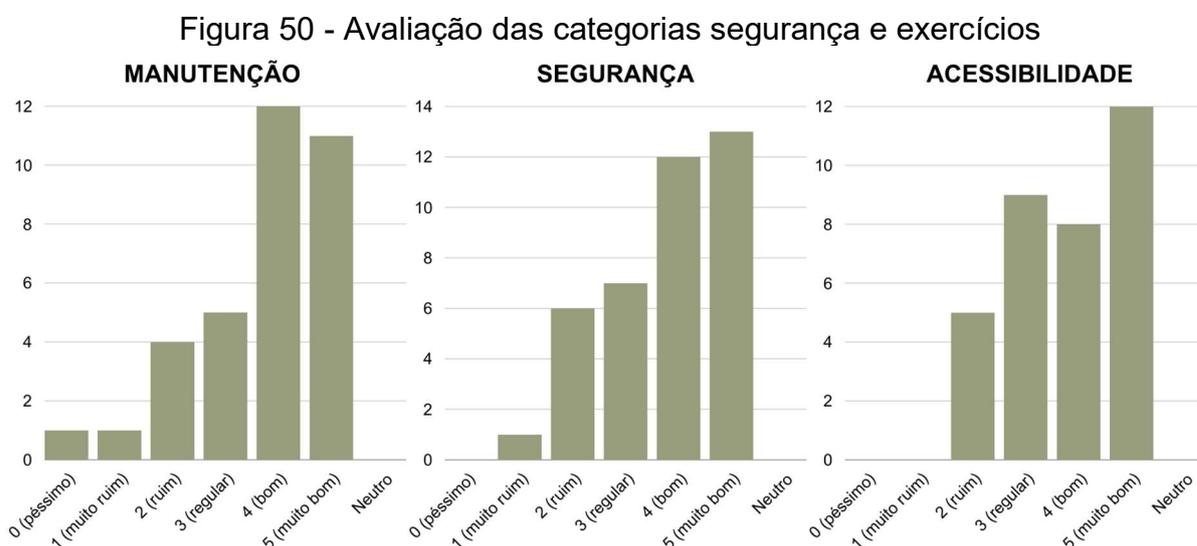
Na categoria “mobiliário”, a maioria dos participantes avaliou como “bom” (nota 4), embora, nas respostas das entrevistas, os bancos não tenham sido destacados de maneira positiva pelos usuários. Um número considerável de usuários expressou que a falta de conforto nos bancos os desestimula a permanecer por períodos prolongados no espaço, sugerindo a instalação de bancos com encosto e a adição de mais assentos nas áreas onde há presença de árvores.

O espaço destinado a exercícios recebeu uma nota regular. Vale ressaltar que uma quantidade significativa de participantes não conseguiu identificar esse espaço na praça, indicando desconhecimento sobre sua existência, mesmo estando presentes no local. Muitos afirmaram não ter visto o espaço antes e expressaram incapacidade de responder sobre ele. A falta de visibilidade deste espaço, especialmente para os pedestres que atravessam as ruas da Lauro Linhares (lado oposto do espaço), resulta em uma baixa utilização por parte do público, como também foi constatado no mapa comportamental a ausência de atividades úteis nesse

local. Em observações ocasionais, percebeu-se que os entregadores que trabalham na praça tendem a utilizar esses equipamentos como assentos, desviando-os de sua finalidade original.

O parque infantil recebeu, em sua maioria, avaliações regulares, abrangendo uma variedade de pontuações, inclusive a nota 0 (péssimo). Essa avaliação apresenta uma discrepância em relação às respostas das entrevistas, uma vez que o espaço não foi mencionado de forma negativa. Portanto, não é possível concluir de maneira exata os motivos pelos quais a maioria das avaliações foi classificada como "regular".

Os resultados das respostas para as três categorias seguintes são apresentados na Figura 50.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na categoria “manutenção”, as notas variaram, mas predominam no conceito “bom” (nota 4). Entretanto, alguns problemas foram relatados pelos usuários que responderam a entrevista, como a presença de lixo em alguns momentos.

Na categoria de segurança, notou-se uma significativa incidência de avaliações negativas e regulares, embora a classificação "boa" ainda prevaleça. Apesar disso, uma parcela considerável dos usuários expressa sentir falta de segurança no ambiente. Com base nas respostas dos entrevistados, esses receios estão relacionados tanto à escassa presença de pessoas durante a noite quanto à dificuldade de visualizar todo o espaço devido aos desníveis, o que leva à evitação do local. Adicionalmente, um usuário mencionou a presença de moradores de rua pedindo esmola, contribuindo para uma sensação de insegurança ao frequentar o espaço.

Por outro lado, a acessibilidade destacou-se como a categoria mais uniformemente avaliada, com uma pontuação predominante de 5 (muito bom). Observou-se que a resposta mais comum entre os participantes era que a presença de rampas é indicativa de acessibilidade, o que fundamenta o resultado positivo atribuído a essa categoria.

As análises dessas categorias revelam algumas discrepâncias em relação ao que foi expresso pelos mesmos entrevistados no questionário aberto. Por exemplo, na categoria de mobiliário, na qual foram solicitadas modificações, as avaliações indicam notas razoáveis. Em contrapartida, o parque infantil que não foi mencionado com destaque de forma negativa nas entrevistas abertas, recebeu uma quantidade significativa de notas ruins ou regulares, sugerindo uma possível insatisfação dos usuários que não foi refletida na entrevista aberta.

Destaca-se a avaliação da categoria de segurança, que recebeu uma quantidade considerável de notas ruins ou regulares, indicando uma oportunidade de melhoria. Essas notas estão alinhadas com os relatos de alguns usuários na entrevista, que expressaram sentir-se confortáveis usando o espaço durante o dia, mas não durante a noite. Isso sugere uma possível redução do uso do espaço durante os períodos noturnos, especialmente considerando o ambiente comercial ao redor, que, segundo Jacobs (2011) também direciona sua atenção predominante para a rua durante esses mesmos horários.

6.5 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Esta análise permitiu compreender o processo de apropriação da Praça Santos Dumont, obtendo uma visão abrangente da diversidade de seus usuários e suas atividades, assim como levantar alguns dos motivos que levam a uma diminuição das atividades em determinados períodos.

A análise dos perfis dos usuários revelou uma diversidade notável de usuários em vários aspectos. Embora o gênero feminino predomine, os números indicam um equilíbrio, e diversas faixas etárias, como adolescentes, jovens, adultos, idosos e crianças, são representadas em diferentes momentos do dia. Também se observa uma quantidade expressiva de pessoas de diferentes estratos sociais presentes ali. Além disso, a presença de pessoas de diferentes estados do país e bairros de Florianópolis destaca a pluralidade de frequentadores, contribuindo para uma

apropriação diversificada do espaço. Jacobs (2011) enfatiza a importância de um espaço público, incluindo residentes locais e visitantes provenientes de diversas localidades, é apenas uma das tantas vozes a ressaltar a diversidade social como a principal característica de espaços efetivamente urbanos.

A praça reúne cotidianamente uma pequena multidão socialmente diversa, expondo cotidianamente um panorama significativo de diferenças sociais presentes em nossa cidade.

Ao examinar as atividades praticadas na Praça Santos Dumont, observa-se que os fluxos nos limites da praça são intensos, especialmente durante os horários comerciais. Os fluxos estão relacionados à entrada e saída do campus da Universidade Federal de Santa Catarina, complementados pela movimentação nos estabelecimentos comerciais ao longo da Rua Lauro Linhares. No entanto, esses fluxos, em sua maioria, não adentram a praça, resultando em uma apropriação significativamente menor do espaço da praça em comparação às ruas circundantes. Os desníveis entre a praça e essas ruas desempenham um papel crucial nessa separação entre os que estão na praça e os que estão circulando.

As atividades de permanência dentro da praça incluem principalmente a utilização de bancos e sombras de árvores, proporcionando momentos de tranquilidade em meio à agitação urbana. Os espaços de assentos e o parque infantil são os locais mais utilizados. Atividades pontuais, como feiras, festas da comunidade e trotes universitários, também desempenham um papel importante, enriquecendo a vida social do bairro. Essa diversidade de atividades é abordada por Whyte (2004) como um fator relevante para um espaço público capaz de abrigar a vida urbana. A fragmentação dos lugares criados também atua como um fator importante na apropriação, fazendo com que as diferentes apropriações aconteçam de maneira separada, sendo o espaço em frente à igreja, o espaço mais amplo, adquirindo o caráter de agregar as pessoas, principalmente nos eventos coletivos. Verifica-se também uma desertificação de certos lugares nos horários fora do período comercial, caracterizados pela predominância destes no entorno imediato, como também foi observado por Whyte (2004) em sua análise nas praças da cidade de Nova York.

O espaço comercial, caracterizado por uma barraca de lanches, destaca-se como um local frequentado, especialmente à noite. Isso ressalta a necessidade de explorar estratégias para promover uma ocupação mais diversificada e contínua

desses espaços, considerando o potencial atrativo que atividades comerciais podem oferecer à dinâmica da praça.

Analisando as perspectivas dos usuários, percebe-se que muitos evitam atravessar a praça devido à falta de atrativos diversos, à extensão do caminho e à presença considerável de escadas e rampas, que desencorajam a passagem. Aqueles que optam por permanecer na praça geralmente o fazem com um propósito específico, buscando atividades, como descansar em bancos, levar as crianças ao parque infantil ou passear com animais de estimação. Eventos específicos, como feiras locais, festas da comunidade e eventos universitários, não apenas atraem pessoas para a praça, mas também evocam emoções positivas, tornando-se lembranças marcantes para alguns usuários. A arborização surge como um fator importante na atração das pessoas para o espaço, sendo mencionada repetidamente como um elemento positivo, em contraste com o concreto exposto no revestimento do piso e bancos, que são identificados como fatores desestimulantes para alguns usuários.

A apropriação festiva se coloca como outro fator importante, impulsionando o aumento do público na praça e, por conseguinte, enriquecendo a diversidade presente, repetindo cenas que ocorrem há várias gerações. Os eventos marcantes do bairro incluem a semanal feira de hortifrutigranjeiros, os tradicionais trotes universitários no início de cada semestre letivo e a festa da laranja, realizada anualmente durante o mês de junho. Além desses, existem eventos esporádicos sem data definida, como batalhas de rap, rodas de capoeira, rodas de samba, entre outros. Estes eventos proporcionam uma diferença na apropriação cotidiana, pois aumentam consideravelmente o número e a diversidade de pessoas que frequentam o espaço, especialmente nas áreas onde esses eventos estão ocorrendo.

Em conclusão, podemos dizer que a Praça Santos Dumont revela um panorama diversificado em termos de usuários e atividades. Este panorama é impulsionado por sua localização estratégica, atuando como uma esquina do bairro Trindade, concentrando diferentes fluxos intraurbanos que lhe dão vida no cotidiano. A presença equilibrada de diferentes faixas etárias, gêneros e origens geográficas contribui para uma apropriação rica e variada do espaço. No entanto, os desafios como a relativa desertificação do espaço em horários não comerciais, os desníveis físicos e a falta de atrações específicas no interior da praça parecem limitar sua plena utilização, resultando em períodos de menor atividade.

Estratégias que buscam melhorar o conforto dos espaços envolve rever os caminhos para incluir mais fluxos de passagem no interior da praça, especialmente em áreas menos permeadas por desníveis, possibilitar o acréscimo de alguns lugares de atividades, incentivar o uso residencial no entorno, inserir equipamentos que conectem o interior com o exterior da praça (como bancos nas calçadas, citado por um dos usuários entrevistados, por exemplo), entre outros, podem potencialmente transformar a Praça Santos Dumont em um ponto focal ainda mais dinâmico e acolhedor para a comunidade. Além disso, a valorização da natureza e a consideração das preferências dos usuários, expressas em relação à arborização e ao mobiliário urbano, podem desempenhar um papel fundamental no fortalecimento do vínculo entre a praça e seus frequentadores.

7 FORMA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa realizou uma análise da relação entre a apropriação e a configuração urbana de um espaço público em Florianópolis, a Praça Santos Dumont, que se destaca como uma importante centralidade local. A análise incorporou duas abordagens metodológicas, cada uma delas divididas em etapas específicas: a leitura da configuração da praça e do seu entorno e a leitura da apropriação cotidiana e eventual de seus espaços coletivos. Na primeira, foram exploradas três escalas: a análise da inserção urbana da praça, da configuração do entorno imediato e da arquitetura interna da praça. A segunda abordagem concentrou-se na leitura da apropriação social do espaço, dividida em quatro etapas: o perfil dos usuários, os fluxos predominantes, as atividades e comportamentos praticados no local e a perspectiva dos usuários, coletadas através de entrevistas.

Partiu-se do objetivo geral de analisar as dinâmicas de apropriação social da Praça Santos Dumont, situada em Florianópolis (SC), estabelecendo relações com os atributos de sua forma física. Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos seis objetivos específicos visando identificar os elementos da forma urbana local que influenciam a maneira como o espaço é utilizado.

O primeiro objetivo específico envolveu a análise da inserção da praça no contexto urbano de Florianópolis e no entorno do bairro Trindade. Esse objetivo foi

abordado através de análises em diversas escalas, compreendendo como os fluxos urbanos chegam ao local e influenciam sua dinâmica cotidiana.

O segundo objetivo consistiu em identificar aspectos específicos da configuração local da praça, examinando como os espaços abertos se relacionam com as edificações do entorno imediato. Essa análise foi conduzida através da observação da quantidade de espaço livre público, das dimensões do espaço, do uso do solo e da quantidade de portas e janelas abertas para a rua nas três fachadas da praça.

O terceiro objetivo visou analisar a arquitetura da praça e foi desenvolvido através da análise de sua estrutura espacial interna, descrevendo e avaliando caminhos, desníveis, equipamentos, vegetação e áreas destinadas a atividades específicas.

O quarto objetivo consistiu em identificar padrões de fluxos predominantes, atividades realizadas e comportamentos da praça. Foi realizado através de leituras no local que incluíram contagens de pedestres e a elaboração de mapas comportamentais, permitindo compreender como essas atividades se relacionam com outros elementos identificados na configuração urbana.

O quinto e o sexto objetivo visaram coletar os perfis dos usuários e suas perspectivas. Essas perspectivas foram analisadas por meio de entrevistas, proporcionando uma visão abrangente sobre as preferências dos usuários em relação ao espaço e evidenciando a diversidade dos frequentadores dessa praça.

A metodologia empregada nestas análises integra procedimentos diversos, oriundos de diferentes fontes teóricas, permitindo a compreensão da forma urbana e do processo de apropriação que aí acontece. Estes trabalhos revelam a importância de relacionar atributos formais e a apropriação efetiva dos espaços públicos, humanizando a observação dos espaços e das cidades como potencializadoras da sociabilidade entre os seus habitantes e possibilitando a qualificação dos espaços de maneira efetiva.

Na análise da configuração formal, foi possível constatar que o espaço da praça se caracteriza pela presença significativa em toda a história do bairro Trindade, reunindo atividades e eventos coletivos marcantes. Caracteriza-se no presente pela forma triangular que lhe dão três avenidas periféricas, e pela presença de edifícios que concentram usos comerciais e de serviço. Estas avenidas que a circundam são

responsáveis por conectar diversas localidades do entorno, com a praça funcionando como uma importante conexão entre estas.

Essa localização privilegiada do bairro torna a praça uma centralidade que atrai pessoas de diversas localidades. Além disso, seu entorno se caracteriza pela presença de usos relevantes como a Universidade Federal de Santa Catarina e diversos outros estabelecimentos comerciais e de serviços. Os usos residenciais no entorno mais imediato estão quase desaparecidos.

Os caminhos que estruturam o espaço, incluem muitas vezes degraus e barreiras, que atrapalham a locomoção dos usuários. Além disso, esses desníveis ocupam uma significativa extensão da área da praça, limitando os espaços disponíveis para a realização de atividades. O incômodo dos usuários com essas características topográficas foi expresso durante as entrevistas, onde os usuários mencionam o incômodo e preferem utilizar as ruas do entorno como passagem.

A observação da apropriação identificou que a praça é frequentada por um público socialmente diverso. Essa informação foi confirmada na coleta do perfil dos usuários, quando foi possível verificar nuances entre diferentes classes sociais, faixas etárias, gêneros, localidades, conferindo à Praça Santos Dumont um caráter de espaço público diversamente apropriado.

Os fluxos predominantes contornam as principais atividades observadas, sendo mais intensos durante o horário comercial. A maioria desses fluxos de passagem acontece nas ruas e calçadas que delimitam a praça, ligando diferentes bairros e estes com a UFSC, com poucos usuários entrando efetivamente no espaço da praça. Eventos periódicos também são significativos para o processo de apropriação, trazendo uma diversidade e quantidade de usuários quando acontecem.

Quanto às preferências dos usuários, destaca-se a preferência por estar nas áreas arborizadas, enquanto o mobiliário, especialmente os bancos considerados desconfortáveis, são apontados como deficitários, necessitando melhorias no sentido de melhorar as condições do espaço. Em termos de segurança, há usuários que afirmam sentir-se seguros, enquanto outros mencionam uma sensação de insegurança, especialmente durante a noite. Isso é atribuído à redução da presença de pessoas na área e nas proximidades durante esses horários, além da presença de moradores de rua que parecem incomodar os usuários de estratos de renda mais elevados.

Esta leitura empírica ressalta a importância deste espaço para a cidade e para o entorno imediato em que se insere. Um espaço como a Praça Santos Dumont, reunindo cotidianamente fluxos de passagem e atividades de permanência, moradores locais e transeuntes, diferentes estratos sociais e diferentes faixas etárias, tem um papel importante na vida urbana, resgatando aquilo que a cidade tem de mais importante: a possibilidade de reunir diferenças sociais num mesmo espaço, possibilitando interfaces que, de certo modo, resgatam modos de sociabilidade em permanente transformação.

A leitura constitui, também, importante etapa para um possível processo de qualificação espacial da praça. Pode propiciar uma maior consciência ao trabalho do profissional arquiteto, através do entendimento das relações entre estrutura espacial e possibilidades de apropriação cotidiana. Apesar das recentes intervenções, a praça ainda apresenta diversos problemas espaciais, que certamente devem ser abordados: espaços públicos necessitam de constante monitoramento no sentido de otimizar condições de uso e apropriação. O método empregado, reunindo diferentes trabalhos e diferentes autores, pode ser replicado em outros estudos de casos similares, pois oferece diferentes nuances da análise da apropriação e reflete sobre potencialidades da forma urbana enquanto cenário ativo neste processo. Ademais, pode ser utilizado no ensino de arquitetura e urbanismo, introduzindo os futuros arquitetos na reflexão acerca da importância de nossos espaços públicos, levando a problematizar atributos arquitetônicos relacionados ao processo de apropriação, ajudando no processo de projeto e desenho do ambiente urbano.

Em termos teóricos, o trabalho destacou a importância de compreender como as características físicas, a distribuição do uso do solo e as características topográficas, influenciam a apropriação dos espaços públicos. Certamente esta é uma temática a ser inserida de modo mais pleno no currículo de nossas escolas de arquitetura, em especial nas disciplinas de projeto arquitetônico e projeto urbanístico. Trata-se de uma dimensão fundamental das cidades, e elemento fundamental da vida urbana.

A Praça Santos Dumont, espaço urbano carregado de atributos gerados no processo histórico de crescimento da cidade, mostra-se também como um local de urbanidade onde a diversidade acontece no cotidiano. A análise aprofundada desse local revelou-se de grande importância para a compreensão das ambiências urbanas presentes no dia a dia da cidade. Urbanidade, nesse contexto, não é apenas um

conceito abstrato, mas uma dinâmica que molda a vida urbana, ressaltando a necessidade contínua de cultivar ambientes que promovam diversidade social, interação e espaços qualificados para os frequentadores do espaço urbano.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray. **Uma Linguagem de Padrões: A pattern language**. 1ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- ANDERSON, Stanford. **Calles: Problemas de estructura y diseno**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1981.
- ANDERSON, Stanford. **Las Personas en el Medio Ambiente Físico: Ecologia de las calles**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1981a.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, p. 162. 2015.
- BATISTA, Ramony Pereira; BORTOLO, Carlos Alexandre. Os Usos Dos Espaços Públicos: A praça e sua dinâmica na cidade atual. **GEO UERJ**, Rio de Janeiro, n. 40, 2022. DOI: 10.12957/geouerj.2022.51763
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html
- BUENO, Ayrton Portilho; REIS, Almir Francisco; SABOYA, Renato Tibiriçá de. **Sintaxe Catarina**. 1ª edição. Florianópolis: Editora UFSC, 2017.
- CABRAL, Thalyne Nadja Dittert; ROSSETTO, Adriana Marques; SABOYA, Renato Tibiriçá de. Espaço Público e Urbanidade: estudo da influência de aspectos morfológicos locais sobre a utilização de praças em Florianópolis. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v. 4, p. 151-170, 2016.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: Editora UFSC, 1971 (4 volumes).
- CALDEIRA, Júnia Marques. **A Praça Brasileira, Trajetória de um Espaço Urbano: Origem e modernidade**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- CARVALHO, Manuela Cristina Rego; ATAÍDE, Ruth Maria da Costa. Intervenções temporárias no espaço público da cidade de Natal - RN: O caso do movimento Eco Praça. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 7, n. 1, p. e00051, 2019. DOI: 10.47235/rmu.v7i1.51.
- CARVALHO, Thereza; PACHECO, Fernanda. Cidade, modos de ver e de fazer vitalidade urbana no dia a dia. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 7, n. 1, p. e00062, 2019. DOI: 10.47235/rmu.v7i1.62.

- CAVALCANTE, Sylvia; ELIAS, Terezinha Façanha. Apropriação. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011. cap. 5, p. 63-69.
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: Utopias e realidades, uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- COLE, Emily. **História Ilustrada da Arquitetura**. 1ª edição. São Paulo: Publifolha, 2011.
- CORBUSIER, Le. **Por Uma Arquitetura**. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- CORBUSIER, Le. **Urbanismo**. 2ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.
- COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. **Fundamentos de Morfologia Urbana**. 1. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2015. 234 p.
- FLORIANÓPOLIS. SECRETARIA MUNICIPAL DE INFRAESTRUTURA. **Prefeitura vai iniciar revitalização da Praça da Trindade**: mais uma obra do programa praça viva que contribui para a valorização de conjunto histórico da cidade. 2021.
Disponível em:
<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina=23017>. Acesso em: 16 maio 2022.
- GEHL, Jan. **Life Between Buildings: Using public space**. New York: Island Press, 2011.
- GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **Vida Nas Cidades: Como estudar**. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- GOETTEMS, Renata. **Urbanidade Desperdiçada: O caso das praças de Joinville (SC)**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- GOITIA, Fernando Chueca. **Breve História do Urbanismo**. 4ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- HILLIER, Bill. **Space is the machine: configurational theory of architecture**. London, United Kingdom: UCL, 2007.
- HILLIER, Bill; HANSON, Julianne. **The Social Logic of Space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, 281 p.
- HOLANDA, Frederico De. **O Espaço de Exceção**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- HOLSTON, James. **A Cidade Modernista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de Amanhã**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 510 p.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília, DF: Editora da UnB, 1996. 253 p.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. 5ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. 590 p.

LETTIERI, Ana Paula Pereira de Campos; SANTOS, Valdir Junio dos Santos. Produção do Espaço Urbano e Espaços Livres Públicos: usos e apropriações. **Revista Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, n. 17, 2019.

LIMA, Débora. **Ilha de Santa Catarina: desenvolvimento urbano e meio ambiente**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 227 p.

MACHADO, Fábio Grei; REIS, Almir Francisco. Expansão urbana e espaço público: a inserção das praças e áreas verdes nos loteamentos em Tijucas (Santa Catarina) | Land parceling and the creation of open public spaces for collective use in Tijucas (Santa Catarina). **Oculum Ensaios**, v. 18, p. 1–19, 2020.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História: Suas origens, transformações e perspectivas**. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NARCISO, Carla Alexandre Felipe. **Espaço Público: Desenho, organização e poder**. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008.

OLIVEIRA, Élzio do Espírito Santo. **Entrevista concedida à Lara Lima Felisberto**. ago, 2023.

OLIVEIRA, Luciana Albieri de; MENEZES, Wanellyse Sousa. Morfologia urbana e sistema de espaços livres: estudo de caso das unidades de vizinhança em Palmas-TO. **Paisagem e Ambiente**, n. 41, p. 109-124, 2018. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i41p109-124.

PEPONIS, John. Espaço, Cultura e Desenho Urbano no Modernismo Tardio e Além Dele. **EKISTICS**, v. 56, n. 334/5. jan-abr, 1989. Traduzido do original em inglês por Frederico de Holanda.

REIS, Almir Francisco. **Forma e Apropriação dos Lugares Públicos: Um estudo sintático no centro de Florianópolis (SC)**. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano) – Universidade de Brasília, Brasília, 1993.

REIS, Almir Francisco. **Permanências e Transformações no Espaço Costeiro: Formas e processos de crescimento urbano-turístico na ilha de Santa Catarina**. Tese

(Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SABOYA, Renato Tibiriçá de; BITTENCOURT, Sofia; STELZNER, Mariana; SABBAGH, Caio; MORO BINS ELY, Vera H. Padrões de visibilidade, permeabilidade e apropriação em espaços públicos abertos: um estudo sintático. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 164.01, Vitruvius, jan. 2014

SANTOS, Isabella Falk dos; BOTECHIA, Flávia Ribeiro. Usos e ocupação do solo: apropriações dos espaços públicos na praça Regina Frigeri Furno, Vitória-ES. **Revista de Morfologia Urbana**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2023. DOI: 10.47235/rmu.v11i2.301.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: Tirantias da intimidade. 5ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SITTE, Camilo. **A Construção Das Cidades Segundo Seus Princípios Artísticos**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1992.

SOMMER, Robert; SOMMER, Barbara. **A practical guide to behavioral research: Tools and techniques**. 4th edition. USA: Oxford University Press, 1997.

TENÓRIO, Gabriela de Souza. **Ao desocupado em cima da ponte**: Brasília, arquitetura e vida pública. 2012. 391 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

TEORIA DO ESPAÇO URBANO. **Imagem: Charles Fourier e a Cidade Garantista**. Disponível: <https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/charles-fourier-cidade-garantista.jpg>. Acesso em 26 out. 2023

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina: A Ilha**. 2ª edição do livro digital. São Paulo: Iba Mendes Editor Digital, 2019.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis**: memória urbana. 3ª edição. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.

VOIGT, André Fabiano. Memória do Bairro Trindade em Florianópolis. **Revista Ágora**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 111-123, 2011. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/387/pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

WHYTE, Willian Holly. **The social life of small urban spaces**. 3rd edition. New York: Project for Public Spaces, 2004.

APÊNDICE A – ENTREVISTA – APROPRIAÇÃO DA PRAÇA SANTOS DUMONT

Questionário aberto

1. Você costuma frequentar a praça? Quantas vezes por semana e em quais períodos do dia?
2. A sua passagem/permanência na praça é opcional ou necessária?
3. Geralmente você passa por ela ou permanece?
4. Você costuma passar por dentro da praça ou pelas calçadas ao redor dela? Por que?
5. O que você mais gosta nesse lugar? (Aspectos positivos)
6. O que você menos gosta nesse lugar? (Aspectos negativos)
7. O que você costuma fazer na praça?
8. Você sente alguma emoção específica ao passar ou permanecer na praça? (Adaptada depois do estudo piloto para: O que você sente ao passar ou permanecer na praça?)
9. Quais são as lembranças que você tem ao estar nesse lugar?
10. Você mudaria algum elemento na praça? Qual?

Questionário fechado

Delimitar em escala de 0 a 5 uma nota para os seguintes aspectos considerando 0 (péssimo), 1 (muito ruim), 2 (ruim), 3 (neutro), 4 (bom) e 5 (muito bom).

- () Mobiliário
- () Manutenção geral do espaço
- () Segurança
- () Espaço de Exercícios
- () Playground
- () Acessibilidade

Perfil do Usuário

Escolaridade: () fundamental incompleto () fundamental completo () ensino médio incompleto () ensino médio completo () superior completo () pós graduação completa () mestrado/doutorado completo

Estado Civil:

Idade:

Gênero:

Naturalidade/Onde mora:

Local de Trabalho:

Renda: () até 2 salários mínimos () de 3 a 5 salários mínimos () de 6 a 10 salários mínimos () acima de 10 salários mínimos.

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS REALIZADOS COM OS USUÁRIOS DA PRAÇA SANTOS DUMONT – QUESTIONÁRIO ABERTO

1. Você costuma frequentar a praça? Quantas vezes por semana e em quais períodos do dia?

Respostas:

- Duas vezes por semana, geralmente na quarta-feira. Para ir na universidade ou no mercado.
- Sim, para caminhar às 18 horas.
- Sim, uma vez por mês a noite e duas vezes por semana de manhã
- Sim, não tenho definido
- Sim, passo em frente praticamente todos os dias, pela manhã e final de tarde/começo da noite
- Costumo trazer minha filha no parquinho da praça. Viemos aos finais de semana no momento, com pouca frequência, pois, a mãe está com bastante demanda, sem tempo de levar a filha pra brincar. Risos
- Permanecer toda sexta feira de manhã
- Passeio algumas vezes durante a semana com meu filho. Geralmente pela tarde.
- Sim, todos os dias.
- Sim, 3 vezes por semana em média, no início da tarde.
- Sim, duas vezes na semana.
- Sim, duas a três vezes por semana
- Às vezes, geralmente de manhã as 10 da manhã
- Não, só estou esperando o táxi
- Sim, à noite
- Sim, uma vez por semana
- Costumo passar, permanecer é a primeira vez hoje
- Passar, todos os dias e permanecer é a primeira vez hoje
- Passar. 1 vez na semana na parte da manhã
- Sim. Passo por ela para ir a UFSC
- Passo pelo menos uma vez por semana, geralmente durante a tarde. Raramente sento em algum dos bancos para conversar com alguém ou descansar.
- Raramente
- Passo pela praça de segunda a sexta pelas manhãs e, às vezes, também no fds
- de segunda a sexta pela manhã
- Todos os dias
- Não
- Passo poucas vezes, durante a tarde.
- Passo 6 vezes por semana, no período do dia
- Geralmente é um local de passagem, principalmente durante o horário de almoço.
- Sempre passo por ali as 6 hrs da manhã
- Costumo passar pela praça. Em média 4 vezes por semana, nos períodos da manhã e tarde.
- Algumas vezes no mês, nem todas as semanas. Normalmente no período da manhã.
- Eu passo praticamente todos os dias, de manhã, tarde e noite

2. A sua passagem/permanência na praça é opcional ou necessária?

Respostas:

- Opcional (x12)
- Opcional para caminhar
- Opcional a noite e necessária de manhã
- Necessária (x13)
- Passagem opcional, em geral, estou a caminho do supermercado Imperatriz, a praça fica no caminho, é mais agradável passar por ela
- Na maioria das vezes, necessária, quando estou indo ao mercado.
- Ambas (x3)
- Necessária na maioria das vezes
- Opcional, pois posso fazer outro caminho, mas na maioria das vezes prefiro passar por ali

3. Geralmente você passa por ela ou permanece?

Respostas:

- Passo (x18)
- Permaneço (x5)
- Ambas (x4)
- Passo, do lado da rua do Shopping
- Duas vezes por semana eu passo e uma vez por mês permaneço
- Permaneço por alguns minutos, em média 40 min
- O tempo necessário para comprar na feira
- Permaneço por aproximadamente 5 minutos
- Passo, eventualmente a visito para eventos.
- Passo pra ir para as aulas, mas aproveito o sol

4. Você costuma passar por dentro da praça ou pelas calçadas ao redor dela? Por que?

Respostas:

- Pelas calçadas porque é mais fácil
- Pelas calçadas, porque não tem porque eu entrar se não vou naquela direção
- Pelas calçadas, porque é o caminho em direção à UFSC
- As duas, não sei
- Em ambas, depende do meu destino. Não tenho problemas em passar por dentro.
- Quando vou fazer uso da praça, passo por dentro. Mas quando vou no comércio local, passo pelas calçadas.
- Pelas calçadas ao redor, porque é mais rápido, dentro tem muita escada
- Sim, pra levar meu filho correr nas calçadas depois da renovação da praça ficou melhor.
- Só passo para ir ao trabalho.
- Passo pelas calçadas ao redor por ser mais rápido, e porque tenho receio de ser atingida pelos skatistas que fazem manobras ali.
- Nas calçadas quando estou com pressa e dentro quando preciso desacelerar alguns minutos nas atividades cotidianas.
- Por dentro, porque pego mais sol
- Dentro, porque venho só para usar ela
- Não costumo passar por aqui
- Permanecer, por causa do trabalho (na Praça)

- Por dentro, para minha filha brincar
- Ao redor, porque não acho bonita para passar por dentro
- Pelas calçadas porque o caminho é mais rápido
- Por fora o caminho é mais curto
- Calçadas ao redor
- Calçadas. Por que é o caminho
- Ao redor. É o caminho mais simples indo da UFSC sentido Imperatriz e lojas da Lauro Linhares, e não vejo nada atrativo pra me fazer desviar desse caminho
- Pelas calçadas por ser trajeto para o supermercado imperatriz
- Maior parte dos dias passo ao redor pq é o caminho mais curto
- Calçadas, pois é o caminho da faculdade
- Por dentro da praça
- Ao redor, menor caminho
- Calçada. Não vejo por que passar pela praça
- Pelas calçadas porque é mais estável e cômodo
- Ao redor. Geralmente são os caminhos mais curtos em relação aos locais que frequento nas proximidades
- Por dentro e ao redor
- Em geral pelas calçadas ao redor. Apenas entro em dias de feira que costumo passar por dentro da praça
- Na passagem é pelas calçadas ao redor
- Calçadas ao redor, porque é caminho para minha casa, mercado e farmácia próximos

5. O que você mais gosta nesse lugar? (Aspectos positivos)

Respostas:

- A sombra, a feira e os bancos
- Vejo muitas pessoas
- Os eventos: festa da laranja, calouradas e comer cachorro quente
- Não gosto de nada
- A arquitetura da praça é agradável, assim como a iluminação. Por enquanto, ela é muito bem cuidada e pode ser local de muitos momentos agradáveis em grupo
- Do parquinho. E do bater do sino da igreja quando estou pela praça
- A feira
- Parquinho
- Renovação do espaço, crianças brincando, iluminação, segurança e bem-estar
- Espaço amplo, bem iluminado e que passa segurança pela visibilidade
- A localização, fácil acesso e está perto de lojas, mercado, ponto de ônibus, UFSC e outros estabelecimentos. A sensação de segurança, consigo ter uma visão de todo que acontece nas ruas e dentro da praça
- As árvores
- O espaço pet é tranquilo
- Árvores
- Acho tranquilo
- O parque
- As árvores
- É tranquilo e tem pouca gente
- Gosto de tudo
- Vou à feira
- O chão
- Os eventos, quando existem, e a feirinha
- Parece seguro por ser movimentada e tem equipamentos culturais
- Árvores
- Sempre tem gente utilizando

- De ser bem aberto, sem mendigos/viciados/moradores de rua
- Pessoas nela
- É bastante arborizado
- As feiras
- Gosto de como é possível ver a igrejinha do campus a partir da praça
- Árvores e natureza
- Arborização e mobiliários
- É uma praça com um bom mobiliário, arborizada, aberta e bem iluminada. Então todos esses elementos fazem eu me sentir bem e segura
- Sombra das árvores

6. O que você menos gosta nesse lugar? (Aspectos negativos)

Respostas:

- Nunca parei para pensar
- Às vezes tem muita gente e é ruim para caminhar
- Não parece muito seguro a noite
- Não tem sintonia com o projeto da comunidade
- A presença de dependentes químicos
- Sinto falta de bancos com encosto, mães necessitam muito disso. Risos
- As escadas, tem muitas
- Pouca área verde e vegetação
- Poderia ter uma quadra de *beach tennis* para a comunidade
- Sinto falta de lugares mais confortáveis para sentar e permanecer por mais tempo, degraus e bancos de concreto não são confortáveis
- A localização, fácil acesso e está perto de lojas, mercado, ponto de ônibus, UFSC e outros estabelecimentos. A sensação de segurança, consigo ter uma visão de todo que acontece nas ruas e dentro da praça
- É pouco cuidada
- Gosto de tudo
- A de antes era malcuidada
- Muita bagunça quando tem festa da universidade
- Nada (x2)
- Falta de cuidado
- Os lixos na grama
- Muito concreto e escadas
- As árvores no caminho
- Acho que é uma praça um tanto fria, com muito concreto
- Talvez a presença de muitas pessoas
- Sujeira
- Falta paisagismo
- Acho show. Ficou muito tempo ocupada pelos mendigos. A ronda da polícia mantém a praça para todos
- Barulho de carros
- Do público
- As pessoas em situação de rua, usuários de droga, álcool
- Há alguns pontos cegos em relação a calçada da Rua Lauro Linhares
- Os bancos
- Escadas
- A passagem de pedestres no local do ponto de ônibus poderia ser maior
- Muito concreto

7. O que você costuma fazer na praça?

Respostas:

- Ir na feira e sentar nos bancos
- Caminhar ao redor
- Passear, ir em eventos e comer
- Só passar dentro ou fora caminhando
- Atravessar, caminhar ou ponto de encontro.
- Passeio com meu pet enquanto minha filha brinca no parquinho
- Ir na feira
- Brincar com meu filho
- Passar e caminhar com dog
- Passagem ou sentar para conversar com os amigos, encontros rápidos com eles. Tomar quentão na praça ou comer cachorro quente.
- Encontrar amigas antes de ir num evento e sentar alguns minutos antes de fazer compras
- Pegar sol e passar para ir ao comércio
- Dentro, porque venho só para usar ela
- Só estou aqui hoje
- Trabalho (na praça)
- Trazer a minha filha no parque
- Sentar nos bancos
- Sentar nos bancos e pensar na vida
- Descansar no intervalo do trabalho
- Vou a feira
- Passar
- Festa do Pida
- Passear com minha cachorra, frequentar a feira de verduras e afins
- Passar
- Sentar e observar
- Esperar
- Apenas passagem
- Passagem
- Normalmente uso como local de espera quando preciso encontrar alguém
- Andar e tomar alguma coisa
- Ir à feira de hortifrúti nas quartas pela manhã. Durante a Festa da laranja, ir nos finais de tarde com os amigos
- Levo meu cachorro pra passear, quando ele vai no banho eu fico esperando ele ficar pronto ali. E gosto de ir à praça pra relaxar a mente e ficar observando o entorno e as pessoas
- Muito raramente eu sento em algum banquinho e nos inícios de semestre frequento as festas que acontecem ali

8. O que você sente ao passar ou permanecer na praça?

Respostas:

- Não (Resposta do estudo piloto quando a pergunta era: “Você sente alguma emoção específica ao passar ou permanecer na praça?”)
- Ansiedade quando quero passar e não consigo e tem muita gente. Pertencimento
- Passear, ir em eventos e comer
- Decepção
- Uma sensação de movimento e juventude, uma vez que é indissociável da Universidade Federal

- Sinto, tenho um carinho pela praça, quando estava grávida caminhava bastante por ela
- Nada (x5)
- Emoção e lembranças da minha infância
- Segurança
- É um espaço para se desacelerar, eu adoro ficar alguns minutos antes de ir ao mercado
- Tranquilidade (x4)
- Eu me sinto bem e feliz
- Muito bem
- É limpa
- Cansado de caminhar
- Acho agradável olhar as árvores enquanto passo, mas quando estou sentada em algum lugar observando sinto que poderia ser melhor
- Conforto, mas ainda por ser um local público, um pouco de receio da insegurança
- Fico feliz por ter este espaço disponível perto de casa
- Uma ótima energia
- Agitação
- Desconforto
- Tento entender porque mesmo depois da revitalização ela ainda não mudou o caráter
- Não é um lugar que tenho alguma ligação particular, mas gosto de observar o movimento dela, sinto que é um local dinâmico que me agrada nesses aspectos
- Alegria
- Tranquilidade
- Me sinto bem e segura
- Dependendo do horário me sinto segura e as vezes um pouco desconfortável no período da noite ou madrugada

9. Quais são as lembranças que você tem ao estar nesse lugar?

Respostas:

- Não tenho lembranças (x5)
- Festa junina com minhas amigas e minhas caminhadas que amo fazer
- Quentão bom e passar a noite com os amigos
- Ruins
- Prefiro não responder
- De estar no centro de tudo, pois é assim que me sinto quando visito a praça
- Só da feira
- Tranquilidade
- Da minha infância
- Me remete as praças das cidades de interior
- As barracas de comida na festa junina especialmente um bom quentão para combinar com o vento sul de Floripa
- A festa da laranja (x3)
- Várias manhãs com meu melhor amigo (o cachorro)
- Quando eu morava perto
- Mais cuidado
- Local limpo e tranquilo
- Os primeiros dias de cada semestre meu na UFSC, ir à feirinha de hortifrúti com minha amiga bem cedinho e a festa junina
- Brincar nos brinquedos do Pida com os amigos da faculdade (temos 21 anos)
- Pida

- De lugar abandonado e sob o domínio de algumas pessoas ou das farras/brincadeiras dos calouros UFSC
- Festas, lixo, sujeira no chão, festa da laranja
- Lembro do meu irmão pequeno dizendo como tinha medo da praça.
- quando eu era criança ia no parquinho com minha irmã e comia biscoitos com glacê
- Festas universitárias e festa da paróquia da trindade são boas lembranças que tenho do local.
- Várias festas
- Não tenho lembranças específicas
- Acho que essa praça me lembra minhas primeiras semanas em Floripa e como ela fez eu me sentir parte da comunidade. indo na feira ou indo ali simplesmente passear.
- Pessoas sentadas conversando, praça vazia, feirinha, praça com muita gente nas festas

10. Você mudaria algum elemento na praça? Qual?

Respostas:

- Não (x8)
- Sim, colocaria mais espaço de estar perto do passeio público
- Sim, requalificação. Projeto de acordo com o que foi proposto pela comunidade
- Prefiro não responder
- Colocaria bancos com encosto, eles existiam antes da revitalização.
- Tiraria as escadas
- Sim colocaria mais brinquedos na praça é mais vegetação gramas etc.
- Sim. Colocaria uma quadra de vôlei e *beach tennis* e uma opção para as crianças, arborização para fazer *picnic* com as crianças pequenas. Também feiras de artesanato nos finais de semana
- Sinto falta de mobiliário que permitam interações com os usuários, espaços flexíveis que podem incentivar a criatividade das pessoas para realização de atividades diversas. Também a presença de muitas escadas e diferentes níveis podem limitar a permanência das pessoas com mobilidade reduzida.
- Os bancos, mais opções e com mais conforto. Faria um paisagismo mais atrativo
- Colocaria mais árvores e bancos mais confortáveis, com encosto
- Pouca coisa, eu gosto de tudo, mas pediria mais manutenção, vejo muito lixo e colocaria mais bancos
- Mais cuidado com o espaço
- Mais áreas verdes menos degraus
- O preço do cachorro quente
- Acho que ela é um tanto elevada da rua e não é muito convidativa. talvez se fosse mais bonita eu passaria mais por dentro dela e escolhesse permanecer também
- Existe hoje o parque construído pelo koerich no estreito perto da escola de marinheiros que tem uns equipamentos bem legais pra cachorro e crianças. A reforma terminou tem poucos dias e ficou muito legal, vale a pena talvez pegar como referência para o trabalho
- Colocaria muito mais bancos
- Plantaria mais árvores
- Pet place deveria ter outro revestimento
- Menos concreto
- Creio que podia ter uma monitoração maior, para tornar o ambiente mais familiar
- Mudaria o que fica debaixo da árvore grande
- Os pontos cegos (pequenos muros próximos das escadas) em relação à rua Lauro Linhares

- O nome, colocaria Pida de uma vez
- Melhoraria a acessibilidade
- Talvez ampliaria o local da calçada atrás do ponto de ônibus, mas não é algo que seja um grande incômodo no geral
- Eu tiraria boa parte do concreto do chão e colocaria mais árvores